

teatro da juventude

**Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura**



500 Anos de Dramaturgia Brasileira - Vol VII - Nº 29

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça
Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez



500 Anos de
Dramaturgia Brasileira

Teatro da Juventude

Ano 5 - número 29 - Abril de 2000

Supervisão geral: Tatiana Belinky
Editora: Erné Vaz Fregni
Revisão: Eliana Rocha
Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos
Editoração eletrônica: Peter Kompier
Consultoria: Prof. Milton Andrade
Capa: Flávio Império (in memoriam.)
Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp
Tiragem: 7 mil exemplares
Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01028-907
Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

A TEATRO DA JUVENTUDE, que desde a edição 23 vem traçando o roteiro dos “500 Anos de Dramaturgia Brasileira”, aborda neste número os anos 50, um período repleto de acontecimentos importantes.

Pode-se dizer que foi uma década marcada pelo ufanismo e liderada, em sua primeira metade, pelo presidente populista Getúlio Vargas, chamado de o “Pai dos Pobres”. Ditador, ele impôs uma política de proteção ao trabalhador.

Mais tarde, após seu trágico suicídio em 1954, surgiu o também populista Juscelino Kubitschek. Revelando um estilo extremamente diferente do anterior, o novo e sorridente presidente, empossado em 1956, implantou no país um clima de otimismo jamais vivido até então.

No jargão “Cinquenta anos em cinco”, JK resumia seu programa. As empresas se modernizaram, entraram investimentos estrangeiros e iniciou-se a construção de Brasília, a nova capital, que seria inaugurada a 21 de abril de 1960.

É a esse cenário de deslumbramento que pertencem as peças desta edição: *Só o faraó tem alma*, de Silveira Sampaio, *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, e *Dona Xepa*, de Pedro Bloch.

A primeira é uma sátira política inspirada pelo processo eleitoral que levou Getúlio Vargas de volta à presidência em 1950 e foi marcado pela onda queremista (do slogan “Queremos Getúlio”).

Quanto a *Pluft, o Fantasminha*, uma peça infantil que estreou em 26 de setembro de 1955, no Teatro da Gávea (RJ), obteve, para sua autora, o prêmio de revelação do teatro brasileiro e sagrou-se como sucesso absoluto de crítica e público.

Pedro Bloch, por sua vez, traduz em *Dona Xepa* o momento de transição e indecisão pelo qual o país está passando. Quando, na peça, questiona a sociedade emergente de então, o autor induz a uma reflexão que, sem sombras de dúvida, ultrapassa as barreiras do tempo e chega, com atualidade, aos dias de hoje.

Quem cuida da *Apresentação* da edição e explica em detalhes esse período é Zecarlos de Andrade, dramaturgo e coordenador pedagógico que teve o cuidado de esmiuçar os acontecimentos. Não deixe de ler.

Erné Vaz Fregni

S.O.S AOS GRUPOS AMADORES

É muito difícil manter um grupo teatral. Enfrentamos dificuldades e falta de apoio. No entanto, graças a uma grande força de vontade minha e de meus amigos, estamos conseguindo nos manter, porém necessitamos de muitas informações.

Portanto, além da TEATRO DA JUVENTUDE, solicitamos materiais que contenham informações, desde como se faz para registrar um grupo teatral até a montagem de grandes espetáculos, biografias, etc. Qualquer material – até mesmo endereços onde possamos obter essas informações – será bem-vindo.

Eduardo Nicácio
Grupo Unidos pelas Artes Cênicas (UPAC)
Garulhos – SP

Desenvolvemos um projeto de atendimento à terceira idade com um total de 460 participantes. Solicitamos, portanto, o envio da TEATRO DA JUVENTUDE. Caso exista nessa Secretaria outro material que possa contribuir para o desenvolvimento cultural dos atendidos, solicitamos, se possível, o envio. Nossa necessidade maior refere-se a textos para apresentações teatrais adequadas à terceira idade.

Maria Aparecida G. M. de Oliveira – presidente
Centro de Lazer Nova Aurora
Botucatu – SP

Somos um grupo de teatro em fase iniciante e recentemente tivemos contato com a TEATRO DA JUVENTUDE. Como todo grupo nessa situação, temos dificuldades em adquirir textos. Por esse motivo, resolvemos escrever solicitando o recebimento dessa revista, bem como de números atrasados que porventura não tenham se esgotado.

Caso algum diretor de São Paulo leia essa carta e queira nos ajudar enviando textos e

trabalhos com esclarecimentos técnicos, favor entrar em contato, já que o trabalho de alguém com conhecimento superior ao nosso é bem-vindo. Favor entrar em contato com a gente pelo seguinte e-mail: carloscavalcante@atleta.mailbr.com.br.

Toda e qualquer ajuda nos será bem-vinda. Sem mais, parabêniz-os pelo excelente trabalho.

Carlos Cavalcanti – diretor
Cia. Teatral Carlos Cavalcanti
Sorocaba – SP

TEATRO DA JUVENTUDE EM OUTROS ESTADOS

Vimos por meio desta solicitar a doação de livros sobre artes cênicas em geral (textos, estudos, biografias etc.) para pesquisa e utilização nos cursos e oficinas que ministramos em Mato Grosso do Sul. Nosso grupo tem treze anos de existência, tendo montado oito peças teatrais, com trabalho específico na área de teatro infanto-juvenil. Contamos com o vosso apoio para que possamos enriquecer nossos conhecimentos e melhorar a nossa produção teatral.

Jair Oliveira – diretor
Grupo Teatral Unicórnio
Campo Grande – MS

A Fesmat – Federação Sul-Matogrossense de Teatro vem, por meio desta, solicitar a doação de livros sobre artes cênicas em geral (textos, estudo, biografias etc.) para compor o acervo de nossa biblioteca. A Fesmat tem vinte anos de trabalho, congrega 44 grupos e 237 filiados, e nossa biblioteca possui 114 livros, 55 fitas de vídeo sobre teatro, além de um banco de textos. Atende a filiados e à comunidade. Contamos com o vosso apoio para que possamos

enriquecer o nosso acervo e melhor atender aos interessados nas artes cênicas no Estado de Mato Grosso do Sul.

Jair Oliveira – presidente
FESMAT
Campo Grande – MS

Tivemos a oportunidade de conhecer um fascículo da *TEATRO DA JUVENTUDE* por meio de um professor. Na nossa escola temos um projeto chamado “Educando com Artes”, que funciona gratuitamente para a comunidade carente. É uma oportunidade que nossa instituição proporciona àqueles que não têm condições financeiras para frequentar e participar das escolas tradicionais de arte dramática da nossa cidade. Solicitamos desta importante Secretaria o envio de todos os números editados e também das futuras edições.

Maria Indene Nobre de Lima – diretora
Educandário Paraíso da Cultura
Crato – CE

Resposta: Já providenciamos o envio das edições disponíveis.

SOLICITAÇÃO DA “TEATRO DA JUVENTUDE”

Desde 1995 venho realizando, com meu grupo de amadores, um trabalho com a proposta de levar o teatro à escola e vice-versa. Para que eu possa desenvolver melhor este trabalho, venho por meio desta solicitar dessa Secretaria exemplares da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Já encenamos quatro espetáculos com textos da revista: “A sopa de pedra” e “Quem casa quer casa – ou não?”, de Tatiana Belinky, e também “Fofo, meu amor” e “Cupido & Stanislávski”, de Ricardo Gouveia. Aproveito a ocasião para parabenizar os membros da Comissão Estadual de Teatro

pela qualidade dos textos publicados na revista.

Julio Cesar Carrara – coordenador do grupo
Companhia das Artes Dramáticas
Votorantim – SP

Conhecemos a *TEATRO DA JUVENTUDE* na EE. Prof. Vicente Peixoto, onde a maioria dos integrantes do nosso grupo de teatro amador Cia Garatuja estuda. Vimos, portanto, solicitar a gentileza do envio da revista a partir do número 23.

Mário Augusto Pavani – diretor
Cia. Garatuja de Teatro Amador de Osasco
Osasco – SP

Socorro! Fiz um cursinho de teatro e estou tentando passar o que aprendi para os meus conterrâneos. São vinte pessoas, entre crianças e adultos. Estou tendo grande dificuldade em relação a bons textos. Praticamente moro na roça, o que dificulta ainda mais. Tenho trabalhado com esquetes que eu mesma escrevi e aproveito também alguns textos do curso. Meus “alunos” não agüentam mais apresentar sempre as mesmas peças, e nem eu agüento tal “sacrifício”. Soube da *TEATRO DA JUVENTUDE* e encontrei na publicação uma tábua de salvação. Imploro para que me mandem alguns exemplares da revista (podem ser velhos, rabiscados, não tem problema). Em nome da arte, peço-lhes: Socorram-me!

Valdir Martins dos Alves
Paraibuna – SP

Oiii pessoal da *TEATRO DA JUVENTUDE*. Tenho doze anos e quero parabenizá-los por esse trabalho exemplar, aliás, mais que exemplar – maravilhoso. Eu soube da existência da revista na biblioteca da minha escola. Quando encontrei aquele montão de livros falando de teatro, fiquei enlouquecida e pedi para a coordenadora para ler todos. Gostei muito, muito mesmo, e já montei na

escola a peça “O crime da cabra”, publicada na edição 21. Foi um acontecimento importante. Sou apaixonada por teatro desde os sete anos e já participei de vários grupos. Gostaria que me enviassem os números 1, 2, 13, 14 e 24. Prometo que vou fazer bom proveito deles. Muito obrigada e um grande abraço a todos.

Pamela Camila Pércio
Americana – SP

Por meio de um curso patrocinado pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Embu das Artes, soubemos que a Secretaria do Estado de São Paulo da Cultura fornece a revista TEATRO DA JUVENTUDE gratuitamente, para auxiliar o trabalho dos professores. Gostaríamos portanto de participar, recebendo a revista para ajudar no trabalho pedagógico.

Olindina J. Lima – coordenadora
EMEI Isis Cristina
Embu – SP

Nossa biblioteca, a Vinicius de Moraes, atende mais de oitocentos alunos, do ensino fundamental ao ensino médio. Para enriquecer nosso acervo e aprimorarmos nossas técnicas teatrais, gostaríamos de solicitar nosso cadastramento junto a essa Secretaria a fim de recebermos a revista TEATRO DA JUVENTUDE.

Neyde Neves Silva Muller – diretora
Colégio Petrópolis
São Bernardo do Campo – SP

Trabalhamos com crianças e precisamos de textos simples e objetivos para melhor compreensão, facilidades que foram encontradas na TEATRO DA JUVENTUDE. Vimos por meio desta solicitar a remessa de todos os exemplares da publicação. Em maio de 1999 participamos do Mapa Cultural,

promovido por essa Secretaria, e obtivemos a 2ª colocação na fase municipal. Todos os grupos participantes tiveram o prazer de receber essa obra de extrema importância para os grupos amadores do Estado de São Paulo. Gostaríamos de saber se essa Secretaria possui cursos de interpretação, sonoplastia, figurino, adereços, entre outros, e como é possível se inscrever para participar dos referidos cursos.

Clayton Almeida de Novais – diretor
Associação Cultural Grupo Teatral “Só de Raiva”
Taboão da Serra – SP

Resposta.: Prezado Clayton, para obter informações atualizadas sobre as oficinas culturais, entre em contato com o Departamento de Formação Cultural desta Secretaria. O telefone é 3351-8090.

Após conhecermos a TEATRO DA JUVENTUDE, vimos que é de grande benefício para o aprendizado do nosso grupo. Fundado em abril de 1999, após a conclusão da oficina de teatro da Fatec Jr, está desenvolvendo um trabalho de aperfeiçoamento teatral por meio do estudo e da interpretação de textos da dramaturgia nacional e internacional e vem apresentando esquetes e performances teatrais em Guarulhos. Vimos, portanto, solicitar as edições da revista.

Márcio Vanil Ribeiro
Grupo Tal's
Guarulhos – SP

Sou estudante de artes cênicas e coordenador de uma oficina cultural. Venho solicitar o recebimento da TEATRO DA JUVENTUDE, com o objetivo de conhecimento de textos e de novos autores, para trabalhos de dinâmica com o grupo teatral.

Gilvan Rodrigues – coordenador
São Paulo – SP

**SOLICITAÇÃO DA "TEATRO DA
JUVENTUDE" POR FORMULÁRIO
PUBLICADO NO FINAL DA REVISTA**

Gilson de Carvalho
Universidade Mackenzie
São Paulo – SP

Babiano Eloi Jr.
Cia. Bell'arte
Mogi Guaçu – SP

Cláudia Lúcia Cavenaghi
E.E. Prof. Aparecido Euzébio Torres
José Bonifácio – SP

Claudia D'Ávila
Cia. de Teatro "Luiz Carlos Arutim"
Barretos – SP

Antonio C.N. Pinto
Fundação das Artes
Sesu – SP

Fabiana Godoy
Teatro-Escola Fabiana Godoy
Botucatu – SP

Paulo Cesar Cedran
E.E. Dorival de Carvalho
Matão – SP

José Vieira Ferreira
Cia Andarilhos do Teatro
Osasco – SP

Maria do Socorro
Centro de Convivência
Hortolândia – SP

Jorge Fantini
Espaço Teatro Escola Sia Santa
Campinas – SP

Eliana Bach
Clownstofóbicos (La Bayadére)
São Paulo – SP

Willina Gilio
Igreja do Evangelho Quadrangular
Osasco – SP

Robson dos Santos
Associação Cultural Teatro Experimental
Mogiano
Mogi das Cruzes – SP

Márcia Silva
Assessoria de Educação do Município de Cotia
Cotia – SP

Resposta às solicitações do Estado de São Paulo: As revistas podem ser retiradas na Secretaria do Estado da Cultura, Departamento de Artes Cênicas (3º andar), ou na Delegacia Regional de Cultura mais próxima. Informações com Glória Inês pelo telefone (11) 3351-8055 ou 3351-8051.

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

O ENDEREÇO É:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907

Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

APRESENTAÇÃO

O TEATRO E OS ANOS JK	10
Zecarlos de Andrade	

TEXTOS

SÓ O FARAÓ TEM ALMA	15
Silveira Sampaio	
PLUFT, O FANTASMINHA	39
Maria Clara Machado	
DONA XEPA.	53
Pedro Bloch	

O TEATRO E OS ANOS JK

“Autores captam o espírito do momento e fazem do palco um espelho onde comentam com perspicácia e criatividade as rotas, caminhos e atalhos que levavam o Brasil ao encontro de seu promissor milagre”

Zecarlos de Andrade*

Já tínhamos passado da primeira metade do século XX. O irmão de Nelson Rodrigues, Mário Rodrigues Filho, dá nome ao maior estádio de futebol do mundo: o Maracanã. Trinta anos depois da campanha renovadora da Semana de 22, a I Bienal de São Paulo, uma idéia de Cicillo Matarazzo, abre suas portas e coloca a terra de Pindorama em sintonia com a última modernidade nas artes plásticas, consagrando o escultor Brecheret e o pintor Aldemir Martins. As residências começam a abandonar o rádio, cometendo a infidelidade de trocá-lo pela televisão, que chega com força total e anunciando-se como o grande veículo de comunicação de massa. Em São Paulo, celebra-se o IV centenário da maior cidade da América Latina, e o arrojo do Parque do Ibirapuera, com a obra de Oscar Niemeyer, dá mostras ao mundo da dimensão do talento de seu arquiteto.

No Rio de Janeiro, um tiro no coração encerra uma etapa de nossa política, e, para cúmulo da desgraça, duas polegadas nos quadris roubam da baiana Marta Rocha o título de Miss Universo. Paralelamente ao movimento urbano, surge a primeira Liga Camponesa, uma espécie de sindicato rural, sinalizando o início de uma era de mudanças. Juscelino Kubitschek é eleito com três milhões de votos, espantando para longe qualquer resquício de pessimismo e trazendo nas asas do vento a imagem de um presidente bossa-nova, que esbanja sorrisos e pretende “fazer”

cinquenta anos em cinco. A idéia de transferir a capital do país para o coração do cerrado, no recôndito do Planalto Central, lança nos ares um clima de verde esperança.

É uma época de euforia e otimismo, e começamos a acreditar que tudo vai dar certo. É tempo de

brilhantina no cabelo, óculos Ray-ban tanto de dia como de noite, conjunto Ban-lon para as garotas, brim Coringa para os rapazes, e a propaganda, que sempre foi a alma do negócio, divulga um novo produto sem explicar muito bem para o que serve: Modess.

O povo volta a sorrir e abre-se espaço em nossos palcos para a comédia que coloca

“Abre-se espaço em nossos palcos para as imagens caricatas de uma burguesia ascendente.”

sobre o tablado as imagens caricatas de uma burguesia ascendente, que explode em gargalhadas ao ver refletidas suas mazelas e seus sonhos feitos de retalhos. O Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), com quase dez anos de vida, contrata o diretor Alberto D’Aversa, que estréia com enorme sucesso de crítica e de público a peça *Rua São Luís, 27 – 8º*, de Abílio Pereira de Almeida. Mais um pouco e Gianfrancesco Guarnieri põe em cena os princípios da sociedade alternativa em *Eles não usam black tie*, fazendo do Teatro de Arena um templo de renovação. É um período favorável à iniciativa teatral, e o público busca nas casas de espetáculo a relação interativa que uma incipiente indústria televisiva não é capaz de proporcionar.

As nítidas contradições da moral burguesa, do tipo “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”,

características desse momento de reformulação social, aparecem com todas as suas cores na obra de Silveira Sampaio, que critica as “fachadas” e as “conveniências” como formas viáveis de manutenção do casamento. A inteligente graça do autor da “trilogia do herói grotesco” é original e tem sua própria espontaneidade, não utilizando nenhum dos padrões anteriores. É interessante observar como Silveira Sampaio cria seus personagens como se os desenhasse. Seus traços psicológicos parecem nascer dos rabiscos rápidos de um caricaturista que se diverte muito com o que faz, revelando ao público espectador imperfeições escondidas sob a forma de simpática hipocrisia, coberta pelo necessário e oportuno véu da moralidade de circunstâncias. O comediógrafo Silveira Sampaio revela-se hábil em achados que conduzem a ação dramática para o terreno do inesperado, sempre com um brilho próprio que diverte o público de maneira inteligente e o conduz, mesmo à revelia, a uma inevitável reflexão amarga e cínica, obrigando-o a repensar seus fantasmas.

Pluft não se insere na galeria dessas assombrações que perseguem o cidadão aparentemente sem culpa. Ele é um fantasmilha tímido, quase medroso, cheio de emoções que transbordam de sua essência etérea, fazendo-o fugir de seu maior pesadelo: gente. A obra de Maria Clara Machado, responsável pela

escola de teatro Tablado na cidade do Rio de Janeiro (até hoje um dos grandes celeiros de nossos palcos), é construída a partir de um elemento altamente significativo, que é o contato direto com seu público-alvo: a criança espectadora. Maria Clara inseriu em seu texto toda a experiência acumulada como diretora, demonstrando profundo conhecimento da linguagem e do código teatral. Aquilo que em outras montagens é atribuição do encenador nos textos de Maria Clara já chega com orientação definida, caminhos indicados, planos traçados e resultados a serem estrategicamente alcançados. A comunicação com o público, que em Silveira Sampaio é produto do pingue-pongue entre o palco e a platéia, é rompida por Maria Clara, que usa todo o espaço do teatro para envolver os espectadores, criando um clima sensorial de deliciosa cumplicidade. “Faraós” e “fantasmas” são parentes em humor e senso poético, que os colocam no mesmo barco em

direção ao mesmo porto: servirem de porta-vozes para transmitir as ácidas mensagens que duramente criticam a sociedade que os criou. Tanto no *Faraó* como em *Pluft*, poesia e humor caminham lado a lado, fundindo-se em uma só ferramenta, já que a própria poesia dos textos se encontra encaixada na fantasia cômica que os envolve. Um sótão habitado por fantasmas é tão inverossímil quanto um palácio no antigo Egito, e esses dois cenários só ganham perspectiva de realidade quando vistos pelo ângulo da metáfora. Sob esse aspecto, Maria Clara e Silveira Sampaio captaram o espírito do momento que viviam e fizeram do palco um espelho onde comentaram com bastante perspicácia e criatividade as rotas, caminhos e atalhos que levavam o Brasil ao encontro de seu promissor milagre. Há que lembrar que naquela mesma época, de mãos dadas com o povo que não usa black tie, Nelson Pereira dos Santos projeta nas telas, ainda em preto e branco, a nada colorida realidade da favela em *Rio, 40 graus*, apontando a miséria e a

“Pedro Bloch traduz a inquietação de um momento de metamorfose social.”

violência como os maiores fantasmas de um universo nunca sonhado pelos faraós da nova “cap”. É o momento em que se dá voz aos desconsiderados, aos excluídos que, além da fome, lutam contra a ignorância para garantir a si mesmos condições mínimas de subsistência. É a árida

realidade dos que ainda se contentam com pouco e, discretamente, recolhem os restos do banquete na hora da xepa.

É nesse instante que entra Pedro Bloch, um bem-sucedido homem de teatro que, à sua maneira, também soube traduzir a inquietação de um momento de metamorfose social, durante o qual os aspirantes ao paraíso do mundo burguês fazem de tudo para continuar em sua escalada, mesmo que seja inventar uma “válvula isocrônica”, seja lá isso o que puder ser. A possibilidade de se tornar emergente em um panorama sedutor compensa o pecado de abandonar voluntariamente as próprias origens. É mais ou menos este o caso do Maestro de Coro do *Faraó* de Silveira Sampaio, que não hesita em dar as costas às forças proletárias que o apóiam, desde que seja ele mesmo o proprietário de uma alma, privilégio antes concedido apenas ao mandatário máximo da terra das pirâmides.

Pedro Bloch escreve personagens para que atores possam explorar ao máximo toda a sua potencialidade cômica, assim como Silveira Sampaio muitas vezes escreveu para si mesmo, também ele dotado dessa potencialidade, e Maria Clara, integrante desse ciclo, escrevia diretamente para os seus atores-alunos, com os quais testava dia após dia o esboço de cada uma das cenas. Há em Pedro Bloch uma intenção sincera de refletir o momento de indecisão em que a grande maioria dos brasileiros, dependendo ainda do magro salário mínimo, sonha pertencer ao “high society”, rejeitando suas origens nada “high”. Dona Xepa é a trajetória, ainda que pálida, dessa burguesia em busca de sua trilha, investigando e experimentando possibilidades muitas vezes distantes de seu raio de alcance. O personagem é autêntico e legítimo quando se aventura em um ambiente que não lhe pertence e não trai seu próprio perfil, fazendo-se passar por quem não é e nem pode ser. Assim como Pluft não pode ser gente, Maribel não pode ser fantasma e o Maestro do Coro não poderá nunca chegar a faraó. Todos sofrem de uma insatisfação insustentável que os leva a pôr em cheque os seus próprios valores. Pedro Bloch é de todos talvez o mais ingênuo, porque sua estrutura dramatúrgica reconduz os personagens, depois de intenso conflito, ao ponto de partida, como se nenhuma outra saída lhes

estivesse reservada senão a de acomodar-se à casta a que pertencem. Mas, para que não sobre na boca um travo de desapontamento, tudo está bem quando bem acaba, e todos parecem arrependidos de terem sonhado alçar um vôo mais alto e, disfarçados pela máscara de uma providencial e fugaz felicidade, conformam-se com os baixos da realidade. Se o Maestro do Coro é executado pelo General do Faraó, porque naquele grupo, decididamente, não há espaço para ele, os piratas que assustam Pluft e Maribel acabam assustados pelos fantasmas, que fazem apenas aquilo que se espera que possam fazer: assombrar. É uma regra que coloca tudo em seus devidos lugares e, temporariamente, tem-se a impressão de que tudo está como sempre deveria ter sido e de que tudo que, provisoriamente, saiu dos trilhos, mais tempo, menos tempo, retorna ao seu lugar, para abrir uma brecha através da qual se instalam as inevitáveis e profundas transformações que, parodiando o romancista italiano Lampedusa em *O leopardo*, permitem que tudo fique exatamente como sempre foi.

*Zécarlos de Andrade é autor, ator, cenógrafo e coordenador pedagógico. Autor das peças “Dá-me o prazer desta contradaça” (Prêmio Minas de Cultura – 1995) e “Quadro Negro” (Prêmio Estímulo, da Secretaria do Estado da Cultura –1996), entre outras.

SÓ O FARAÓ TEM ALMA

Silveira Sampaio

PERSONAGENS:

Faraó
Mulher do faraó
Conselheiro
Sacerdote
Jaftás
General
Maestro
Fâmulo (Amenetep)

PRIMEIRO ATO

Cenário: Palácio do faraó.

FARAÓ

Mas isso é uma grande maçada...

MULHER DO FARAÓ

O maior despautério que eu já ouvi até hoje...

SACERDOTE

Também eu, também eu...

CONSELHEIRO

Mas a verdade é que estamos diante de um fato consumado.

MULHER DO FARAÓ

Não podemos fazer com que os guerreiros corram essa gente?

CONSELHEIRO

Não.

FARAÓ

Mas não podemos ir contra os desejos de Osíris... E pela vontade de Osíris...

TODOS

Só o faraó tem alma!

FARAÓ

Exatamente... Exatamente... Nós não podemos ir contra Osíris, distribuindo uma alma para cada habitante do Egito.

MULHER DO FARAÓ

Eu também acho. Sou inteiramente contrária a reivindicações nesse sentido. Eu, que sou a mulher do faraó, não tenho alma, e creio que, se os sacerdotes de Osíris fossem distribuir novas almas, a mais indicada para receber a primeira seria eu. No entanto, renuncio. Que se cumpra o desejo de Osíris. Só o faraó tem alma.

FARAÓ

A alma do faraó está à disposição de sua amada esposa.

MULHER DO FARAÓ

Obrigada, faraó.

CONSELHEIRO

Esperem, ouçam...

CORO

(Fora do palácio) Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

MULHER DO FARAÓ

Oh, mas são de um mau gosto incrível. Mandem-nos gritar em outro lugar. Aqui, à porta do palácio, incomodam-nos.

CONSELHEIRO

Mas a finalidade é exatamente incomodar.

FARAÓ

Bom... bom... Mas assim não pode ser... O faraó não pode ser incomodado. O faraó é filho de Osíris... E isso passa a ser um desrespeito ao próprio Osíris, que pode castigar a nação inteira. Calculem se ele amanhã não nos faz nascer o Sol...

MULHER DO FARAÓ

Eu acho que os senhores devem tomar uma providência... Mormente o senhor, que é sacerdote do templo. Com exceção do faraó, que é seu filho, conhece melhor Osíris que nós. Que diz o senhor sacerdote?

SACERDOTE

Eu preferia ouvir primeiro o conselheiro.

CONSELHEIRO

Eu acho que nós devemos ser absolutamente realistas. O povo inteiro quer alma. Creio que, para a própria estabilidade do império e do trono, nós devemos entrar em um acordo.

MULHER DO FARAÓ

Acordo? Explique-se!

CONSELHEIRO

Não haveria grande mal, antes traria grande popularidade para o faraó, se ele dissesse que todos os habitantes do Egito tinham alma...

SACERDOTE

Mas como? Quer me parecer que o senhor desconhece as leis de Osíris?

CONSELHEIRO

Claro que não desconheço. Todos nós sabemos que o faraó é filho de Osíris e que por isso só o faraó... *(Todos em coro)* ...só o faraó tem alma!

MULHER DO FARAÓ

Mas, então, aonde o senhor quer chegar? Impacienta-me a sua frieza...

CONSELHEIRO

Realmente, num momento como este é preciso ser frio. Todos nós sabemos e temos dado as maiores provas de nossa convicção de que só o faraó... *(Todos)* ...só o faraó tem alma! Ora, muito bem, mas isso não impede, antes ajuda, que nós possamos dizer aos outros que eles também têm alma!

FARAÓ

Mas eu não estou gostando muito dessa história...

CONSELHEIRO

Creio que daí não advirá maior perigo, porque na verdade eles continuarão sem alma... Na realidade só... *(Todos)*...só o faraó tem alma...

MULHER DO FARAÓ

Mas isso não é nada bom, porque eles começarão a proceder como se tivessem, e isso só virá trazer aborrecimentos...

(Recomeça o coro do “Nós queremos alma!”)

CONSELHEIRO

Isso também é um aborrecimento...

FARAÓ

Um aborrecimento que dura três dias.

MULHER DO FARAÓ

Eu só queria saber quem foi o idiota que foi dizer que eles precisavam de alma...

FARAÓ

Quem sabe se eles não estão necessitando de outra coisa... que nós possamos satisfazer... Não será fome?

CONSELHEIRO

Não, faraó – estão todos de barriga cheia. O que eles querem mesmo é alma...

FARAÓ

Isso é uma maçada...

CONSELHEIRO

Esse coro é outra...

MULHER DO FARAÓ

Mas os senhores é que devem decidir... Isso não pode continuar assim...

CONSELHEIRO

Eu já dei a minha opinião...

MULHER DO FARAÓ

O que diz o senhor, sacerdote?...

SACERDOTE

Como a minha opinião é a opinião de Osíris, eu prefiro que seja a última, a definitiva...

MULHER DO FARAÓ

Não resta mais ninguém opinar...

SACERDOTE

Creio que será interessante a opinião de Jaftás. Ele é o homem mais rico do império. Talvez nos sugira algo esclarecedor.

FARAÓ

É uma boa idéia... Boa idéia... Sempre é mais uma opinião.

MULHER DO FARAÓ

Que se introduza Jaftás...

(Sai um fâmulos; volta com Jaftás; enquanto Jaftás não chega, o coro volta; quando ele entra, pára.)

FARAÓ

Jaftás... Você como tem passado? Todos os seus bem?

MULHER DO FARAÓ

Jaftás, o faraó está necessitando de seus conselhos. Medite bem, Jaftás, porque de sua palavra depende a salvação ou a derrocada de toda a dinastia.

SACERDOTE

E a salvação ou a profanação de Osíris.

JAFTÁS

Creiam que colocarei o melhor do meu saber à disposição do faraó – tenho entretanto receio de que nada possa solucionar, uma vez que os ilustres ministros aqui presentes, pelo que vejo, não o souberam também fazer...

MULHER DO FARAÓ

Jaftás... você está a par de toda essa alevisia que se vem manifestando ao culto sagrado de Osíris. Certo que é do seu conhecimento que só... *(Todos)* ...só o faraó tem alma. Pois bem. Dada a conjuntura em que nos encontramos, o conselheiro político alvitrou que – embora sabedores de que só... *(Todos)*... só o faraó tem alma!... – poderíamos dizer aos habitantes do Egito que daqui por diante eles também têm alma. Isso faria com que eles fossem embora daqui de perto do palácio, cessariam esse maldito “Nós queremos” e nos deixariam dormir...

FARAÓ

Mas eu vejo um grande inconveniente nisso...

MULHER DO FARAÓ

Claro. O faraó acha mui sabiamente que eles

passariam a agir como se na verdade possuíssem alma, e isso iria produzir graves transtornos...

CONSELHEIRO

O meu argumento é que esse coro também é um transtorno...

MULHER DO FARAÓ

Que nos diz o rico Jaftás?

JAFTÁS

Qual foi a opinião do sacerdote?

MULHER DO FARAÓ

O sacerdote reserva-se para falar no fim.

JAFTÁS

O faraó permite que exponha livremente as minhas idéias?

FARAÓ

Claro... Claro... Nós estamos aqui para justamente...

MULHER DO FARAÓ

Fale sem medo, Jaftás...

JAFTÁS

Antes de mais nada, quero manifestar mais uma vez a minha mais sincera convicção, e a convicção de toda a minha família, de que só... (*Todos*) ...só o faraó tem alma! Reafirmando assim minha suprema fé na sagrada religião de Osíris, e uma vez que o senhor conselheiro político recomendou acordo... Não é bem acordo, como direi? Coalizão não é bem o termo, conchavo também não. Os plantadores de marmelos do Nilo dão a negócios dessa natureza o nome de marmelada... mas também não é bem o termo.. Enfim, uma vez que o conselheiro político acha que é preferível que os habitantes do Egito pensem que têm alma a que fiquem importunando os sacratíssimos ouvidos do faraó e da senhora sua esposa com esses gritos ritmados, eu então tomo a liberdade de...

FARAÓ

De quê? De quê? Não tenha receio de falar. Nós estamos aqui para justamente...

MULHER DO FARAÓ

Fale, Jaftás... Já principiam a me irritar tantos circunlóquios...

JAFTÁS

Bom... É o seguinte – nós podemos aproveitar a idéia do conselheiro político de uma forma mais interessante para o trono.

MULHER DO FARAÓ

Não me impaciente, Jaftás. Daqui a pouco o coro vai recomeçar e, se você ainda não se tiver explicado, é um homem morto.

JAFTÁS

Perdão. Eu só quero dizer é que o faraó devia

vender as almas em vez de simplesmente dá-las aos habitantes do Egito.

SACERDOTE

Como? Que diz o senhor? Vender almas?

CONSELHEIRO

Eu acho a idéia de Jaftás muito interessante... muito interessante mesmo.

FARAÓ

Mas um momento... Eu não entendo bem... Não entendo bem...

MULHER DO FARAÓ

Eles querem que você venda as almas...

FARAÓ

Que eu venda as almas... mas eu acho que eu não posso. Que diz o sacerdote?... Será que Osíris não se incomoda?

SACERDOTE

É preciso primeiro consultar Osíris numa cerimônia litúrgica especial... Mas, antes de me dirigir a ele, preciso informá-lo para quem vai a renda...

JAFTÁS

Claro que vai para o trono... O faraó pode arrecadar com isso uma bonita quantia, que muito enriquecerá a dinastia.

MULHER DO FARAÓ

Em quanto o senhor acha que nós devemos apreçar cada alma?

SACERDOTE

Um momento. Eu acho bom não nos apressarmos, isto sim... Osíris ainda não foi consultado...

CONSELHEIRO

Aliás, eu creio que o produto da renda das almas deve render uma percentagem não pequena para os sacerdotes de Osíris, uma vez que serão eles que terão de efetuar a operação da colocação das almas...

MULHER DO FARAÓ

Pseudocolocação, é preciso não esquecermos de que só... (*Todos*) ...só o faraó tem alma!...

FARAÓ

Está vendo... Está vendo... Por isso é que eu preferia não nos metermos nesse assunto de alma. É tão mais simples... Tão mais claro ficar todo mundo sabendo que só... (*Todos*) ...só o faraó tem alma! Exatamente... Exatamente...

MULHER DO FARAÓ

Mas convém que estudemos todas as idéias.

FARAÓ

Eu vejo em tudo isso um grave inconveniente... É que mesmo se tratando de uma... Eu não posso dizer que isso seja uma mentira...

CONSELHEIRO

Expediente para a conservação do trono e salvaguarda das sagradas leis de Osíris.

FARAÓ

Exatamente... Exatamente... Mesmo se tratando apenas disso, e não da verdade, uma vez que é fato líquido e incontestado que só... *(Todos)* ...só o faraó tem alma!... eu temo que daí advenham certas complicações para a dinastia... Quantos habitantes tem o Egito?

CONSELHEIRO

Quatro milhões.

FARAÓ

Vejam só... São quatro milhões de almas.

MULHER DO FARAÓ

Pseudoalmas...

FARAÓ

Exatamente... São quatro milhões de indivíduos que pensam que têm quatro milhões de almas... enquanto o faraó tem uma alma só.

CONSELHEIRO

Mas essa é a verdadeira...

MULHER DO FARAÓ

Mas, pelo seu raciocínio, eles não deverão saber disso... Julgarão que possuem realmente as almas... E cedo ou tarde chegarão à conclusão de que são mais importantes do que o faraó.

FARAÓ

Eu tive uma idéia... Eu tive uma idéia...

CORO

Nós queremos alma!
Nós queremos alma!
Nós queremos alma!

MULHER DO FARAÓ

Eu já não agüento mais de dor de cabeça... É horrível esse coro...

SACERDOTE

Mas o faraó estava dizendo que havia tido uma idéia?

FARAÓ

Eu? Ah, sim... Eu havia pensado no seguinte... Só se Osíris me aumentasse o número de almas. Os habitantes do Egito teriam quatro milhões de almas e o faraó teria outros quatro milhões. Assim ficaríamos empatados.

CONSELHEIRO

Nesse caso seria melhor desempatar logo a favor do faraó. Osíris concederia ao faraó não quatro milhões, mas dez milhões de almas. Que diz o sacerdote?

SACERDOTE

Eu levarei a opinião de todos nós ao conhecimento de Osíris e esperarei pelo que ele decidirá.

MULHER DO FARAÓ

Mas vocês se esquecem de que esses quatro milhões terão filhos. A população do Egito aumentará... E dentro de alguns anos o próprio faraó, ou o nosso filho que herdará o trono, se verá novamente em apuros... Ele com um número fixo e o povo a aumentar dia a dia o número de almas. Fatalmente teremos que incomodar novamente Osíris para aumentar o número de almas do faraó...

FARAÓ

É... É... Isso é muito complicado... Eu gosto de coisas simples. O melhor era não se mexer nisso... E respeitar a velha lei de Osíris, que diz que só... *(Todos)* ...só o faraó tem alma!... Que diz o sacerdote?

SACERDOTE

Já se ouviu o general?

CONSELHEIRO

Claro que já ouvi o general. Foi a primeira pessoa a quem me dirigi solicitando uma solução para o caso.

MULHER DO FARAÓ

E que disse o general?

CONSELHEIRO

Que tudo havia corrido muito depressa... Que ele mesmo estava surpreso com o que sucedera... Que da noite para o dia todo mundo amanhecera desejando alma... Uma coisa pior que a Coca-Cola.

MULHER DO FARAÓ

Claro. Chamem o general.

FARAÓ

Mas sempre seria bom ouvir tudo isso da boca do próprio general... *(Sai o fãmulos.)*

CORO

Nós queremos alma!
Nós queremos alma!
Nós queremos alma!

GENERAL

(Entrando) Osíris guarde o seu grande filho! Às vossas ordens, faraó...

FARAÓ

Ah, general... Como passou, bem? Seu netinho está melhor da catapora? Antes assim, antes assim... Eu tenho sempre pedido a Ísis para que não fiquem cicatrizes no rostinho do menino...

MULHER DO FARAÓ

General, o faraó mandou chamá-lo porque estamos aqui há três dias e três noites com esse maldito "queremos" nos nossos ouvidos. Eu já não posso dormir e o faraó também não... Será que o

general não poderia dar uma corrida nessa gente, a fim de que possamos dormir?

GENERAL

Conforme eu já informei ao conselheiro... a situação tornou-se por demais delicada da noite para o dia...

MULHER DO FARAÓ

Mas o senhor não possui homens que não desejem ter alma e que possam fazer respeitar as sagradas determinações de Osíris de que só o faraó tem alma?

GENERAL

Todos os meus exércitos conhecem e acatam a sábia lei de Osíris... Entretanto, o número de soldados que possuo é menor que o número de habitantes do Egito que desejam ter alma... Sinto profundamente que o meu invento não esteja terminado...

FARAÓ

Que invento?

GENERAL

Uma nova arma, faraó... Basta um único soldado para dispará-la e atingirá ao mesmo tempo e com igual eficácia... vários inimigos.

FARAÓ

Isso é muito interessante... Muito interessante...

CONSELHEIRO

Realmente...

JAFTÁS

Eu posso ver em que pé estão as suas experiências... Talvez eu possa facilitar-lhe alguns recursos e, se a experiência der resultado, quem sabe poderemos montar uma fábrica...

SACERDOTE

Cuidado, faraó... Resta saber depois para que lado vai ficar a frente e para que lado vai ficar a retaguarda desse engenho...

CONSELHEIRO

Claro... que essa arma será para defender o trono...

GENERALE JAFTÁS

Lógico! A arma será para defender o faraó...

SACERDOTE

Cuidado, faraó... que, se não houver mão forte que a empunhe, pode ser tomada e depois voltada contra o próprio faraó... É melhor confiá-la desde já à guarda do sagrado Osíris... O faraó estará assim mais garantido.

FARAÓ

Claro... Claro... Osíris tomará conta...

MULHER DO FARAÓ

Mas tudo isso são discussões inúteis. E depois os senhores dizem que as mulheres é que gostam de

falar... O faraó deseja saber, e de uma vez por todas, se o general no presente momento, e não quando descobrir uma nova arma, está em condições de fazer parar o coro, porque o faraó quer dormir e eu também...

GENERAL

Devo repetir que, considerando o momento que atravessamos, em que cada soldado pode manejar a um só tempo uma única arma, podendo assim dar combate a um único adversário de cada vez, e considerando que o número de indivíduos que querem alma é muito maior que o número de soldados que não a querem, e que por sua vez esses indivíduos poderão improvisar armas utilizando-se de paus e de pedras... considero imprudência o emprego da força.

CONSELHEIRO

Nesse caso não seria o emprego da força, seria o emprego da fraqueza.

MULHER DO FARAÓ

Mas o interessante é como essa história de querer ter alma se alastrou assim... O serviço secreto não o informava de alguma coisa, conselheiro?

CONSELHEIRO

O serviço secreto não deu importância, nem mesmo percebeu o movimento, porque realmente não houve nada secreto... A coisa foi dita às claras... O povo começou a falar nisso abertamente nas ruas de uma hora para outra... Pode o faraó estar certo de que, se alguma coisa fosse feita secretamente, o serviço secreto descobriria...

FARAÓ

Isso é uma grande maçada...

MULHER DO FARAÓ

Dez noites sem dormir... E a coisa parece que não terá mais fim, porque hoje vieram me avisar que cada vez chega mais gente a gritar debaixo das janelas do palácio... Por que não os aconselha, em nome de Osíris, a ir gritar no deserto?

FARAÓ

Agora só falta ouvirmos a opinião do sacerdote...

CONSELHEIRO

Eu peço licença para mais uma vez insistir na solução proposta por mim e tão bem enxertada ali pelo nosso prodigioso Jaftás...

MULHER DO FARAÓ

Qual, a de vender as almas?

JAFTÁS

Sim...

FARAÓ

Mas isso não é muito bom. Além de todos os inconvenientes já mencionados aqui... eu acho

que mesmo como negócio não será bom. O dinheiro nós acabamos gastando, enquanto eles ficam com as almas para o resto da vida...

SACERDOTE

E para depois da morte, o que é o principal. Ao que me parece, eles não estão querendo a alma para viver neste mundo, e sim no outro...

JAFTÁS

Quanto a essa questão de não ser bom negócio... nós podemos apresentar certos melhoramentos...

MULHER DO FARAÓ

Por exemplo...

JAFTÁS

Não será necessário que o faraó venda as almas de uma vez... Pode cobrar um preço fixo de entrada, e depois uma regalia, uma taxa, enfim, para uso da alma depois da morte, amortizável em prestações anuais...

CONSELHEIRO

Claro... Uma espécie de imposto...

FARAÓ

Não, não... Imposto não. O povo não gosta da palavra imposto. É melhor arranjar outra...

MULHER DO FARAÓ

Quer dizer, Jaftás, que eles nunca acabariam de pagar a alma? As almas ficariam pertencendo ao faraó... que as alugava por um preço de entrada e uma regalia anual enquanto o indivíduo vivesse. Depois de morto a alma reverteria ao patrimônio do faraó, que a poderia alugar a outro, dando preferência aos filhos, naturalmente.

SACERDOTE

Segundo eu estou informado, eles querem alma é para continuarem vivendo depois da morte...

JAFTÁS

Bom, mas eu acho lógico... que os filhos herdem a alma da mesma forma que herdem a casa e o cavalo. Agora, se os pais quiserem outra alma para depois da morte, isso é outro aluguel!

CONSELHEIRO

Bravos! A renda do trono está subindo a olhos vistos...

FARAÓ

Bom, bom... Mas eu não estou gostando muito... Se eles vão pagar dois aluguéis, vão certamente pensar que têm duas almas. Mais uma portanto que o faraó... Mesmo que se trate apenas de um expediente para salvaguardar a vontade de Osíris... mesmo assim, eu creio que trará sérios inconvenientes o fato de eles pensarem que têm mais uma alma que o faraó...

CONSELHEIRO

Mas nós não havíamos combinado aumentar o

número de almas do faraó... a fim de que ele ficasse sempre com a maioria?

FARAÓ

Mas às vezes pode haver erro de cálculo...

MULHER DO FARAÓ

Por falar em cálculo, seria interessante que Jaftás calculasse a renda provável que seria obtida com a venda das almas...

JAFTÁS

Pois não.

MULHER DO FARAÓ

Uma folha de papiro para Jaftás... *(Novamente o coro do "Nós queremos". Sai o fâmulos.)* Novamente a cantilena... "Nós queremos"... "Nós queremos alma"... "Nós queremos alma"... E a coisa é ritmada... Reparem...

CONSELHEIRO, JAFTÁS E MULHER DO FARAÓ

(Juntos) Nós queremos alma!...

TODOS

Nós queremos alma!...

FARAÓ

(Interrompendo) Um momento, um momento...

Eu acho bom os senhores não prestarem atenção ao coro... nem estarem repetindo aqui essa frase inteiramente sem sentido, porque, como os senhores sabem, pela vontade de Osíris...

TODOS

Só o faraó tem alma!

FARAÓ

Exatamente... Exatamente...

FÂMULO

Pronto – o papiro.

MULHER DO FARAÓ

Entregue a Jaftás.

CONSELHEIRO

Têm caneta?

MULHER DO FARAÓ

Então, Jaftás, quanto você acha que devemos cobrar por uma alma?

JAFTÁS

Bom, eu não sei ainda a opinião do sacerdote, que é a opinião de Osíris. Não sei se faremos todas as almas do mesmo preço, ou se apresentaremos o artigo em qualidades diferentes e preços diferentes...

MULHER DO FARAÓ

Que acha o faraó?...

FARAÓ

Eu acho tudo isso muito complicado... Eu achava melhor os senhores resolverem a situação, desde que ficasse de início estabelecido que só o faraó tem alma!

MULHER DO FARAÓ

Mas isso é apenas um estudo... E depois o sacerdote ainda não foi ouvido... Estamos apenas colhendo elementos para que ele os apresente a Osíris, na cerimônia litúrgica especial. Osíris irá dizer a última palavra pela boca do sacerdote. Mas eu acho que devemos apresentar a Osíris um relatório completo.

FARAÓ

Bom, bom... Se é só para o relatório, podem continuar...

MULHER DO FARAÓ

Mas então você ia dizendo, Jaftás, que era mais interessante criarmos almas de diversos preços...

CONSELHEIRO

E as almas seriam vendidas de acordo com as possibilidades financeiras de cada um?

JAFTÁS

Exatamente... Por isso mesmo deveria haver distinção na qualidade das almas...

MULHER DO FARAÓ

Compreendo... Um homem rico pagaria mais e em compensação obteria uma alma melhor...

JAFTÁS

A esposa do faraó compreende com grande facilidade os assuntos financeiros.

MULHER DO FARAÓ

Nesse caso, quanto você iria pagar pela sua alma, rico Jaftás?

JAFTÁS

Oh! (*Ajoelha-se.*) Eu e toda a minha família manifestamos mais uma vez ao faraó a mais profunda convicção de que... só o faraó tem alma! Eu e minha família não procuraremos ter alma!

FARAÓ

Muito obrigado, Jaftás... Muito obrigado... Eu sempre tive muita estima por você e toda a sua família.

CONSELHEIRO

(*Para o sacerdote*) Mas esse Jaftás é muito inteligente!

MULHER DO FARAÓ

Continue então, Jaftás... Alguém deve pagar por esses que se recusam a comprar...

JAFTÁS

Que se recusam a comprar por exclusiva dedicação ao faraó.

MULHER DO FARAÓ

Muito bem, Jaftás. Prossiga na exposição do seu plano. Eu estou muito interessada.

JAFTÁS

Falava eu na distinção da qualidade das almas...

Talvez pudéssemos distinguir as almas em classes...

FARAÓ

Não... Não... Em classes não... Depois eles começariam a falar em "almas de classe"... Isso só poderia trazer transtornos...

GENERAL

Em graus talvez...

CONSELHEIRO

Alma de 1º grau, alma de 2º grau, alma de 3º grau... A idéia não é má...

MULHER DO FARAÓ

Creio mesmo que é muito interessante, porque um indivíduo inicialmente podia adquirir uma alma de 3º grau, depois, melhorando de vida, trocá-la por outra de 2º, mais cara, naturalmente... Podia se dar o caso de o mesmo indivíduo chegar a adquirir três almas, cada uma melhor que a outra...

JAFTÁS

Bravos, bravos... A esposa do faraó é realmente uma financista...

MULHER DO FARAÓ

Agora resta saber a forma de pagamento...

CONSELHEIRO

Mas antes disso eu acho que devem se preocupar com outros detalhes, e a alma das crianças, e a alma das mulheres – tudo isso terá o mesmo preço? Observada, é claro, a distinção de graus?... Creio que Jaftás e a esposa do faraó poderão explorar ainda essas pequenas diferenciações para uma renda maior.

MULHER DO FARAÓ

Você tem razão, conselheiro. A alma das mulheres deve ser mais cara ou mais barata que a dos homens?

FARAÓ

Isso é uma questão muito difícil de resolver... Como os senhores sabem, eu não estou aprovando muito essa discussão dos senhores... Estou consentindo nela apenas a título de estudo, de pesquisa de elementos para Osíris... Mas quer me parecer que, nesse assunto de saber qual é a alma mais cara, se é a da mulher ou a do homem... o melhor era vender as duas... caras... mas pelo mesmo preço.

CONSELHEIRO

É interessante como o faraó tem o espírito prático e equilibrado. É realmente sábia a maneira como procura evitar problemas...

MULHER DO FARAÓ

Quanto à questão da alma das crianças...

JAFTÁS

Podia-se era fazer uma entrada menor... Uma vez

que elas têm maiores probabilidades de passar um maior número de anos pagando regalias...

MULHER DO FARAÓ

Nesse caso, nós devemos cobrar um preço de entrada bem elevado pela alma dos velhos... uma vez que as probabilidades são poucas de nos continuarem a pagar regalias por muito tempo.

JAFTÁS

Bravíssimo! A esposa do faraó é uma vocação incontestável para finanças!

MULHER DO FARAÓ

Vamos agora apreçar as almas... Escreva, Jaftás. Uma alma de criança... Vai ser difícil nós estabelecermos um preço único, porque há crianças de todas as idades...

JAFTÁS

O melhor é nós cobrarmos da primeira vez um valor tantas vezes quantos forem os anos da criança...

FARAÓ

Eu não entendo bem...

MULHER DO FARAÓ

Suponhamos, faraó... Uma criança de quatro anos, pagará de saída uma quantia qualquer – quatro vezes... Mas, para saber o valor dessa quantia, nós temos que determinar o valor da “alma-ano”.

JAFTÁS

Ou do “ano-alma”.

FARAÓ

Eu não estou entendendo...

MULHER DO FARAÓ

É só uma questão de designação. Em quanto os senhores acham que devemos avaliar o ano-alma?

CONSELHEIRO

De acordo com o que ficou combinado, isso depende... Se o ano-alma for no princípio da vida, será mais barato; no fim, mais caro...

MULHER DO FARAÓ

Está se tratando apenas das crianças...

FARAÓ

Mas eu não estou entendendo...

MULHER DO FARAÓ

Um segundinho que eu já explico, faraó... Vamos supor que até os dez anos cada ano-alma custará... um pote de mel...

FARAÓ

Para que o mel?

MULHER DO FARAÓ

Um momento, faraó...

JAFTÁS

Eu acho pouco... Pode ser um pote de mel e um pássaro.

MULHER DO FARAÓ

Ótimo... Então escreva, Jaftás: até os dez anos, um pote de mel e um pássaro...

FARAÓ

Para que o pássaro? Para que o pássaro?

MULHER DO FARAÓ

Ótimo... Eu já explico, faraó. E dos dez aos vinte?

JAFTÁS

Bom, agora já devemos cobrar mais alguma coisa...

MULHER DO FARAÓ

Um boi?

JAFTÁS

É, um boi é bom.

MULHER DO FARAÓ

Então, escreva: dos dez aos vinte, um boi...

FARAÓ

Para que o boi, para que o boi?

CONSELHEIRO

Mas assim vocês estão esquecendo a diferença de graus... Não ficou estabelecido que haveria almas do 1º grau, do 2º e do 3º?

MULHER DO FARAÓ

Realmente, Jaftás, nós temos que determinar o “ano-alma-grau”.

JAFTÁS

Então vamos começar tudo de novo.

MULHER DO FARAÓ

Vamos. Agora eu proponho uma coisa. O pote de mel e o pássaro já ficam para o ano-alma do 3º grau.

GENERAL

O faraó dá licença?

FARAÓ

Pois não... Pois não...

GENERAL

Eu peço muitas desculpas, mas tenho que me retirar, uma vez que meu netinho está com catapora...

FARAÓ

Ah! Sim senhor, sim senhor. Eu estimo as melhoras do menino... Logo mais eu farei uma oração a Osiris em sua intenção...

GENERAL

Obrigado, faraó. Eu só sinto não estar em condições de efetuar um serviço rápido e limpo, livrando os sacratíssimos ouvidos do faraó e da senhora sua esposa desse horrível cantochão... Ao menos se o meu invento...

FARAÓ

Ah, é verdade... É verdade... O senhor não se esqueça de continuar trabalhando no seu invento. Aquela idéia de uma pessoa poder lutar com

vários adversários é muito interessante e merece todo o meu apoio. O senhor empregue todos os seus esforços a fim de que o menor número de pessoas possa contra o maior número. Seria ótimo se nós cinco aqui, com a sua arma, pudéssemos amedrontar os quatro milhões do Egito inteiro... Muito interessante a sua idéia, muito interessante... Então até logo... Passar bem!

GENERAL

Até logo, faraó... Esteja certo de que reduzirei as minhas horas de sono e trabalharei no invento.

JAFTÁS

Se o senhor precisar de recursos... não faça cerimônia... Tenho muito prazer em colaborar em todas as iniciativas que visem a proteção do trono e da sagrada religião de Osíris.

GENERAL

Obrigado, Jaftás. Hei de procurá-lo oportunamente.

JAFTÁS

Sabe onde eu moro, não sabe?

GENERAL

Sei, sim.

SACERDOTE

(Ao faraó) Cuidado, faraó. Eles se aliam.

GENERAL

E a todos as minhas desculpas e as minhas melhores saudações... Creio que não farei falta nos detalhes que Jaftás e a esposa do faraó tão eficientemente preparam para submeter a Osíris.

MULHER DO FARAÓ

Não, general, agora tudo mais é sem importância.

CONSELHEIRO

Mas é preciso não esquecer que o general colaborou também eficientemente no plano. Se não me engano, a sugestão de dividir as almas em graus, em vez de classes, é dele...

FARAÓ

Realmente é do general. É do general.

GENERAL

Eu agradeço ao conselheiro haver-me colocado como um dos colaboradores de tão inteligente plano. E ao faraó havê-lo também prontamente reconhecido. Adeus para todos. *(Sai.)*

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

MULHER DO FARAÓ

Pronto, recomeçaram os idiotas...

CONSELHEIRO

O melhor é ficarmos quietos até que eles se calem. Eles vêm como ondas... *(Silêncio)* Pronto, cessaram...

MULHER DO FARAÓ

Eu já nem sei mais onde estávamos...

JAFTÁS

No ano-alma do 3º grau...

MULHER DO FARAÓ

Ah, pote de mel e pássaro...

FARAÓ

Eu cada vez entendo menos... Eu cada vez entendo menos... Estou começando a ficar preocupado...

SACERDOTE

Eu já estou há muito tempo!

CONSELHEIRO

Mas não há motivo para preocupações com o que se passa aqui dentro. As nossas preocupações devem estar voltadas para o que se passa lá fora, isto sim.

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

CONSELHEIRO

Eu não disse? Lá é que está o perigo. Aqui dentro reina o mais sadio espírito de colaboração, procurando resolver da melhor maneira a grave crise que o sono do faraó atravessa... Aqui dentro todos trabalham mergulhados na mais íntima convicção no supremo poder de Osíris, que por divina inspiração determinou que só... *(Todos)* ...só o faraó tem alma!

CORO

(Cada vez mais forte) Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

SEGUNDO ATO**PRIMEIRO QUADRO**

(Quarto do faraó. O faraó e sua esposa estão dormindo na cama.)

FARAÓ

(Dormindo) Nós queremos alma! Nós queremos alma! *(Silêncio)*

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!
(O faraó mexe-se no leito e a mulher dele também.)

FARAÓ

(Acordando, sonolento) Oh, já estão de novo com a cantilena... *(Sintonizando com o coro)* Nós queremos alma! Nós queremos alma!...

MULHER DO FARAÓ

(Acordando subitamente) Hein? O que foi?

CORO

Nós queremos alma!

MULHER DO FARAÓ

Oh, mas isso é terrível! Eu acabo louca! Há três dias que não se dorme neste palácio! Há três dias que não se ouve outra coisa senão esse maldito “Nós queremos”. E depois, faraó, eu não sei para que servem esses homens a quem você tanto tem beneficiado suprimindo impostos, presenteando terras, honrando com títulos e medalhas. Quando chega uma hora destas, não sabem defender, como já não souberam prevenir, o aparecimento de tão grande transtorno!

FARAÓ

Oh, filha... não te zangues, eles não tiveram culpa...

MULHER DO FARAÓ

E esses sacerdotes que te cercam, tão conhecedores da astrologia, que vivem interpretando o passado e prevendo o futuro – que fizeram eles que não te alertaram a tempo?

FARAÓ

Filha, não critiques os sacerdotes de Osíris.

MULHER DO FARAÓ

E o próprio Osíris, por que não te auxiliou há mais tempo? Por que permitiu que na cabeça desses cretinos se instalasse a idéia de querer ter alma?

FARAÓ

Querida, isso é uma profanação!

MULHER DO FARAÓ

Profanação é esses idiotas virem para a porta do palácio gritar que querem alma. Osíris sabe perfeitamente que só você tem alma. No entanto, permite que eles gritem... Será possível que ele não reconheça toda a dedicação que você tem tido pelo seu culto?

FARAÓ

Mas, querida, o sacerdote ainda não efetuou a cerimônia... Certamente Osíris ainda não sabe...

MULHER DO FARAÓ

Não sabe? Será possível que ele ainda não tenha ouvido esse barulho todo?

FARAÓ

Querida, não blasfemes...

MULHER DO FARAÓ

A verdade é esta, faraó... Apesar de toda a tua bondade para com os homens e de todo o teu desvelo para com as coisas sagradas, foste abandonado pelos amigos e esquecido pelos deuses! Do contrário, o nosso sono não seria perturbado dessa maneira...

FARAÓ

Querida, tu estás nervosa...

MULHER DO FARAÓ

Ah, estou... estou nervosa... É a mania de todo marido quando as mulheres resolvem dizer a verdade, alegam que ela está nervosa... Pois se denunciar os falsos amigos e os deuses esquecidos é nervoso – então estou nervosa! Mas o que tem adiantado toda essa tua dedicação aos amigos e veneração a Osíris? Que te fizeram eles, quando mais precisavas de auxílio? O general não pôde combater e, para não cair das tuas graças, inventa um invento...

FARAÓ

Oh, filha, o invento do general é uma grande coisa...

MULHER DO FARAÓ

Você viu? Viu o tal aparelhinho funcionar? Vai ser mais uma coisa para te consumir o dinheiro e ter-te dependente dele pelo tempo que bem quiser e entender...

FARAÓ

Mas eu não posso compreender...

MULHER DO FARAÓ

Você, quando não quer, não compreende nada... Então ainda não percebeu que essa arma nunca ficará pronta?... Há de faltar sempre uma pecinha que te manterá sempre atento, sempre aguardando que a arma fique pronta... E enquanto isso... que venham as terras, que venham os bois, que venha o ouro...

FARAÓ

Mas você não pode falar assim... Bem sabe que eu nada prometi ao general... Jaftás, sim, é que, ao que parece, quer se interessar pelo invento...

MULHER DO FARAÓ

Pois muito pior para ti. Porque, das duas uma: ou o invento não vale nada e ele te será oferecido... ou o invento é bom e Jaftás a estas horas já tomou conta dele... E de nada há de te adiantar... Muito pelo contrário... Queira Deus não te venha a custar grandes sacrifícios, talvez mesmo, quem sabe, o trono!

FARAÓ

Mas, francamente, eu não estou entendendo nada...

MULHER DO FARAÓ

E eu hei de ouvir isso o resto da vida... “Eu não estou entendendo nada, eu não estou entendendo nada”... Bolas, faraó, o que é que você entende afinal de contas? Não percebes que todos estão conspirando contra ti?

FARÁO

Mas não é possível...

MULHER DO FARÁO

Para você nada é possível... Só quando a coisa estoura, como esse coro queremista, é que você abre o olhos e então se alarma. Queira Deus não fossem os teus próprios ministros que inventaram essa maldita história de todos os habitantes do Egito quererem ter alma... Você não acha esquisito isso surgir assim, de uma hora para outra, sem nenhum alarme, sem nada...

FARÁO

Mas o conselheiro...

MULHER DO FARÁO

Ora, o conselheiro, é suspetíssimo em tudo isso... Não desconfiaste da presteza e da sem-cerimônia com que ele te aconselhou a mentir ao povo dizendo que ele também tem alma?...

FARÁO

Realmente, realmente...

MULHER DO FARÁO

Ah, agora você está dizendo “realmente” e daqui a pouco estará certamente me dando razão em tudo... Mas há quanto tempo eu estou batalhando... Mas você ouve todo mundo, menos sua mulher...

FARÁO

Oh, querida... Eu não tenho a intenção...

MULHER DO FARÁO

Eu sei que você é um homem sem intenções. Por isso mesmo não percebe a intenção dos outros... “Eu acho melhor o faraó dizer que os outros também tem alma”...

FARÁO

Mas eu não pactuei com isso... Querida, que tu te voltas contra os meus amigos ainda admito, mas contra os deuses... c'est trop fort!

MULHER DO FARÁO

Não pactuou porque é egoísta. Porque no fundo você quer é que só você tenha alma. Mais ninguém. Nem a mim você se incomoda que eu tenha alma ou não. Por isso é que você não pactuou... Não foi porque tivesse a menor desconfiança de que o conselheiro pretendesse te passar para trás...

FARÁO

Mas não é possível...

MULHER DO FARÁO

Oh, santa ingenuidade! Que acredita que os outros acreditam que só o faraó tem alma!

FARÁO

Mas os outros não acreditam?

MULHER DO FARÁO

Acreditam, desde que tu o faças por onde. Como poderão acreditar na alma de um faraó que não os fez pressentir a borrasca?

FARÁO

Perdão... Mas eu estava pressentindo... Eu estava pressentindo... Até que tenho tido sonhos... Não tenho dito nada, mas tenho... Ainda ontem eu sonhei...

MULHER DO FARÁO

Você ontem não dormiu, faraó...

FARÁO

Então foi anteontem... A última noite que eu dormi, enfim... Eu sonhei que Osíris estava passeando de braço comigo pelo templo e me dizia: “Cuidado, faraó, cuidado...”

MULHER DO FARÁO

E tu tiveste?

FARÁO

Bem, eu sou cuidadoso por índole, de maneira que não dei muita importância...

MULHER DO FARÁO

Pois fizeste muito mal, porque uma coisa destas era para reunir todo mundo, chamar a sacerdotada, tomar um ar de grande mistério e entoar o estribilho sagrado, que vem sendo cantado por todos os teus antecessores desde que Osíris teve José por ministro: “Esta noite, esta noite eu tive um sonho”...

FARÁO

Não me ocorreu, não me ocorreu...

MULHER DO FARÁO

Que é que te ocorre, faraó, a não ser esperar que o invento do general venha a te cair nas mãos?...

FARÁO

Oh, filha... Tu estás cansada... Vamos dormir...

MULHER DO FARÁO

Ah, já sei... No fim sou eu que estou cansada... Eu que estou nervosa. Por que não perguntas se quero tomar um copinho de água do Nilo?

FARÁO

Deixe de ironias. Deixe de ironias. *(Silêncio)*

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

MULHER DO FARÁO

Essa é que é a maior ironia. Virem gritar debaixo da tua janela que querem alma.

FARÁO

A janela é nossa, querida.

MULHER DO FARÁO

Mas só você é que tem alma.

FARAÓ

Chego a desconfiar que você também está querendo ter uma!

MULHER DO FARAÓ

Eu? Para quê? Mais uma coisa para a gente ter que estar limpando?

FARAÓ

Eu acho muito pouco delicado de sua parte estar menosprezando o fato de uma pessoa ter alma...

MULHER DO FARAÓ

Você não está tão preocupado pelo fato de os outros quererem ter alma também?

FARAÓ

Eu não me incomodo, antes fico satisfeito de os outros desejarem ter alma. Isso faz o faraó admirado deles. Agora, não posso suportar o fato de quererem alma... Isso torna o faraó ameaçado.

MULHER DO FARAÓ

Oh, poço de egoísmo!

FARAÓ

Mas que atitude você me aconselha a tomar?

MULHER DO FARAÓ

Uma atitude digna de faraó, de homem que tem alma...

FARAÓ

Querida, mas a prudência...

MULHER DO FARAÓ

Essa espécie de prudência que você usa só serve para nos afundar cada vez mais...

FARAÓ

Não era assim que você se expressava há pouco, calculando a renda das almas com o rico Jaftás...

MULHER DO FARAÓ

Ah, você não percebeu? Não percebeu que eu estava fazendo aquilo só para perscrutar a alma de Jaftás?...

FARAÓ

Não... não... Isso não... Você sabe perfeitamente que só o faraó tem alma!

MULHER DO FARAÓ

Pois seja lá o que for. O que eu queria era conhecer todos os recursos de que era capaz de se utilizar o rico mercador para negociar com as almas e lesar o trono.

FARAÓ

Francamente... Eu não estou entendendo nada...

MULHER DO FARAÓ

Isso eu já sabia... Vai me dizer que não entendeu também as intenções do sacerdote?

FARAÓ

O sacerdote também está com más intenções?

MULHER DO FARAÓ

Oh, com que homem eu fui me casar, que não vê nada...

FARAÓ

Mas, filha... o sacerdote...

MULHER DO FARAÓ

Quer apenas falar por último, só isso... Nada de se comprometer...

FARAÓ

Ele representa a vontade de Osíris...

MULHER DO FARAÓ

E esse Osíris, também... Por que você há de andar sempre a bajular Osíris, quando ele não faz nada a seu favor?... Vamos ser francos, faraó, vamos botar os pingos nos ii...

FARAÓ

Querida os ii ainda não foram inventados. Nós, por enquanto, escrevemos por hieroglifos...

MULHER DO FARAÓ

Pois vamos pingar os hieroglifos... O que foi que Osíris fez de prático por você?... O ano passado foi aquela enchente tremenda do Nilo que arrasou as plantações, afogou o gado, destruiu as casas... Você não saía do templo, rezando... Eram cerimônias de manhã até a noite. Sacrificaste os teus melhores bois, teus melhores carneiros, deste ouro aos sacerdotes, construístes novos templos, edificaste altares... E parecia de propósito... Cada dia a água do Nilo subia mais...

FARAÓ

Sim, mas o dilúvio não se processou...

MULHER DO FARAÓ

Que grande dádiva de Osíris, hein, faraó? Mormente quando se tem metade do reino destruído!

FARAÓ

Não brinque assim... Podia ser muito pior...

MULHER DO FARAÓ

Realmente podia... Se você, em vez de sacrificar o gado que sacrificou, sacrificasse o dobro, conforme queria o sacerdote...

FARAÓ

Quem sabe não foi por isso que Osíris não parou logo a enchente?

MULHER DO FARAÓ

E das outras vezes, quando se dá exatamente o contrário? O Nilo não transborda, a terra fica esturricada e as plantações morrem secas? Nessas ocasiões tu tens sacrificado até muito mais do que o que pedem os sacerdotes para revelares a Osíris a tua fé... E nem por isso ele te enche o Nilo, quando mais precisas d'água...

FARAÓ

Oh, filha! São coisas... São coisas...

MULHER DO FARAÓ

São coisas que já teriam dado para qualquer outro faraó desconfiar...

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

FARAÓ

Pronto, começaram de novo...

MULHER DO FARAÓ

Eu enlouqueço, faraó, eu enlouqueço... Se eu não dormir, eu enlouqueço.

FARAÓ

Querida, não fiques assim... Eu te prometo, juro... De hoje em diante eu serei mais desconfiado... Tu sabes quanto significas para mim. Eu não quero que enlouqueças...

MULHER DO FARAÓ

Se eu não dormir, faraó, eu enlouqueço...

FARAÓ

Venha cá... meu amor... não fique assim... Eles vão parar... Pronto, já cessaram o coro...

MULHER DO FARAÓ

Mas voltam...

FARAÓ

Enquanto eles não voltam... descansemos um pouco... Conversemos amavelmente... como antigamente... Bem sabes que te amo cada vez mais... Com todo o ardor de minha alma de faraó... Abraça-me, querida... Assim... Há quanto tempo não te estreito em meus braços?

MULHER DO FARAÓ

Exatamente três noites.

FARAÓ

Parecem três séculos... Sabes que não posso viver sem ti. Esse aroma de teus cabelos, esses teus braços tão roliços... *(Tenta beijá-la.)*

MULHER DO FARAÓ

Não, agora não...

FARAÓ

Oh, agora, sim... Bem sabes que, quanto mais enraivecida, mais me apeteces... *(Quando vai beijá-la nova e furiosamente...)*

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

FARAÓ

(Desprendendo-se dos braços da mulher) Pronto! Bonito! Esses gritos afastaram de mim toda vontade de beijar-te!

MULHER DO FARAÓ

Cuidado, faraó, é melhor você reagir! Não vá ficar com complexo. *(O faraó tenta recomeçar a cena amorosa, mas os hormônios não ajudam.)* Vamos, faraó, abraça-me com força! Sente o aroma de meu cabelo, afaga meus braços... *(O faraó começa a se animar quando novamente...)*

CORO

Nós queremos alma... Nós queremos alma... nós queremos alma...

FARAÓ

(Afastando-se da mulher) Bonito! Parece que o complexo se instalou mesmo!

MULHER DO FARAÓ

Oh, não faltava mais nada! Além de pedirem alma, roubaram a do faraó! Ah, não! Mas isso não fica assim não! Faraó, você vai me deixar tomar conta desse caso...

FARAÓ

Que é que você quer fazer?

MULHER DO FARAÓ

Em primeiro lugar, preciso carta branca para agir!

FARAÓ

Mas agir, como?

MULHER DO FARAÓ

Faraó, ou eu dou um jeito nesse coro ou então entre nós está tudo acabado...

FARAÓ

Minha filha, assim que despontar o sol consultaremos Osíris...

MULHER DO FARAÓ

Qual Osíris, qual nada... Não me fales mais nesse deus, que ele me dá nos nervos tremendamente. Osíris não vai resolver nada. Quem vai resolver sou eu...

FARAÓ

Mas de que maneira?

MULHER DO FARAÓ

Faraó, você tem ou não tem confiança em mim?

FARAÓ

Claro que tenho.

MULHER DO FARAÓ

Pois então me dê carta branca para agir.

FARAÓ

Conta primeiro o teu plano...

MULHER DO FARAÓ

O meu plano é muito simples. Esse coro é ritmado, orfeônico, portanto, deve ter um maestro. Tragam-me esse maestro que eu vou conversar com ele.

FARAÓ

Não, querida. Isso não! Isso é o que há de mais absurdo.

MULHER DO FARAÓ

Absurdo é você pretender resolver a situação sem fazer nada!

FARAÓ

Mas não é lógico que se chame a palácio um homem desses para vir conferenciar com a mulher do faraó...

MULHER DO FARAÓ

Já sei, o lógico é que eles todos venham a possuir alma...

FARAÓ

Não, isso não... Você sabe que ninguém mais do que eu quer manter sagrada a tradição de Osíris de que só o faraó tem alma...

MULHER DO FARAÓ

Pois então deixe-me agir. Tragam o maestro do coro aqui que eu dou um jeito.

FARAÓ

Mas o que é que você vai dizer a ele?

MULHER DO FARAÓ

Ah, isso é segredo.

FARAÓ

Segredo, segredo como?... Então você não quer que eu assista à entrevista?...

MULHER DO FARAÓ

Claro que não, faraó...

FARAÓ

Como assim?... Que espécie de entrevista você pretende ter?

MULHER DO FARAÓ

Não se assuste, faraó, que não é nada de mais...

FARAÓ

Eu preciso saber de tudo... Além de faraó, eu sou seu marido...

MULHER DO FARAÓ

Pois então continue a ouvir o coro... que muito breve será só faraó.

FARAÓ

Mas isso é um assunto muito importante.

MULHER DO FARAÓ

Digo mais. Serás um faraó por pouco tempo, porque, na verdade, que mérito terá o faraó depois que todos os outros tiverem alma?

FARAÓ

Oh, minha filha, não brinque com essas coisas, não brinque com essas coisas.

MULHER DO FARAÓ

Eu não estou brincando, faraó... Ou você destrói esse coro, ou dentro de pouco tempo...

FARAÓ

Cale-se... Cale-se... Isso é um assunto muito importante. É preciso primeiro consultar Osíris...

MULHER DO FARAÓ

E se Osíris estiver contra ti?

FARAÓ

Não é possível. Ele sabe que sou seu filho.

MULHER DO FARAÓ

E quem te garante que ele não esteja com vontade de te dar irmãos? Não é para pensar o fato desse coro ter se organizado e chegar até as portas do

palácio sem que Osíris te fizesse tomar nenhuma providência?...

FARAÓ

Realmente...

MULHER DO FARAÓ

Eu acho bom tu agires por tua conta... Impõe tua vontade a Osíris antes que ele te imponha a sua!

FARAÓ

É... Isso é bem pensado... Isso é bem pensado...

MULHER DO FARAÓ

Você sabe, faraó, que você acaba sempre me dando razão...

FARAÓ

Bom... Bom... Bom... Mas eu preciso saber o que é que você pretende dizer ao homem...

MULHER DO FARAÓ

Não sei, faraó. Não sei. Na hora é que vou ver...

FARAÓ

Mas essa história de deixar as coisas assim ao improviso...

MULHER DO FARAÓ

Faraó, você tem ou não tem confiança em mim?

FARAÓ

Eu não tenho confiança é no maestro do coro. Se teve a audácia de vir gritar na porta do palácio... é bem capaz de dizer alguma inconveniência...

MULHER DO FARAÓ

Não te assustes por isso. Eu saberei conduzir a conversa.

FARAÓ

Você não acha que não faria mal se eu estivesse presente também?

MULHER DO FARAÓ

Isso seria simplesmente deplorável. O faraó em pessoa receber em palácio o maestro do coro! Metade da partida já estava perdida. Não se pode dar a esse encontro um caráter oficial. É de boa política que tu não estejas presente... Mesmo porque isso não me obriga a decidir nada logo. Posso desculpar-me dizendo: "Preciso consultar o faraó".

FARAÓ

Eu estou de pleno acordo. O diabo é que eu também sou marido... E isso de te deixar assim sozinha com um homem que afinal de contas nós não sabemos quem é...

MULHER DO FARAÓ

É o maestro do coro... desse coro que nos faz tanto mal... A ti principalmente.

FARAÓ

Nós não sabemos os seus princípios...

MULHER DO FARAÓ

Deve ter princípios religiosos, do contrário não se incomodaria de não ter alma.

FARAÓ

Mas sempre é perigoso...

MULHER DO FARAÓ

Bom, faraó, vamos fazer uma coisa... Você raramente tem aparecido em público. Você é um faraó pouco conhecido... Já que você tem tanto medo de que algo me aconteça se eu ficar sozinha com o maestro... você troca de roupa com o fâmulos... Fica aqui dentro como se fosse um escravo. Em todo caso, evite estar-se mostrando a toda hora. Procure um lugar mais escuro. Ele poderá sentir a tua presença, mas não deverá perceber os detalhes do teu rosto... Pois certamente terás depois que aparecer diante dele como faraó. E é um tanto deselegante que ele perceba que estavas fantasiado de escravo...

FARAÓ

Oh, querida... Acredite que eu não faça isso por desconfiança, nem por ciúme... Seria a maior ofensa de minha parte... Mas tu sabes... eu sou um faraó prudente... E nesses casos sempre é bom a gente se prevenir...

MULHER DO FARAÓ

Bom, faraó, eu não estou fazendo questão de que tu tenhas ou não tenhas ciúmes de mim. Tu sabes perfeitamente qual é a minha intenção em tudo isso... Resolver o problema à nossa maneira antes que os outros resolvam à maneira deles. Bem sabes que, quanto menor for o teu prestígio, mais cresce o deles...

FARAÓ

Tu tens razão... Tu tens razão... Tu tens razão...

MULHER DO FARAÓ

Pois se eu tenho razão... é agir. Chama o fâmulos, troca de roupa com ele e manda buscar o maestro do coro. Precisamos agir imediatamente para salvar a sagrada determinação de Osíris que diz: "Só o faraó tem alma"!

SEGUNDO QUADRO

(Cenário: igual ao do Primeiro Quadro.)

FARAÓ

(Vestido de fâmulos) O maestro do coro!

MULHER DO FARAÓ

Entre, maestro! A casa é sua!

MAESTRO

Boa noite!

MULHER DO FARAÓ

Entre, sem cerimônia. Eu sou a mulher do faraó!

MAESTRO

Como? Unatsi – a mais linda mulher do Egito? (O faraó tosse.)

MULHER DO FARAÓ

Unatsi, sim. Agora, se sou a mais linda mulher do Egito não sei.

MAESTRO

Permita Osíris que eu não fique cego após me haver propiciado o tão grande prazer de vê-la.

MULHER DO FARAÓ

Sente-se, maestro. Pois eu mandei chamá-lo para lhe dizer que gostei muito de seu coro. Muito afinado. Muito harmônico. O senhor é realmente um grande maestro.

MAESTRO

Oh, muito obrigado!

MULHER DO FARAÓ

Não pense que estou lhe dizendo isso com o exclusivo intuito de elogiá-lo. Aliás, essa opinião não é minha só, é do faraó também... Há várias noites que nós não dormimos nos deliciando com o seu coro. Ainda hoje o faraó me dizia: "Unatsi, bonito coro o desse rapaz! Precisamos conhecer esse maestro". Aliás, foi por sugestão dele mesmo que nós o mandamos chamar... (O faraó tosse.)

MAESTRO

Creia que nos sentimos...

MULHER DO FARAÓ

Eu estive até pensando em tomar umas lições de canto com o senhor...

MAESTRO

Que gênero, Unatsi, prefere cantar?

MULHER DO FARAÓ

Oh, eu tinha vontade de aprender exatamente esse refrão lindíssimo com que o senhor encanta as cercanias do palácio há três dias e três noites...

MAESTRO

Pois é muito fácil...

MULHER DO FARAÓ

A melodia eu já apanhei, agora o que eu não consigo é aprender a letra.

MAESTRO

"Nós queremos alma"...

MULHER DO FARAÓ

Exatamente... "Nós queremos alma"...

MAESTRO

É fácilimo. Repita, por favor, a minha entonação, o seu ritmo e procure empostar a voz como eu emposto. Repare: "Nós queremos alma... Nós queremos alma... Nós queremos alma..." Agora diga junto comigo.

OS DOIS JUNTOS

(E o faraó tossindo) Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

MAESTRO

Muito bem... Muito bem...

MULHER DO FARAÓ

O senhor acha que eu tenho jeito?

MAESTRO

Unatsi, a rainha, é a criatura de voz mais linda...

MULHER DO FARAÓ

E que tal, aceitaria se eu o convidasse para o cargo de professor de canto da rainha?

MAESTRO

Oh, sinto imensamente... mas eu não posso largar o meu coro...

MULHER DO FARAÓ

Ah, é verdade, o senhor tem um coro... E se nós lhe arranjassemos um outro coro aqui, composto dos sacerdotes, dos generais, dos milionários, dos vizes... O senhor não aceitaria ser o maestro de um coro assim?

MAESTRO

Desculpe, mas eu não entendi bem...

MULHER DO FARAÓ

Eu me explico... Depois que ouviu o seu coro, o faraó disse o seguinte: “Unatsi, essa idéia de possuir um coro é muito bonita... Mas precisa ser bem dirigido, por pessoa prática e que haja demonstrado perfeito desempenho na árdua função de maestro. Quem sabe nós não poderíamos reunir os sacerdotes com suas vozes baixas, os milionários com suas vozes agudas e os generais com suas vozes abaritonadas, para fazer um coro oficial”. Então eu perguntei: “A quem daríamos a batuta de maestro?” E o faraó respondeu, meio sonolento: “Não sei, quem sabe? Talvez possamos convidar o rapaz que está com esse coro aí embaixo”.

MAESTRO

E o que cantaria o novo coro? “Nós queremos alma”?

MULHER DO FARAÓ

Oh, não! Talvez o senhor pudesse fazer uma nova composição... intitulada, por exemplo ... “Só o faraó tem alma”.

MAESTRO

Mas é um estilo inteiramente diferente do meu. Em música ninguém deve fugir do seu estilo...

MULHER DO FARAÓ

Bom... Mas não há necessidade de o senhor se cingir estritamente ao tema que lhe dei. Foi apenas uma sugestão. Talvez o senhor possa introduzir compassos novos. Inteiramente seus.

MAESTRO

Como assim?

MULHER DO FARAÓ

Bom, isto que vou dizer é apenas uma sugestão... Mas o coro podia versar sobre este tema: “O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém”!

(O faraó tem um fortíssimo acesso de tosse.)

MAESTRO

Como assim?

MULHER DO FARAÓ

É apenas uma sugestão... O senhor fará ou não?

MAESTRO

Realmente... Esse novo tema já se aproxima do meu estilo... É possível que se possa fazer qualquer coisa...

MULHER DO FARAÓ

Oh, eu estou certa de que o senhor fará... O senhor tem grande aptidão musical... O faraó não tem se cansado de dizer isso...

MAESTRO

Mas a senhora acredita que os sacerdotes, os generais, os ricos mercadores, os outros parentes do faraó... estudarão com afinco, obedecerão à minha batuta?

MULHER DO FARAÓ

Oh, mas o senhor já se esqueceu do tema que eles terão que cantar:

“O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém”!?

MAESTRO

Quer dizer...

MULHER DO FARAÓ

Oh, claro que o faraó já consultou Osíris e Osíris está de pleno acordo com a vontade do faraó de lhe conceder uma alma... *(O faraó tem novo acesso de tosse.)*

MAESTRO

Esse seu escravo está com muita tosse...

MULHER DO FARAÓ

Muita. Ele é muito rebelde a qualquer tratamento. Entretanto, já foi medicado pelos melhores médicos do faraó.

MAESTRO

Às vezes, quem sabe... Quando os medalhões não dão volta, a mezinha popular resolve... Por que não experimenta lhe dar um pouco de sangue de lagarto com azeite?

MULHER DO FARAÓ

Ouviste, Amenetep? Precisas tomar sangue de lagarto com azeite. Receita aqui do senhor.

MAESTRO

Obrigado, senhora, por tão prontamente ouvir minhas sugestões...

MULHER DO FARAÓ

O senhor é que parece que não prestou muita atenção à sugestão que lhe fiz.

MAESTRO

Qual?

MULHER DO FARAÓ

O tema para seu novo coro, no qual tomará parte toda a corte, exceto o faraó, naturalmente:

“O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém”!

MAESTRO

Realmente, o tema é sedutor, entretanto...

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

MULHER DO FARAÓ

Oh, mas está horrível esse coro sem o senhor lá perto. Que grande ação catalítica o senhor representa.

CORO

Nós queremos alma! Nós queremos alma! Nós queremos alma!

MULHER DO FARAÓ

Ouviu? Estão desafinados... E as vozes são rudes, ásperas, soprosas. Claro que no seu novo coro o senhor terá vozes muito mais educadas. Vozes que tiveram berço. O senhor verá que voz melodiosa tem o conselheiro... Que recursos possui a voz de Jaftás, que timbre o da voz do general... E como são entoados os sacerdotes de Osíris.

MAESTRO

Mas...

MULHER DO FARAÓ

O senhor é que é a alma do coro!

MAESTRO

Mas não é bem isso. O coro lá de baixo já estava formado. Ele se formou naturalmente. Foram eles mesmos que me deram a batuta...

MULHER DO FARAÓ

Isso é o que o senhor, na sua natural e condenável modéstia, acredita. A batuta nasceu com o senhor. Se eles o foram procurar é porque precisavam do senhor. Do contrário, jamais afinariam o coro. Eles é que dependem do senhor. O senhor tem o seu valor próprio, intrínseco. Quer viva no Egito ou na Pérsia, o senhor será sempre o senhor: um maestro. E como o faraó deseja que o senhor dirija o coro dos grandes do Egito, e não da Pérsia, pedirá certamente a Osíris que lhe conceda uma alma... Depende naturalmente do senhor aceitar o tema:

“O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém”!

MAESTRO

E se eu aceitar o tema, a senhora acha que Osíris...

MULHER DO FARAÓ

Concede a alma? Ah, naturalmente... Osíris ouviu muito o faraó.

MAESTRO

E pelo fato de eu vir a possuir alma...

MULHER DO FARAÓ

Pelo fato de o senhor vir a possuir alma, virá a possuir naturalmente grande quantidade de bens terrenos. Ser-lhe-á assegurado o título de grande sacerdote de Osíris, e, como esse não é um cargo que possa ser dado a qualquer um, o faraó o presenteará com terras, bois, ouro e escravos em tal quantidade que o torne admirado e respeitado. O senhor precisa não se esquecer que: “O faraó tem alma O maestro também E mais ninguém”!

MAESTRO

(Recitando, embevecido)

O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém!

(O faraó começa a tossir.)

O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém!

(O faraó cai no chão de tanto tossir...)

Está horrível a tosse desse seu escravo...

MULHER DO FARAÓ

Eu acho que é coqueluche...

MAESTRO

Essa é uma doença para qual não há remédio. E depois é contagiosa. Basta um coqueluchento para contaminar o Egito inteiro. É uma pena... Mas eu acho melhor a senhora mandar matá-lo. *(O faraó pára de tossir.)* Nem só o faraó tem alma! *(O faraó cai de novo no chão, tossindo.)*

TERCEIRO ATO**PRIMEIRO QUADRO**

(Cenário: igual ao do Primeiro Ato.)

JAFTÁS

Mas, então, senhor conselheiro, ouvi dizer que o faraó não vai mesmo vender as almas...

CONSELHEIRO

É... parece...

JAFTÁS

Pois é uma pena. Uma grande pena. Eu estive fazendo os cálculos de quanto se podia ganhar...

Era uma coisa fabulosa... Dava para construir um novo templo maior que o de Karnak... E isso só com a primeira entrada... Sem contar o preço das renovações anuais das licenças para o uso das almas... Francamente uma pena... Passei a noite fazendo cálculos... Tive um trabalhão enorme... E certamente o faraó não irá me recompensar pela noite de insônia. Está tudo aqui. (*Mostra o papiro.*) Tudo calculadinho, alma de 3º grau, alma de 2º grau, alma de 1º grau... Tudo tim-tim-por-tim-tim... Em todo caso, se o faraó mudar de idéia e efetuar o negócio, talvez me possa fornecer uma comissão nas vendas... Afinal de contas, fui eu quem deu a idéia. Osíris e o trono irão ter lucros extraordinários... Que acha o senhor, conselheiro?

CONSELHEIRO

Não sei, mas acho pouco provável. O faraó deu carta branca à mulher para agir.

JAFTÁS

Bom, a senhora do faraó... ontem mostrou-se interessada, até fez cálculos.

CONSELHEIRO

Mas hoje não está mais. A mulher do faraó, ao que parece, já conseguiu que o marido abra mão da exclusividade da alma.

JAFTÁS

Sim, e então?

CONSELHEIRO

Então ela quer que uma outra pessoa também tenha alma...

JAFTÁS

E essa pessoa... é o senhor conselheiro?

CONSELHEIRO

Não, Jaftás. Infelizmente, não é nenhum de nós dois. É o maestro do coro.

JAFTÁS

O maestro do coro? Mas não é possível! A mulher do faraó enlouqueceu... O faraó enlouqueceu também... E o senhor conselheiro, que providências espera tomar?

CONSELHEIRO

O meu conselho foi dado. Se não foi seguido, não me poderão culpar por isso... Resta-me apenas acatar as ordens do faraó...

JAFTÁS

Mas não é possível... O senhor conselheiro deve reagir... Já não estou mais falando pelo grande prejuízo que todos nós teremos se não se vier a vender as almas. Agora não se trata mais de ganhar... mas de não perder o que já está ganho... Esse homem não pode vir a ter alma sozinho. Dar uma alma só, a um só, é um perigo!

CONSELHEIRO

Mas o senhor não estava de acordo que todos os egípcios tivessem alma – compradas, é verdade, mas tivessem?

JAFTÁS

Mas a situação é muito diferente. Havendo mais uma alma só, a alma continua valorizadíssima... Ao passo que, se nós fizéssemos uma emissão de quatro milhões de almas, o valor da alma baixaria muito. Haveria inflação, o senhor está entendendo? O próprio valor da alma do faraó seria quase que confiscado. Tanto que ele lembrou depressa que o número de almas dele também fosse aumentado para ficar em igualdade de condições, e o senhor sugeriu que Osíris emitisse ainda mais almas, para o faraó ficar com a maioria. Eu estava ouvindo tudo isso e calculando: é a inflação... é a inflação... Agora é que nós vamos ver quem tem almas para vender. Osíris enriquecerá brutalmente e, junto com Osíris, todos aqueles que tiverem uma comissão na venda das almas! E agora o senhor me vem dizer que o faraó vai dar uma alma só a um homem só. O faraó já percebeu que a alma dele vai ficar valendo a metade? E a metade que ele vai dar ao outro vai ser igual à metade dele? Então o faraó abre mão assim da metade da alma e a entrega... a um maestro de coro?

CONSELHEIRO

Que quer, Jaftás? Não podemos ser mais faraônicos que o faraó.

JAFTÁS

Eu muito me admiro de o senhor conselheiro pactuar com uma loucura dessa natureza. Então o senhor conselheiro não percebeu que esse maestro... é de coro? Que certamente irá introduzir um coro aqui?...

CONSELHEIRO

Sei disso perfeitamente. E sabe, Jaftás, quem serão os coristas? Nós.

JAFTÁS

Nós? Ah, não, isso é que não... Eu nunca tive vocação para cantar em coro. Eu sempre fui solista... E não é agora, depois de velho... depois de ter educado a minha voz durante tanto tempo, aperfeiçoado todos os seus recursos, que eu vou apagá-la num coro... Conselheiro, eu jamais abandonarei o solo! E os meus filhos também. Então o senhor pensa que eu tenho trabalhado, me esforçado, passado noites em claro fazendo cálculos, como o senhor viu, para agora ver meus filhos fazendo parte de um coro? Hão de ser solistas, conselheiro, solistas como eu!

CONSELHEIRO

Por que tanta agitação, Jaftás?

JAFTÁS

Por quê? O senhor ainda pergunta por quê? Afinal de contas, se esse maestro vier para cá, o senhor só perde a opinião... E eu? Já comecei perdendo na venda das almas, que não se efetuará mais. O senhor porque não calculou, como eu, a renda que isso ia dar... quatro milhões de almas para os egípcios, mais quatro milhões para o faraó, mais ainda uns dois milhões para o faraó ficar com a maioria... E os que fossem nascendo? E os que fossem melhorando de vida e mudando de grau? E os que pagassem dois aluguéis, um pela alma que deixassem aqui como herança aos filhos e outro pela alma que levassem para depois da morte? O senhor já pensou que prejuízo fabuloso eu estou tendo? E os filhos, em vez de estarem fazendo solo, estarem fazendo coro?... Sabe lá o que é isso?

CORO

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

JAFTÁS

Oh, mas isso é revoltante... Uma vez que o senhor não está disposto a tomar nenhuma atitude, eu vou procurar o general...

GENERAL

(Entrando) Aqui me tens, Jaftás... Escusa assim uma caminhada ao longo do Nilo...

JAFTÁS

Oh, general, foi Osíris quem o enviou até aqui neste momento! O senhor já sabe o que está sucedendo? Uma calamidade, uma calamidade! Calcule que o faraó, induzido pela pouca inteligência da mulher, decidiu cometer o maior pecado contra Osíris!

GENERAL

Qual?

JAFTÁS

Abrir mão da exclusividade da alma! Ora, todos nós sabemos, todos nós juramos a Osíris defender as suas sagradas leis – e agora o faraó, que é filho do próprio Osíris, resolve trair o pai, dando uma alma a um estranho! General, nós não podemos consentir nisso! Afinal de contas, só o faraó tem alma! O faraó está certamente perturbado pelas insinuações da mulher, e esta também está com o raciocínio prejudicado pela insistência desse canto coral às portas do palácio. Mas nós temos sagrados interesses a zelar, não podemos nos sujeitar aos vaivéns de um coração

temperamental de mulher e de um cérebro fraco de marido apaixonado! Eles não estão medindo as conseqüências desse ato! Nossos prejuízos serão incalculáveis. Oh! Outra coisa, conselheiro, que eu não lhe disse... Depois de vender uns dois milhões de almas, nós poderíamos reter o resto do estoque... Ora, havendo escassez de almas no mercado, o preço subiria incontinenti... Com uma simples retenção de almas, nós multiplicaríamos a nossa renda... E é tudo isso que vai pelo Nilo abaixo... Só porque a mulher do faraó na certa simpatizou com esse maestro do coro... O faraó não está percebendo que isso é até perigoso para a sua própria situação de marido real?

GENERAL

Pelo que vejo, o rico Jaftás está seriamente preocupado...

JAFTÁS

Mas não é para menos, general. O senhor já percebeu o que isso significa em relação aos seus próprios interesses? O seus guerreiros, general, serão transformados em coristas... Em vez de armas... usarão partituras. Isto significa... que, em vez de generais, haverá maestros...

GENERAL

Hein? O quê?

JAFTÁS

Claro, general, claro... É toda a civilização osiriana que está ameaçada! Nós precisamos nos unir para defender as instituições que Osíris nos ensinou a amar e respeitar... O seu invento, general, diga-me como está o seu invento. Tem feito experiências, tem feito experiências?

GENERAL

Sim, tenho feito...

JAFTÁS

Então, general, então? Nós não podemos ficar parados... O seu invento tem que ser industrializado... Nós temos que defender Osíris, general! Temos que defender o próprio faraó e sua excelentíssima família desses momentâneos colapsos cerebrais que estão tendo... Lembre-se, general, partituras, maestros... Conto com o senhor?

GENERAL

Mas eu acho que o sumo sacerdote...

CONSELHEIRO

Creio que o sacerdote está de acordo com a mulher do faraó...

JAFTÁS

(Indignadíssimo) Não é possível! Não é possível! Estão todos loucos! Mas isso não consulta os

interesses do sumo sacerdote... Onde é que já se viu o sacerdote abrir mão da sagrada lei de Osíris, que diz que “só o faraó tem alma”? Ao menos que fosse, como eu sugeri ontem, com a finalidade de enriquecer o próprio Osíris... Eu preciso falar com o sacerdote, eu preciso falar com o sacerdote...

SACERDOTE

O sacerdote aqui está!

JAFTÁS

Oh, sacerdote... Foi Osíris quem o mandou aqui... Osíris está conosco... Osíris está conosco... Diga-me, então, que grande vento de loucura atravessou o palácio? Ouço dizer que o faraó vai dar, em nome de Osíris, uma alma para o maestro do coro. É possível tamanha heresia? O faraó não sabe que só o faraó tem alma?

CORO

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

JAFTÁS

Diga-me, senhor sacerdote, Osíris está de acordo com tudo isso? E o senhor sacerdote não pretende tomar nenhuma providência para que se evite tão grande profanação? O senhor sacerdote já compreendeu o que significa uma outra pessoa ter alma no Egito além do faraó? Uma pessoa que, afinal de contas, não é conhecida no templo, não tem dado provas de estimar as instituições vigentes, nada se sabe a respeito de sua piedade osiriana! E o senhor sacerdote em que posição vai ficar? Sem alma, sem nada, diante de um maestro de coro e alma? Ele começará a dizer que a sua alma se comunicou com Osíris e que Osíris disse para fazer assim, disse para fazer assado... Modificará os rituais, introduzirá novidades... E como o senhor sacerdote irá controlar tudo isso... se sacerdote não tem alma? A situação é seríssima... Precisamos agir decisivamente sobre o faraó... Repito que não podemos estar sujeitos às flutuações temperamentais de uma mulher e aos colapsos cerebrais de um marido apaixonado... Precisamos convencer o faraó de que só o faraó tem alma....

CORO

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

JAFTÁS

Ouçam... Ouçam... Vamos conversar com o faraó imediatamente... E se formos mal sucedidos, paciência. Não podemos cruzar os braços. Então, sacerdote, retire do faraó a filiação de Osíris!

General, apresse o invento. Conselheiro, avise seu serviço secreto! Que investiguem a vida desse maestro, perscrutem tudo, fuxiquem tudo... Vejam se ele não abateu animais sagrados, se não mutilou estátuas de deuses, se não recebeu comissões indevidas em negócios escusos! Há sempre algo podre na vida de um homem! Que se descubra! Eu pago! Eu pago! Mas que os escribas divulguem, que os poetas cantem, que se corra do alto ao baixo Egito anunciando ao povo: este homem não pode ter alma, é um criminoso, um desonesto, um cão, um rato!

SEGUNDO QUADRO

(Cenário, o mesmo. Todos os personagens já apresentados e mais o escravo Amenetep.)

MAESTRO

Agora, vamos iniciar o nosso novo coro:

“O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém”!

Vamos! Um, dois e... três.

CORO DA CORTE

O faraó tem alma

O maestro também

E mais ninguém!

MAESTRO

Está bom, mas pode ficar melhor. O senhor... como é mesmo seu nome?

JAFTÁS

Jaftás!

MAESTRO

Pois é. O senhor tem que fazer a segunda voz. É o contracanto. No coro, o que vale é a harmonia do conjunto! Vamos de novo. Um, dois, três.

CORO DA CORTE

O faraó tem alma...

MAESTRO

Um momento, um momento. Essa primeira parte é rápida... “O faraó tem alma.” É dita a frase de uma vez só, num só fôlego. Vamos, todos juntos de novo, atenção na saída... E o senhor aí, não se esqueça do contracanto... Atenção... Um, dois, três...

“O faraó tem alma

O maestro também...”

MAESTRO

Um momento, um momento. Essa segunda frase já não é mais igual à primeira. A primeira é rápida e baixa, a segunda é compassada e alta. “O maestro também! O maestro também!” Dizendo muito claramente: “O maestro também!” Vamos, vamos, de novo, de novo... Todo mundo...

FARAÓ

“O faraó tem alma...”

MAESTRO

Um momentinho, um momentinho... É preciso esperar o meu sinal... Para entrarem todos juntos... O encanto do coro está na harmonia do conjunto. Não pode haver vozes distintas... Vamos... Tomar respiração... Um, dois, três...

CORO DA CORTE

O faraó tem alma
O maestro também
E mais ninguém...

MAESTRO

Estão, estão melhorando. Vamos mais uma vez... O faraó não precisa se precipitar. É só aguardar o meu sinal. Madame também pode soltar mais a voz: “O Maestro também!” O senhor sacerdote também está engrolando a última frase: “E mais ninguém”. É preciso não ter medo de pronunciar as palavras: “E mais ninguém!” De todos, o general é que está indo melhor. O conselheiro também não está mau. É preciso entusiasmo, animação... O coro não é apenas uma emissão de vozes... É o enunciado de uma nova e sagrada lei de Osíris... É preciso pensar em Osíris na ocasião da emissão dos sons e ter em mente também o verdadeiro significado das palavras “O maestro tem alma”!

FARAÓ

Mas, não, mas agora o senhor se enganou... A letra não é bem essa... O faraó vem primeiro... A letra é “O faraó tem alma – O maestro também...”

MAESTRO

Claro, claro, foi um pequeno lapso... O faraó desculpe...

FARAÓ

Oh, o senhor não tem nada que se desculpar... Nós estamos aqui para justamente...

MAESTRO

Então atenção... Todos de novo... Sentimento de equipe... Espírito de *association*. A primeira frase baixa e rápida, a segunda e a terceira bem altas, lentas e explicadas! Aguardem o sinal. Um, dois, três.

CORO DA CORTE

O faraó tem alma
O maestro tam-bém
E mais nin-guém!

MAESTRO

Está bem, continuem, agora repetindo sempre.

CORO DA CORTE

O faraó tem alma

O maestro tam-bém
E mais nin-guém!

O faraó tem alma
O maestro tam-bém
E mais nin-guém!

O faraó tem alma
O maestro tam-bém
E mais nin-guém!

MAESTRO

Bravos... Bravos... Estão melhorando muito... Podem até gesticular, um coro gesticulado é até uma novidade... Reparem como eu faço: “O faraó tem alma”... Isso não precisa gesto. Agora “O ma-es-tro tam-bém!” Braços levantados, braços levantados... “E mais nin-guém!” Braços levantados e na ponta dos pés... Então vamos... Primeiro observem: “O faraó tem alma”... Como se fosse uma descarga. Todas as palavras ditas de uma só vez... “O faraó tem alma”. Abaixa. “O Ma-es-tro tam-bém!” Levanta. “E mais nin-guém”... Lá no alto. Agora vamos, todos harmônicos, imbuídos do espírito das sagradas leis de Osíris que estamos entoando... Atenção... Gestos e palavras... Todas a um só tempo... Um, dois, três...

CORO DA CORTE

(Com gestos)

O faraó tem alma
O ma-es-tro tam-bém
E mais nin-guém!

MAESTRO

Emenda, emenda...

CORO DA CORTE

(Com gestos)

O faraó tem alma
O ma-es-tro tam-bém
E mais nin-guém!

MAESTRO

Outra vez...

CORO DA CORTE

(Com gestos)

O faraó tem alma
O ma-es-tro tam-bém
E mais nin-guém!

MAESTRO

Mais uma...

CORO DA CORTE

(Com gestos)

O faraó tem alma
O ma-es-tro tam-bém
E mais nin-guém!

MAESTRO

Bravo, bravo, bravíssimo... Estão consideravelmente melhorando... E a idéia da introdução dos gestos deu um resultadão! Um grande coro, um grande coro... Vozes cristalinas, um grande coro.

CORO

(Fora do palácio)

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

MAESTRO

Oh, mas esse coro lá de fora está insuportável... Inteiramente desafinado...

MULHER DO FARAÓ

Eu bem dizia que o coro era o senhor...

MAESTRO

Obrigado.

CORO

(Fora do palácio)

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

FARAÓ

É como o senhor diz mesmo. Estão completamente desafinados.

MULHER DO FARAÓ

E depois as vozes são rudes, ásperas e soprosas, cheias de estertores, sibilos e rouquidos...

MAESTRO

Realmente... Realmente...

FARAÓ

O senhor não podia dar um jeito de eles pararem com essa desafinação? Do contrário, o senhor mesmo não vai poder dormir, porque o seu quarto é nesta ala aqui, da frente do palácio, exatamente a melhor, mas a mais perto da rua...

CORO

(Fora do palácio)

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

Nós queremos alma!

MAESTRO

Eu vou dar um jeito. *(Dirige-se para a sacada.)* Coristas do Egito! Neste momento de graves preocupações nacionais, quero contar com o apoio e a boa vontade de todos os coristas do Egito, como sempre tenho contado até aqui. Acabo de ter séria conferência com Osíris, que, atendendo ao nosso apelo, acaba de me conceder uma alma. Sentiu muito o grande deus não poder atender a todos vós, porque no presente momento Horus, que é seu filho, está fora, em

outro mundo, e é ele que possui a chave do cofre das almas. Entretanto, Osíris, não querendo vos desapontar, informou ao faraó que, de hoje em diante, eu seria seu irmão e, para não atrasar o expediente, desfez-se de uma terça parte de sua alma e deu-ma de presente. Redigiu assim uma nova lei sagrada, que diz que o faraó tem alma, o maestro também, e mais ninguém. Deveis, portanto, seguindo as determinações do sagrado Osíris, ir para casa em calma e sossego, tratar de vosso gado e vossa plantação... uma vez que Horus se acha ausente e a chave está com ele. Ide em calma, coristas do Egito. O maestro aqui fica, neste palácio, e com uma alma bastante grande, que não só serve para ele como para todos vós. Servi-vos dela à vontade e não esqueci a nova lei de Osíris, que diz que o faraó tem, o maestro também, e mais ninguém! *(Sai da sacada.)*

FARAÓ

O senhor maestro fala muito bem. Gostei muito do seu improviso.

MULHER DO FARAÓ

Tem muita facilidade. É um talento.

MAESTRO

Muito obrigado. Muito obrigado.

FARAÓ

Não tem de quê. O senhor conselheiro não achou?

CONSELHEIRO

Mas claro. Nas menores coisas nota-se a inteligência do maestro.

FARAÓ

Os senhores também não estão de acordo?

GENERAL, SACERDOTE E JAFTÁS

Estamos todos de acordo...

FARAÓ

E o senhor não acha interessante? Já aprenderam todos a falar em coro...

MAESTRO

Oh, mas o senhores me confundem com tantas gentilezas...

FARAÓ

Oh, não senhor, não tem que se confundir... Nós estamos aqui para... justamente... *(Ao fãmulos)* Amenetep, veja o céu como está... *(Amenetep vai à sacada.)*

MAESTRO

(Sentando-se) Pois é, faraó, nós, filhos de Osíris que possuímos alma...

FÂMULO

Tudo limpo, faraó.

FARAÓ

Então pode dar o serviço.

(O fãmullo agarra bruscamente o maestro e dá-lhe uma “chave de braço”.) ~

MAESTRO

Hein? Mas o que significa isso? Solte-me! Olhe que eu tenho alma!

FARAÓ

Exatamente... Exatamente... Isso faz parte do ritual da colocação da alma... Como o senhor deve saber, nós aqui estamos todos muito interessados em saber se realmente Osíris concedeu ao senhor uma alma...

MAESTRO

Mas claro que concedeu, o sacerdote não disse?

FARAÓ

Sim... Sim... Mas acontece que nós estamos aqui para justamente...

CONSELHEIRO

O faraó tem o espírito voltado para as pesquisas científicas e deseja comprovação de tudo, mesmo de certas cerimônias religiosas, não é verdade, sacerdote?

SACERDOTE

Osíris é que recomendou ao faraó que verificasse, pois podia ter havido, não da parte de Osíris, nem do faraó, nem minha – mas do próprio maestro – certa incompatibilidade com a alma que lhe foi destinada...

FARAÓ

Exatamente... Exatamente...

MULHER DO FARAÓ

Uma espécie de alergia.

FARAÓ

Exatamente... Exatamente...

MAESTRO

Soltem-me... Como podem vocês comprovar isso?

MULHER DO FARAÓ

Oh, não se impaciente... É apenas um teste...

MAESTRO

Teste?

FARAÓ

Exatamente, exatamente... Uma prova de sensibilidade da alma... Uma coisa muito simples... O senhor não sentirá nada... Trata-se do seguinte: como o senhor sabe, de acordo com as sagradas leis de Osíris, a alma tem um peso específico. E nós estamos aqui para justamente....

CONSELHEIRO

Medir o peso da alma...

FARAÓ

Exatamente... Exatamente... De maneira que o senhor vai ser sacrificado.

MAESTRO

Hein? O quê?

FARAÓ

Sacrificado... Sacrificado... Eu creio que falei bem claro: sa-cri-fi-ca-do... Amenetep, tem alguém lá embaixo?

MAESTRO

Coristas!...

MULHER DO FARAÓ

Que é que está esperando, Amenetep?

MAESTRO

Socorro, coristas!

FARAÓ

É, dá o serviço de uma vez. *(Amenetep dá uma gravata no maestro, que, sufocado, acaba tossindo.)*

Pelo que vejo o senhor está com muita tosse, quem sabe não é coqueluche? O senhor não tem se tratado? Vai ver que já tomou até sangue de lagarto com azeite... Mas coqueluche é uma doença que ainda não tem remédio...

MULHER DO FARAÓ

E depois é muito contagiosa. Basta um coqueluchento para contaminar o Egito inteiro. Eu acho que é mais uma razão para que o Amenetep...

FARAÓ

Dê o serviço? Exatamente... Exatamente...

(O maestro sai arrastado, aos guinchos, na gravata de Amenetep. Há um grande silêncio de expectativa depois da saída dos dois.)

JAFTÁS

(Baixo, ao conselheiro) Eu acho que a melhor solução ainda seria vendermos as almas, os lucros seriam extraordinários...

(Ouve-se um grito lancinante do maestro, que acaba de ser sacrificado. Continua o silêncio em cena.)

FÂMULO

(Entrando) Está dado o serviço, faraó.

FARAÓ

E então?

MULHER DO FARAÓ

Pesou direitinho antes e depois, Amenetep? Não desperdiçou nada?

FÂMULO

Nada.

FARAÓ

E então, e então?

FÂMULO

Então...

CONSELHEIRO

O faraó quer saber o peso...

SACERDOTE

Se o peso antes era igual a depois...

FÂMULO

Ah, sim, o peso...

GENERAL

Vá ver que não era igual...

JAFTÁS

Se houve erro no peso, certamente foi da segunda vez.

MULHER DO FARAÓ

Então, vamos, Amenetep... Do contrário você terá que tomar sangue de lagarto com azeite para refrescar a memória!

FÂMULO

O peso era... igual!

FARAÓ

Ah, muito bem, muito bem... Como os senhores estão vendo, nós procedemos com todo o espírito científico... a fim de termos uma prova certa do

resultado da operação da colocação da alma no nosso pranteado maestro. Acontece que, por uma dessas... dessas...

MULHER DO FARAÓ

Idiossincrasias...

FARAÓ

Exatamente... Exatamente... Por uma dessas, o maestro não pôde ficar com a alma que lhe foi destinada pelo sagrado Osíris. De maneira que... que continua vigorando do alto ao baixo Egito a antiga e tão sábia tradição sagrada de que só... só...

TODOS EM CORO

(Numa grande reverência, ajoelhando-se, com os olhos na terra e a mão no peito) Só o faraó tem alma!

FIM

PLUFT, O FANTASMINHA

Maria Clara Machado

PERSONAGENS:

Pluft
Dona Fantasma
Tio Gerúndio
Maribel
Capitão Perna-de-Pau
João
Julião
Sebastião

Pluft, o Fantasminha estreou no teatrinho do Patronato da Gávea com o elenco do Tablado, a 26 de setembro de 1955. Sagrou-se, desde o início, como sucesso absoluto de crítica e de público. Mereceu rasgados elogios e numerosas crônicas nos jornais. Obteve, para sua autora, o prêmio de revelação de “Teatro Brasileiro”. Pela sua poesia, pelos seus achados cômicos, pelo que de excitante oferece à imaginação, esta peça de Maria Clara Machado ficará, por certo, como modelo na literatura infantil brasileira.

“Se dizemos às pessoas grandes: ‘Vi uma casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado’... elas não conseguem de modo nenhum fazer uma idéia da casa. É preciso dizer-lhes: ‘Vi uma casa de seiscentos contos’. Então elas exclamam: ‘Que beleza!’... Elas são assim mesmo. É preciso não lhes querer mal por isso, as crianças devem ser muito indulgentes com as pessoas grandes.”

Saint Exupéry, O pequeno príncipe

PRÓLOGO

(O prólogo se passa à frente da cortina. Pela esquerda surgem os três marinheiros amigos, meio bêbados, cantando. O da frente é Sebastião, o mais corajoso. Leva um toco de vela aceso ou um lampião. Segue-se Julião, segurando uma garrafa. Por fim, João, segurando um mapa. Deve-se ouvir a canção antes de avistá-los.)

Ainda era uma criança,
Quando saiu para o mar
A aprender a navegar
O Capitão Bonança!

Depois morreu no mar,
Deixou de navegar,
Onde está a herança
Do Capitão Bonança!
(Quando aparecem no palco, devem estar acabando o canto.)

SEBASTIÃO

Deve ser aqui! Veja no mapa, Julião!

JULIÃO

Veja você, Sebastião. *(Troca o mapa pela vela do Sebastião.)*

SEBASTIÃO

É melhor o João ver. João é o encarregado do mapa. *(Troca a garrafa com João e bebe um traguinho. Fazem várias vezes este jogo de trocar.)*

JOÃO

(Com o mapa) Uma casa perdida na areia branca perto de um mar verde... Deve estar por perto... Pega a luneta, Julião.

JULIÃO

(Olhando pelo gargalo da garrafa) Estou vendo um mar calmo com algumas ondinhas brancas.

SEBASTIÃO

Então vamos!

JOÃO

(Desanimado) Já andamos muito! Pobre Maribel!

JULIÃO

Pobre Maribel!

SEBASTIÃO

Pobre Maribel!

(Os três se abraçam e sentam-se no chão.)

SEBASTIÃO

(Levantando-se) Precisamos salvar a neta do nosso grande Capitão Bonança!

JOÃO

(Fazendo o mesmo) Precisamos achar o tesouro da neta do grande Capitão Bonança!

JULIÃO

Precisamos pegar o ladrão do tesouro da neta do grande Capitão Bonança!

SEBASTIÃO

Viva o grande Capitão Bonança!

TODOS

Vivaaaaa!

SEBASTIÃO

(Para Julião) Vamos!

JULIÃO

(Para João) Vamos!

JOÃO

(Para alguém imaginário que o segue) Vamos!
(Os três recomeçam a cantar e saem pela direita, descendo o proscênio.)

ATO ÚNICO

(Cenário: um sótão. À direita, uma janela, dando para fora, de onde se avista o céu. No meio, encostado à parede do fundo, um baú. Uma cadeira de balanço. Cabides onde se vêem, pendurados, velhas roupas e chapéus. Coisas de marinha. Cordas, redes. O retrato velado do Capitão Bonança. À esquerda, a entrada do sótão. Ao abrir o pano, Dona Fantasma faz tricô, balançando-se na cadeira, que range compassadamente. Pluft, o Fantasminha, brinca com um barco. Depois larga o barco e pega uma velha boneca de pano. Observa-a por algum tempo.)

PLUFT

Mamãe!

MÃE

O que é, Pluft?

PLUFT

(Sempre com a boneca de pano) Mamãe, gente existe?

MÃE

Claro, Pluft, claro que gente existe.

PLUFT

Mamãe, eu tenho tanto medo de gente! *(Larga a boneca.)*

MÃE

Bobagem, Pluft.

PLUFT

Ontem passou lá embaixo, perto do mar, e eu vi.

MÃE

Viu o quê, Pluft?

PLUFT

Vi gente, mamãe. Só pode ser. Três.

MÃE

E você teve medo?

PLUFT

Muito, mamãe.

MÃE

Você é bobo, Pluft. Gente é que tem medo de fantasma e não fantasma que tem medo de gente.

PLUFT

Mas eu tenho.

MÃE

Se seu pai fosse vivo, Pluft, você apanharia uma surra com esse medo bobo. Qualquer dia destes eu vou te levar ao mundo para vê-los de perto.

PLUFT

Ao mundo, mamãe?!!

MÃE

É, ao mundo. Lá embaixo, na cidade...

PLUFT

(Muito agitado, vai até a janela. Pausa) Não, não, não. Eu não acredito em gente, pronto...

MÃE

Vai, sim, e acabará com estas bobagens. São histórias demais que o tio Gerúndio conta para você.

(Pluft corre até um canto e apanha um chapéu de almirante.)

PLUFT

Olha, mamãe, olha o que eu descobri! O que é isto?!

MÃE

Isto tio Gerúndio trouxe do mar.

(Pluft, fora de cena, continua a descobrir coisas, que vai jogando em cena: panos, roupas, chapéus, etc.)

PLUFT

Por que tio Gerúndio não trabalha mais no mar, hein, mamãe?

MÃE

Porque o mar perdeu a graça para ele...

PLUFT

(Sempre remexendo, descobre um espartilho de mulher.) E isto, mamãe? *(Aparecendo)* Que é isso? Ele trouxe isto também do mar? *(Coloca o espartilho na cabeça e passeia em volta da mãe.)*

MÃE

Pluft, chega de remexer tanto nas coisas...

PLUFT

(Larga o espartilho no chão e passeia pela cena à procura do que fazer.) Vamos brincar, tá bem? Finge que eu sou gente. *(Veste-se de fraque e cartola.)*

MÃE

(Sem vê-lo) Chega de fazer desordem, meu filho. Você acaba acordando tio Gerúndio. (Ela olha para o baú.)

PLUFT

(Pé ante pé, chega por detrás da cadeira da mãe e grita:) Uuuuh! (A mãe leva um grande susto e deixa cair as agulhas e o tricô.) Eu sabia! Eu sabia que você também tinha medo de gente. Peguei! Peguei! Peguei mamãe com medo de gente... Peguei mamãe com medo de gente!...

MÃE

(Procurando de gatinhas os óculos e o tricô) Pluft, você quer apanhar? Como é que eu posso acabar o meu tricô para os fantasmilhas pobres, se você não me deixa trabalhar? (A mãe volta à cadeira, bufando, e Pluft volta à janela, pensativo.)

PLUFT

Eu não iria nem a pau.

MÃE

Aonde, Pluft?

PLUFT

Trabalhar no mar. Tenho medo de gente e de mar também. É muito grande e azul demais... (De repente Pluft se assusta.) Oh! (Corre até a mãe sem voz e torna à janela.) Mamãe, olha lá. Iiii... Estão vindo! (Corre e senta-se no colo da mãe.) Mamãe, mamãe, acode! Eles estão vindo... Vindo do mar... E subindo a praia.

MÃE

(Desvencilhando-se de Pluft, que continua agarrado à sua saia, dirige-se até a janela.) Não é possível. Desde que nos mudamos para cá ninguém subiu aqui! (Pausa) É verdade. Lá vêm eles. (Dirige-se rapidamente para um canto, de onde tira um telefone.) Zero-zero-zero-zero, alô, prima Bolha? (Toda vez que Dona Fantasma fala ao telefone ouvem-se em resposta barulhos de bolhas d'água, o que é conseguido soprando palavras por um tubo de borracha dentro d'água.) Sou eu. Olha, uma surpresa hoje, aqui. Adivinha só. Gente! Ainda não sei. Sim... Sim... Telefone, querida. Adeus, meu bem, eles estão se aproximando. Vem, Pluft.

PLUFT

(Tremendo) Que medo... Que medo... Que medo...

MÃE

(Abrindo o baú) Acorda, Gerúndio. Vem gente!

GERÚNDIO

(Levantando-se, espreguiçando-se) Uuuuuu! Tô com um sono!...

PLUFT

De verdade, tio Gerúndio. Gente mesmo. O mundo todo vem aí!

GERÚNDIO

(Sonolento) Tô com um sono!... (Fecha a tampa do baú e desaparece, roncando.)

(Pluft e a mãe põem-se a escutar. Ouve-se barulho de passadas pesadas. Os dois desaparecem. Ouve-se o canto do marinheiro Perna-de-Pau.)

A menina Maribel... bel... bel...

Tem os olhos cor do céu... céu... céu...

E os cabelos cor de mel... mel... mel...

(Pela porta do sótão entra um marinheiro meio velho e forte, empurrando uma menina frágil amarrada pelas mãos e com um lenço vermelho passado na boca. O velho marinheiro amarra a menina à cadeira e tira um mapa da sacola que leva nas costas.)

PERNA-DE-PAU

É aqui mesmo. Foi aqui que o Capitão Bonança escondeu o tesouro. (Corre até a janela.) Aqueles três patetas nunca descobrirão esta casa. Então eles queriam ser mais espertinhos do que o marinheiro Perna-de-Pau, hein? Queriam salvar a netinha do capitão, hein? Mas o Capitão Bonança Arco-Íris morreu e quem vai entrar no tesouro sou eu! Está ouvindo? Sou eu. Então o vovô Bonança pensou que podia deixar o mapa do tesouro com a netinha e com os três patetas, hein? Ah! Ah! Ah! Então o capitão-vovô não sabia que o marinheiro Perna-de-Pau estava à espreita? Há dez anos que eu espero. Estou cansado, também, ora... Sabem lá o que é esperar dez anos pelo tesouro do navio fantasma? (Começa a procurar.) Aqui está o chapéu do Capitão Bonança! (Põe o chapéu e faz continência. Depois, aos brados, imita um capitão de navio.) Levantar velas! Carregar punhos aos papa-figas! Afrouxar a bujarrona! Entra a bombordo, agüenta a guinada! Ah! Ah! Ah! Agora o capitão sou eu... (Escurece de repente.) Que é isto? (Vai à janela.) Ainda é cedo, sol dorminhoco! Que escuro! Oh! Eu me esqueci de trazer a lanterna. Temos que achar o tesouro. (Procurando na sacola) Quem tem uma lanterna? (Para a menina) Você tem? (Ela faz que não. À platéia) E vocês aí, têm lanterna? Não? Ora... (Mal-humorado) Então preciso ir até a cidade buscar uma lanterna. Você vai ficar aí presinha na cadeira. Mas não precisa fazer essa cara de vítima, que o Capitão Perna-de-Pau é bonzinho... Ele não vai te matar, não... Ele vai... Ele vai casar com você... Vamos comprar outro navio e vamos navegar... navegar... navegar... (Faz a mímica de

um barqueiro remando.) Ninguém te achará nunca! A neta do Capitão Bonança vai navegar com o Capitão Perna-de-Pau... Vou buscar a lanterna e já volto... Navegar... navegar... navegar... *(Dá uma gargalhada e sai assobiando a "Menina Maribel".)*

(A menina começa a chorar baixinho, desvencilha-se da cadeira, tira a mordaça e corre até a janela.)

MARIBEL

Socorro! Socorro! Socorro! João! Julião! Sebastião! Meus amigos... Me salvem! *(Sempre choramingando, Maribel, com muito medo, procura conhecer o sótão, olhando amedrontada para todos os lados; Pluft, que estava à espreita, aproxima-se devagarinho e muito receoso.)*

PLUFT

Oh!
(A menina, ao ver Pluft, desmaia.)

MÃE

(Chegando) Ora, Pluft, quem mandou você aparecer?... Assustou a menina...

PLUFT

(Agarrado à saia da mãe) E agora?

MÃE

(Coloca a menina na cadeira.) Agora temos que esperar que ela volte do desmaio. Coitadinha! *(Saindo)* Vou procurar algum remédio para desmaio de gente. Fica aí tomando conta dela.

PLUFT

(Segurando a mãe) Eu?!

MÃE

(Voltando-se) Você, sim.

PLUFT

Mas eu tenho medo de gente, mamãe!

MÃE

Você tem medo dela?

PLUFT

Dela... Muito não. Mas dele, tenho, sim!...

MÃE

(De dentro) Ele não volta tão cedo. A cidade é muito longe.
(Pluft fica na dúvida, vendo se segue a mãe ou não. Por fim, na ponta dos pés, trata de observar a menina com curiosidade e medo. Num momento, a menina se mexe e Pluft sai correndo, quase sem fôlego, voltando depois para tornar a observá-la. Pega nos cabelos da menina e sente prazer.)

PLUFT

Gente é engraçado!... *(Continua a observá-la, até que a menina torna a mexer-se.)* Mamãe!

MÃE

(De dentro) Que é, Pluft?

PLUFT

Você está aí?

MÃE

Estou.

PLUFT

(Aliviado) Ah!... *(A menina torna a mexer-se.)* Mamãe, quem sabe a gente pega isto aí e joga lá na noite e depois fechamos bem a porta e botamos o baú de tio Gerúndio, com tio Gerúndio e tudo dentro, bem em frente da porta para o marinheiro não voltar, e ficamos aqui, nós sozinhos, só fantasmas e gente não...

MÃE

(De dentro) Pluft, quem te ensinou a ser ruim assim? Foi tio Gerúndio?

PLUFT

(Sempre olhando a menina em atitude de defesa) Não é ruindade, não, mamãe. É medo!

MÃE

(De dentro) Se seu pai fosse vivo! Que fantasma corajoso ele era. *(Aparecendo só de rosto e tornando a desaparecer)* Você quer mesmo jogar esta menina fora pela janela, Pluft?

PLUFT

Acho que não quero não. Mas ela podia bem ir logo embora. *(Rodeia a menina, muito aflito.)* Você não acha, mamãe? *(Pluft levanta a cabeça da menina.)* Oooooooh!

MÃE

(De dentro) O que é, Pluft?

PLUFT

(Radiante) Mas gente é uma gracinha, mamãe...

MÃE

(De dentro) Nem sempre, meu filho, nem sempre...
(Pluft se aproxima e cutuca a menina. Esta torna a se mexer um pouco... Pluft se assusta menos. Maribel torna a ver Pluft, se assusta, mas se levanta e fita Pluft, espantada. Os dois ficam, um em frente do outro, guardando certa distância, em atitude de mútua contemplação. Silenciosos, com a respiração presa, ficam assim por algum tempo.)

MARIBEL

(Tensa) Como é que você se chama?

PLUFT

(Tenso) Pluft. E você?

MARIBEL

Eu sou Maribel.

PLUFT

Você é gente, não é?

MARIBEL

Sou. E você?

PLUFT

Eu sou fantasma.

MARIBEL

Fantasma, mesmo?

PLUFT

É. Fantasma mesmo. Mamãe também é fantasma.

MARIBEL*(Relaxando)* Engraçado, de você eu não tenho medo!...**PLUFT***(Idem)* Nem eu de você. Engraçado...**MÃE***(De dentro)* Pluft!**PLUFT**

É minha mãe. Com licença. Que é, mamãe?

MÃE*(De dentro)* Com quem é que você está falando?**PLUFT**

Com Maribel.

MÃE

Com quem?

PLUFT*(Gabando-se)* Ora mamãe, com gente...
(Aproximando-se mais da menina com ar de velha amizade) Com Maribel.**MÃE**

Ah! Então ela já acordou?

MARIBEL

Mas sua mãe também é fantasma?

PLUFTClaro, ora! *(Ofendido)* Você queria que ela fosse peixe?**MARIBEL**

E seu pai?

PLUFT

Meu pai era fantasma da ópera.

MARIBEL

Fantasma da ópera?

PLUFTÉ. Trabalhava num teatro grandel!... Agora ele morreu. Virou papel celofane. *(Em tom confidencial)* Mamãe não gosta que se fale nisto não. Ela fica muito triste, coitada. Quando papai morreu...**MARIBEL**

Virou papel celofane?

PLUFT

É. Quando papai virou papel celofane, a família teve que deixar o teatro e vir morar aqui com tio Gerúndio.

MARIBEL

Quem é tio Gerúndio?

PLUFT*(Puxando-a para o baú)* Tio Gerúndio dorme aqui dentro. Ele era fantasma de navio. *(Os dois se sentam no baú.)***MARIBEL**

Fantasma de navio?

PLUFT

É. Dum navio fantasma. Ele trabalhava à beça...

MARIBEL

Será que era o navio de meu avô, o Capitão Bonança Arco-Íris?

PLUFT

É isto mesmo. Ele é meu tio. O fantasma do navio de seu avô era meu tio.

MARIBEL

Que coincidência, hein?

PLUFT

Que coincidência: seu avô e meu tio trabalharam no mesmo navio!

*(Os dois ficam rindo por alguns momentos, contentes com a descoberta mútua. Maribel cutuca o fantasma e acha graça de ele ser diferente dela.)***MARIBEL***(Lembrando-se)* Oh! *(Vai até a janela.)* O Perna-de-Pau vai voltar, meu Deus do céu. Ele quer roubar o tesouro do meu avô e vai me levar para o mar...**PLUFT***(Imitando a mímica do marinheiro)* Navegar... navegar... navegar... não é?**MARIBEL***(Começando a chorar)* Não... não... não... *(Cai sentada à beira da janela.)***PLUFT**

Que lindo! Que lindo! Que lindo!... Mamãe, mamãe... Acode aqui... A menina está derramando o mar todo pelos olhos!...

MÃE*(De dentro)* Ela está chorando, meu filho.**PLUFT**

Que lindo é chorar, mamãe... Também quero!

MÃE*(De dentro)* Fantasma não chora, Pluft. Senão derrete. *(Chegando)* Vá buscar um pano para enxugar os olhinhos dela.**PLUFT***(Sai e torna a voltar.)* Para pegar o choro dela?**MÃE**É. *(A mãe fantasma passa a mão na cabeça da menina, que se assusta ao vê-la.)* Ah! Tinha me esquecido. *(Formaliza-se toda para se apresentar. Põe na cabeça um chapéu fora de moda.)* Sou a mãe de Pluft. *(Cumprimentos)* Aceita um pastel de vento? *(Sai.)*

PLUFT

(Chegando com um pano) Toma para você pegar seu choro.

(Dona Fantasma volta com uma bandeja cheia de pastéis imaginários que oferece ao mesmo tempo que come.)

MARIBEL

Muito obrigada, Senhora Fantasma, a senhora é muito gentil. Mas estou tão nervosa, que nem posso comer. Tenho medo do marinheiro Perna-de-Pau. Ele quer roubar o tesouro do vovô Bonança e me levar para o mar. E meus amigos, João, Julião e Sebastião, que vinham para me salvar, desapareceram... *(Desanda a chorar.)*

(Dona Fantasma, muito comovida, mas sempre mastigando, vai saindo meneando a cabeça, mas é interrompida por Gerúndio.)

GERÚNDIO

(Levantando a tampa do baú) Pastel! *(Dona Fantasma chega até ele e oferece. Gerúndio faz que tira uns três e torna a entrar no baú, sempre com sono. Dona Fantasma sai.)*

MARIBEL

Deliciosos os seus pastéis de vento, Dona Fantasma!

MÃE

(Aparecendo só de rosto) Não tem de quê!

MARIBEL

Se meus amigos João, Julião e Sebastião não chegam, o Perna-de-Pau vai me levar para o mar...

PLUFT

Mas onde estão seus amigos?

MARIBEL

Não sei. Na certa estão me procurando aí pela praia...

PLUFT

Quem sabe, tio Gerúndio pode dar um jeito? Ele é tão sabido.

MARIBEL

Será que ele ajuda a me livrar do Perna-de-Pau?

PLUFT

Vamos perguntar. *(Abre a tampa e chama.)* Tio Gerúndio! Tio Gerúndio! *(Desanimado)* Está roncando de sono. *(Gerúndio tenta se levantar, mas apenas se ajeita melhor para continuar a dormir.)* Não adianta; ele agora só gosta de dormir e de pastel de vento...

MARIBEL

(Saindo) Então tenho que fugir depressa.

PLUFT

Sozinha nesta praia branca?!

MARIBEL

Ê.

PLUFT

Neste escuro preto?!

MARIBEL

Ê. Já vou, antes que volte o Perna-de-Pau.

PLUFT

Espera! *(Pára e respira fundo.)* Pronto! Tomei coragem. Mamãe, mamãe... Eu vou. Eu vou ao mundo procurar os amigos de Maribel. *(Entra a mãe.)*

MÃE

(Numa efusão de alegria) Meu filho! *(Abraçam-se.)* Se seu pai fosse vivo, ficaria orgulhoso de você. *(Sai rápido.)*

PLUFT

Vou fingido de gente. Vem me ajudar, Maribel. *(Põe a cartola e o fraque, que estão pendurados no cabide, ajudado por Maribel.)*

MÃE

(Chegando com uma malinha) Toma aqui uns pastéis de vento para vocês comerem no caminho. *(Ajeita o filho.)* Cuidado com o sol para não te derreteres... Procura o vento sudoeste, que é o mais agradável. Trata de ser um fantasminha decente, sim? Só prega susto naqueles que merecerem. Se encontrares algum outro fantasma assustando alguém, procura outra gente para assustar. Há trabalho para todos. E volta um fantasma de verdade. Tenho certeza que vais gostar do mundo. Abre bem o olho para veres as coisas bonitas que existem por aí e cuida bem da menina.

PLUFT

(De mãos dadas com Maribel) Sim, mamãe... Sim... Adeus! *(Toma a bênção da mãe.)* Vamos, Maribel, vamos procurar seus amigos.

MARIBEL

Adeus, Senhora Fantasma. Voltaremos para procurar o tesouro. Nunca vi família mais simpática, muito obrigada...

PLUFT

Vamos, Maribel... Iiiiiii! Está me nascendo uma coragem!

MÃE

(Correndo ao telefone) Zero, zero, zero, zero, alô! Prima Bolha querida, imagine que o meu Pluft resolveu ir!!! Sim. Sim... Tal pai, tal Pluft! Que coragem, hein, prima Bolha? Que coragem!... Que coragem...

(Na disparada entram Pluft e Maribel.)

PLUFT

(Ajoelhando-se aos pés da mãe e agarrando-se à sua

saia) Lá vem ele, mamãe, lá vem ele... Que medo! Que medo! Que medo!

MÃE

(Desiludida) Pluft!...

PLUFT

Mas ele é enorme, mamãe!

MARIBEL

(Pondo a mordaca e sentando-se na cadeira) Depressa, para ele não desconfiar... (Pluft e a mãe ajudam, com grande aflição, a amarrar a menina enquanto já se ouve o canto do Perna de Pau.)

PERNA-DE-PAU

A menina Maribel... bel... bel...

Tem os olhos cor do céu...céu... céu...

E os cabelos cor de mel... mel... mel...

(Pluft e a mãe desaparecem. O marinheiro entra com um castiçal.)

PERNA-DE-PAU

Ah! (Tira a mordaca da menina.) Você ainda está acordada, minha bela? Pois agora podemos procurar à noite toda... Trouxe três velas... De manhãzinha sairemos para navegar... navegar... navegar... (Olhando para o encosto da cadeira) Que é isto? O laço afrouxou? (Deixa o castiçal e começa a apertar o laço. Pluft, nas pontas dos pés, apaga a vela e corre de novo para o seu lugar; a cena escurece.) Oh! O vento apagou a vela. (Tira uma caixa de fósforos do bolso e torna a acender a vela.) Vamos começar a busca. (Ilumina uma velha espada que está pendurada na parede.) Ah! Cá está a espada do Capitão Bonança! Agora é minha. (Pega a espada, deixa o castiçal e simula uma luta de esgrima, depois, satisfeito, coloca a espada na cintura. Torna a segurar o castiçal e, sempre procurando, dirige-se para o lugar onde está Pluft, atrás da cortina.)

MARIBEL

Ai!

PERNA-DE-PAU

(Virando-se para ela) Que é? (Pluft aproveita o momento e torna a apagar a vela.) Apagou de novo! O que foi, hein, menina?

MARIBEL

(Disfarçando) Estou com medo...

PERNA-DE-PAU

Medo? Perto do Capitão Perna-de-Pau? (Risada) Ah! Ah! Ah! Foi vento. (Acende de novo.) Nem vento pode com o Capitão Perna-de-Pau. Pergunta ao mar, se eu tinha medo de vento. (Lá fora o vento começa a soprar.) O vento é que tem medo de mim. (Ouve-se uma grande trovoadá com ventos fortes. É o vento protestando. Perna-de-Pau estremece e corre para a janela, para se desculpar.)

Eu estava brincando... Eu estava brincando. (O vento cessa. Perna-de-Pau dirige-se ao baú do tio Gerúndio.) Ah! Aqui está o baú do velho Bonança. Onde é o lugar de guardar tesouros? (Demonstrando muita lógica) Lugar de guardar tesouros é baú, ora! (Começa a abrir o baú e, quando aproxima a vela, Maribel grita de novo.)

MARIBEL

Ai!

PERNA-DE-PAU

Que foi, hein, menina? (Quando ele se vira para Maribel, Gerúndio se levanta e sopra a vela.) De novo! Raios me partam! Sacripanta! Com um marinheiro honesto não se brinca!

PLUFT

Obrigado, tio Gerúndio.

PERNA-DE-PAU

Quem falou aí? (Corre para onde está Pluft.)

GERÚNDIO

(Erguendo-se do baú) Não amola não, sim? (Torna a deitar-se. Quando Gerúndio fala, Perna-de-Pau olha para o lado do baú e Pluft torna a apagar a vela.)

PERNA-DE-PAU

(Correndo de um lado para o outro, amedrontadíssimo) Quem está aí? Quem está aí? Não tenho medo de ninguém, estão ouvindo? (Pluft e tio Gerúndio começam a rir, acompanhados de outras gargalhadas de fora de cena.) Quem é que está rindo de mim? Quem é que está rindo de mim, já disse. (Pausa. Cessa o riso.) Acho que estou ficando doido... Voltarei quando o sol nascer. Quero ver quem pode apagar o sol. O sol ninguém apaga, estão ouvindo? Vamos, menina, amanhã bem cedo voltaremos. (Desamarra Maribel com muita pressa e nervosismo.) Quero ver quem pode apagar a luz do sol... O sol ninguém apaga, nem vento nem... (Saindo) fantasmas! (Gerúndio levanta e dá uma enorme gargalhada. Perna-de-Pau sai assustadíssimo, puxando Maribel,)

PLUFT

Coitadinha... Coitadinha... Coitadinha... Lá vai ela puxadinha por aquele bruto... Seu cara de gente! Ela está tão branquinha que até parece fantasma... Que gracinha! (Dando socos no ar com muita energia) Vou pegar aquele bruto, dar um soco nele... Mamãe, precisamos salvar a menina!

MÃE

(Entrando) Se ao menos pudéssemos saber onde está o tesouro!

PLUFT

Só tio Gerúndio sabe.

MÃE

Que é que adianta ele saber? Só quer dormir...

PLUFT

Xisto também sabe.

MÃE

É mesmo.

PLUFT*(Para o público)* Xisto é meu primo, fantasma de avião. *(Chamando)* Xisto! Xisto! *(Olham para cima. Ouve-se o barulho de um avião se aproximando.)***MÃE***(Sempre olhando para cima)* Xisto, você sabe onde está o tesouro do falecido Capitão Bonança?... O quê? *(Barulho de bolhas.)* Fale mais alto, ou então, desce!**PLUFT**Ele fica enjoado quando desce. O quê? Ele está falando em fantasmês. Pode falar em português, Xisto, todo mundo aqui é amigo. *(À platéia)* Ele é muito desconfiado. Está dizendo que quem sabe onde está o tesouro é a prima Bolha. É bem capaz. Prima Bolha trabalha na polícia secretíssima...**MÃE***(Que durante a conversa de Pluft com a platéia ficou conversando com Xisto em fantasmês)* Obrigada, Xisto, vou telefonar já, já para a prima Bolha. *(Corre ao telefone.)* Zero, zero, zero, zero. Alô! Quer fazer o favor de chamar dona Bolha de Sabão. Alô, prima Bolha, querida, antes de mais nada quero avisar que amanhã é a reunião das senhoras fantasmas para incentivar o intercâmbio cultural entre gente e fantasma. *(Barulho de bolhas muito agitadas.)***PLUFT***(Que está aflitíssimo)* Anda, mamãe. Não temos tempo a perder. Deixa de falar difícil e entra logo no assunto. *(Um relógio bate três horas.)* Três horas da manhã! Está vendo? Coitadinha da Maribel... Não agüento mais. Vou sozinho ao mundo salvar minha amiga... *(Trepa na janela e fica parado, a olhar, enquanto a mãe fala rapidamente em fantasmês no telefone. Ouve-se bem longe a canção do Bonança.)* Mais gente, mamãe! *(Corre pela cena, agitado.)* Os três amigos de Maribel. Só pode ser... Que animação!**MÃE***(Agitada)* Visitas! Pastéis! Pastéis!... *(Sai.)***PLUFT**Que medo, que coragem... Nem sei. *(Sai.)**(A canção aumenta e surgem, como no Prólogo, os três marinheiros.)***SEBASTIÃO**

Deve ser aqui! Veja no mapa, Julião!

JULIÃOVeja você, Sebastião. *(Troca o mapa pela vela de Sebastião.)***JOÃO***(Com o mapa)* Uma casa perdida na areia branca perto de um mar verde... Deve estar perto... Pega a luneta, Julião.**JULIÃO**

Estou vendo um mar calmo com alguma espuminha branca...

SEBASTIÃO

Então vamos!

JOÃO*(Desanimado)* Já andamos muito... Pobre Maribel! Maribel é a neta...**SEBASTIÃO**

Pobre Maribel! Pobre da netinha do grande Capitão Bonança!

JULIÃO

Precisamos salvar a neta do nosso grande Capitão Bonança!

JOÃO*(Tremendo de medo)* Precisamos achar o tesouro da neta do grande Capitão Bonança!**SEBASTIÃO**

Viva o grande Capitão Bonança!

TODOS

Vivaaaaaaa!

SEBASTIÃO*(Para Julião)* Vamos!**JULIÃO***(Para João)* Vamos!**JOÃO***(Com voz fraquinha, para alguém imaginário)* Vamos!*(Os três recomeçam a cantar, entrando na cena muito desconfiados. Procuram um pouco. João, com muito medo, vai saindo até aparecer de novo no proscênio.)***SEBASTIÃO**Deve ser aqui mesmo. Veja no mapa, João. *(Não o encontrando, sai a procurá-lo e vai pegá-lo fugindo.)* João!**JOÃO**Pronto, Sebastião! *(Faz continência.)***SEBASTIÃO E JULIÃO**

Um por todos e todos por um, vamos!...

JOÃOVamos! *(João tenta fugir de novo, mas é agarrado por Sebastião.)*

JULIÃO

Pobre Maribel! Temos que ajudar os nossos amigos!

JOÃO

Temos?

SEBASTIÃO

(Com certo medo também) Então vamos primeiro estudar o mapa. *(Sentam-se no proscênio e estudam o mapa. João, que segura o lampião, está tremendo de medo.)* Uma casa velha perdida na areia branca, perto do mar verde...

PLUFT

(Sem ser percebido pelos marinheiros, que continuam observando o mapa) É aqui... É aqui... São eles... São eles, mamãe... Os amigos de Maribel!... Agora eles podem salvar Maribel!

MÃE

(Atravessando a cena, afobada) Preciso contar tudo à prima Bolha... *(Desaparece.)*

PLUFT

Mamãe! Estou com medo! *(Segue a mãe.)* Eles não vão me pegar, não?

MÃE

(De fora) Claro que não, filhinho. Estes são amigos. *(Pluft volta e espera, solenemente sentado no meio da cena.)*

SEBASTIÃO

(Levantando-se) Vamos! *(Meio amedrontados e cantarolando a canção do Bonança para criar coragem, eles tornam a entrar em cena. Um por um, ao darem com Pluft, levam um bruto susto e se agarram em fila indiana, rodeando o fantasma.)*

SEBASTIÃO

Você está vendo, João?

JOÃO

Você está vendo, Julião?

JULIÃO

Você está vendo, Sebastião?

SEBASTIÃO

Estou.

JULIÃO

Estou.

JOÃO

Estou.

OS TRÊS

Um fantasma!

SEBASTIÃO

Deve ser sonho. *(Esfrega os olhos.)*

JULIÃO

Deve ser sonho. *(Faz o mesmo.)*

JOÃO

Deve ser sonho. *(Faz o mesmo.)*

PLUFT

Uuuuuuuuuuuuu!

(Os três dão um berro e saem correndo, cada qual para um lado, sendo que João desaparece pela janela. Pluft olha para eles com desprezo e sai com muita dignidade.)

PLUFT

(Saindo) Medrosos!

SEBASTIÃO

(Voltando com cautela e olhando para o lugar onde estava Pluft) Ué! Desapareceu! Era sonho mesmo. *(Julião também observa o ambiente e concorda com Sebastião.)*

JOÃO

(De fora) Uiiiiiiiiiii!

SEBASTIÃO

(Chamando) João!

JOÃO

Pronto, Sebastião!...

SEBASTIÃO

(Correndo com Julião para a janela, joga uma corda e os dois fazem a mímica de puxar João.) Precisamos salvar a neta do nosso grande Capitão Bonança!

JULIÃO

Precisamos achar o tesouro da neta do grande Capitão Bonança!

JOÃO

(Com voz fraca, ao longe) Precisamos pegar o ladrão do tesouro da neta do grande Capitão Bonança! *(Entra pela janela como se fosse puxado pela corda.)* Precisamos mesmo?

SEBASTIÃO

Viva o grande Capitão Bonança!

JULIÃO

Viva o grande Capitão Bonança!

JOÃO

Viva o grande Capitão Bonança!

GERÚNDIO

(Abrindo o baú) Vívoooooooooooo! *(Os três, que estavam em lugares diferentes, correm e se abraçam no meio da cena.)*

SEBASTIÃO

Você ouviu?

JULIÃO

Você ouviu?

JOÃO

(Tremendo e querendo fugir) Ouvi, sim...Vamos embora!

SEBASTIÃO

(Segurando-o) Não! Precisamos salvar a neta do grande Capitão Bonança! *(Os três começam a caminhar, olhando o ambiente)*

e murmurando como para se convencerem:
 “Precisamos salvar a neta do grande Capitão Bonança...” Aos poucos, recomeçam a cantarolar a canção do capitão e, formando uma fila indiana, põem-se a marchar como soldados. Pluft aparece e começa a marchar atrás deles, divertindo-se à grande. Todos param de marchar e marcam passo em fila. Pluft continua a marchar e esbarra no último. João, que olha para trás, leva um grande susto e desmaia. Pluft puxa o outro, que também leva um susto e desmaia, e por fim faz o mesmo com o terceiro, Sebastião, que também desmaia.)

PLUFT

Oh! Mamãe, os marinheiros se desmancharam... (João, quando volta a si, dá com Pluft observando-o, começa a tremer e sai correndo, mas dá com a mãe que vem entrando e torna a desmaiar.)

MÃE

Que gente mais medrosa, meu Deus! Uns homens deste tamanho com medo de um fantasma. No meu tempo de teatro conheci muita gente mais corajosa do que estes aí... (Dona Fantasma atravessa o palco pulando os desmaiados.) Coitadinha da Maribel. Arranjou cada amigo!...

PLUFT

(Observando Julião, que começa a acordar) Este também está vindo! Marinheiro... Marinheiro...

JULIÃO

(Esfregando os olhos, sem ver Pluft) Hein? Hein? (Começa a levantar-se, apoiando-se em Pluft.) Precisamos salvar a neta do nosso amigo, o Capitão Bonança!

PLUFT

Precisamos, sim. E eu posso ajudar, marinheiro. Também sou amigo de Maribel, sabe? O Perna-de-Pau esteve aqui e...

JULIÃO

(Que ficou estatelado, afasta-se de um salto, não acreditando no que vê.) Meu Deusinho do céu! Bebi tanto que já estou vendo coisas na minha frente... Bem que minha mãe dizia que um homem não deve beber demais... Juro que estou vendo coisas. Oh! Vejo monstros à minha frente... Sebastião! Sebastiãozinho! Estou vendo monstros, fantasmas... assombração...

PLUFT

Marinheiro bobo, sem educação! Monstrinho é você, seu cara de gente! Vou contar a mamãe que você me chamou de monstrinho... (Sai.)

JULIÃO

(Procurando acordar Sebastião) Estou ouvindo coisas, Sebastião... Coisas...

SEBASTIÃO

Quem está vendo coisas aí? Oh! Acho que bebemos demais...

JULIÃO

Esta casa é mal-assombrada...

SEBASTIÃO

Mas foi aqui que o Capitão Bonança escondeu o tesouro... Precisamos salvar Maribel... Vamos esperar o Perna-de-Pau.

JULIÃO

(Continua a procurar.) Juro que vi.

SEBASTIÃO

De novo?

JULIÃO

Um monstrosinho à minha frente, falando coisas... Deve ser a bebida... (Enxuga a testa, sentando-se no baú. Sebastião tenta acordar João.)

SEBASTIÃO

Acorda, João. Precisamos salvar a neta do Capitão Bonança.

JULIÃO

Precisamos mesmo, Sebastião?

SEBASTIÃO

Claro, Julião. Ele era o nosso capitão! (Julião dá mostras de que está sentindo qualquer coisa no baú. O baú começa a se mexer.)

JULIÃO

Ui... Ui... Ui... (Levantando-se) O que é que há neste baú? (O baú se abre e aparece Gerúndio.)

GERÚNDIO

(Muito calmo) Quer fazer o favor de não se sentar em cima de mim? (Torna a abaixar a tampa com dignidade. Julião, completamente sem fala, tenta avisar Sebastião por meio de gestos e de urros, apontando freneticamente para o baú.)

SEBASTIÃO

O que é que há com você, homem? Perdeu a voz? Está sem fala. (Sacode Julião.) No baú? Nunca vi homem mais medroso do que você. Eu sim é que sou um bocado corajoso e... (Abre o baú.)

GERÚNDIO

(Tornando a se levantar) Parem de me amolar! (Mesmo jogo de perder a fala. Acordam João e tentam explicar. João não entende nada e começa a rir das caras e dos gestos dos companheiros. Depois se aproxima também do baú, sempre rindo, e, antes de poder levantar a tampa, surge Gerúndio, meio caceteado.)

GERÚNDIO

Será possível! (Torna a fechar a tampa.)

JOÃO

Uiiiiiii!

(Os três, sem fala, saem correndo, procurando gritar.)

OSTRÊS

Socorro! Socorro! Socorro!

PLUFT

(Entrando com a mãe) Eles me chamaram de monstrinho, mamãe...

MÃE

Está aí uma coisa que não admito... confundir-nos com monstrinhos... Há que salvar a dignidade da família. Onde estão eles?

PLUFT

(Da janela) Foram-se embora. E agora, mamãe, quem vai salvar Maribel?

MÃE

(Andando de um lado para o outro, muito aflita) Temos que dar um jeito... Temos que dar um jeito. *(Para e tem uma idéia.)* Vou telefonar de novo para a prima Bolha!

PLUFT

Lá vem o dia nascendo, mamãe. E vem chegando também o Capitão Perna-de-Pau com a Maribel. Depressa...

MÃE

(Ao telefone) Bolha querida, sou eu de novo... O quê? Sim... Sim... Está bem, então eu fico encarregada dos pastéis de vento?... Sei... Sei... E dos suspiros?... Música? Ah! Eu adoro música, querida. Que ótimo! No tempo do finado, sabe, fazíamos sempre muito quarteto, muito quinteto, muito sexteto, muito "oiteto"... Ah! Quem vai cantar é a Aerofagia?!...

PLUFT

(Cada vez mais aflito) Mamãe, lá vêm eles, deixa de conversa mole... *(Para o público)* O defeito de mamãe é falar demais ao telefone...

MÃE

Ah! Bolha querida, é para te pedir de novo o favor de dizer onde é... Alô?! Cortaram a ligação... Alô? Oh! meu Deus! Precisamos fazer alguma coisa. *(Pausa)* Acho que vou fazer pastéis! *(Sai.)*

PLUFT

Só o tio Gerúndio pode salvar a menina! *(Abre o baú.)* Tio Gerúndio, se você me ajudar a salvar a menina, mamãe disse que faz para você mil pastéis de vento!

GERÚNDIO

(Levantando-se) Pastel?! *(Desanima e volta a dormir, bocejando.)*

PLUFT

Nem pastel adianta mais, meu Deus! Quem sabe falando na noiva dele? Titio, quem lhe pede para ajudar a menina é a sua noiva, a senhorita Naftalina Vaporosa.

(Gerúndio fica de pé, põe a mão no coração, sorri, mas o sono é mais forte e ele torna a deitar.)

GERÚNDIO

Naftalina Vaporosa!

PLUFT

Tio Gerundinho, será que o seu coração, que era tão bom, já está virando teia de aranha? Tio Gerúndio, estamos querendo salvar a neta do seu amigo, o Capitão Bonança Arco-Íris!

GERÚNDIO

(Ao ouvir o nome do Capitão Bonança, dá um salto, saindo do baú.) Quem falou no meu amigo, o Capitão Bonança?

PLUFT

(Animadíssimo) O Capitão Perna-de-Pau quer roubar o tesouro dele.

GERÚNDIO

Bandido!

PLUFT

(No meio da maior aflição, muito contente) O Perna-de-Pau vai levar a neta Maribel do Capitão Bonança para o mar... Navegar, navegar, navegar e casar com ela. Ela chorou muito e não quer ir, não, mas o tesouro está aqui e ele vem aí agora...

GERÚNDIO

Quem vem aí?

PLUFT

O Capitão Perna-de-Pau, titio.

GERÚNDIO

O Perna-de-Pau é o pior bandido do mundo. Conheço muito bem aquele ladrão de sardinhas... Roubou todos os peixes do mar Morto e agora quer o tesouro, hein? Pois ele vai ver... *(Tira um apito e começa a apitar para a janela.)*

PLUFT

Viva o tio Gerúndio! Isto é que é fantasma!

GERÚNDIO

Xisto! Xisto!

(Ouve-se um barulho de avião e Xisto cai do teto, em marionetes, vestido igual a tio Gerúndio, com uma gola de marinheiro em cima da roupa de fantasma.)

GERÚNDIO

Vamos chamar o primeiro batalhão de marinheiros fantasmas. Temos um servicinho para o nosso Capitão Bonança. A neta dele está em perigo... Vamos acabar com a coragem daquele ladrão de sardinhas... Marinheiro de banheira. Vamos! *(Ouvem-se ao longe uma corneta e um tambor chamando os marinheiros fantasmas. Xisto torna a subir. Gerúndio põe o chapéu do velho Bonança, mas neste momento começa a ter sono de novo e deita-se na beira do palco.)*

MÃE

(Chega com uma bandeja e, ao ver Gerúndio, querendo voltar a dormir) Não! Toma, Gerúndio, feitos agorinha mesmo com o melhor vento sudoeste!

GERÚNDIO

(Levantando-se, atraído pelos pastéis) Vento sudoeste. (Prova um.) Bem salgadinhos. Deliciosos! (Ouve-se de novo a clarinada.) O batalhão me espera! (Gerúndio vai até a janela, mas ainda volta duas vezes para comer mais pastéis. Depois sai pela janela.)

MÃE

Vamos preparar mais pastéis para o batalhão! Meu Deus, quanto trabalho!

PLUFT

Este tio Gerúndio é o maior!
(Ouve-se o canto do Perna-de-Pau. Pluft e a mãe desaparecem.)

PERNA-DE-PAU

(Entrando com Maribel, depois de acabar o canto) Agora está claro como o dia. Claro, ora, pois é dia, ora... (Ri de si mesmo. Empurra a menina, vai até a janela e canta.) Viva o sol do céu de nossa terra! Vem surgindo atrás da linda serra! (Parando de cantar bruscamente) Ora, lugar de tesouro é baú... Ah! Ah! Ah! Está vendo, minha bela, tudo agora está calmo... Podemos procurar tranquilamente... (Ouve-se a corneta ao longe, chamando os marinheiros do mar. Perna-de-Pau instintivamente se perfila, fazendo continência.) Ora, pensei que estivesse no meu navio! Que é isso? Manobras no mar? (Vai até a janela e pega uma luneta.) Mas não vejo nenhum navio ao largo... Que vento esquisito está soprando na praia... (Enquanto ele espia pela luneta, Pluft corre e fala qualquer coisa ao ouvido de Maribel e desaparece, deixando Maribel muito contente.) Deve haver algum navio pelo porto... (Pausa) O dia de meu navio chegará... Vamos ao tesouro. Vamos ao baú... Agora vou dar o golpe do baú... (Ri de si mesmo. Depois abre o baú, tira um travesseiro de matéria plástica e panos, que vai jogando para trás. Junto com os panos vem uma chave, que Pluft apanha rapidamente e entrega a Maribel. Maribel, muito aflita, exhibe a chave ao público, enquanto Perna-de-Pau descobre o tesouro.) Lá está ele! Lá está ele! É meu tesouro... (Tira o cofre com muito cuidado, acaricia-o, ninando-o como se fosse uma criancinha: dorme neném...

Coloca-o sobre um banquinho e tenta abri-lo.) A chave! Deve estar por aqui... (Começa a procurar, vai ao baú e descobre uma chave.) Achei... Achei a chavinha do meu tesourinho! Era uma vez um marinheiro que recebeu um tesouro... (Tenta abrir o cofre com a chave e não consegue.) Não é esta!... Quem viu a chave do cofre? Quem viu? Quem achar, eu dou um pouquinho do meu tesouro... Um pouquinho só... Porque vocês sabem, não é? Eu preciso muito deste tesouro... Dez cruzeiros está bem? Ninguém quer? Vinte cruzeiros? Ninguém? Vinte e dois cruzeiros e cinqüenta centavos e nada mais! (Furioso, Perna-de-Pau procura a chave de gatinhas pela cena.) Meu tesourinho, espera um minutinho, sim? Venho já te libertar deste cofre. (À platéia) Onde está a chave? Trinta cruzeiros... Mais eu não posso dar... Esperei dez anos, compreendem? (Pausa) Mas posso dar a neta do capitão, está bem? Gordinha e bonitinha. Onde está a chave? Onde está a chave? (De gatinhas, ele sai de cena, sempre dizendo: "Onde está a chave?")

PLUFT

(Aparecendo) Depressa, Maribel! Venha se esconder aqui conosco enquanto tio Gerúndio não volta com os fantasmas do mar. A chave está conosco, o tesouro está salvo! (Os dois desaparecem.) (Ouve-se a canção do Bonança. Surgem os três marinheiros, desta vez armados com redes de caçar borboletas. Eles entram, tomando ares de grande coragem, mas cantam a canção com voz trêmula e lenta.)

SEBASTIÃO

Viva o grande Capitão Bonança!

OS DOIS

*(Sem muita convicção) Vivaaaaaa!
(Os três procuram por todo lado, dando finalmente com o tesouro.)*

OS TRÊS

O tesouro!
(Neste momento volta o Perna-de-Pau de gatinhas e, sem vê-los, rodeia-os por entre as pernas, deixando os marinheiro estatelados.)

PERNA-DE-PAU

A chave. Preciso encontrar a chave... *(Continua sem ver os marinheiros e desaparece de gatinhas.)*

OS TRÊS

(Recuperando-se do susto) O marinheiro Perna-de-Pau!

PERNA-DE-PAU

(Voltando) Pelo amor de Deus! Procurem a chave...

OS TRÊS

A chave?

PERNA-DE-PAU

A chave do meu tesourinho.

OS TRÊS

Oh!

PERNA-DE-PAU

(Já de pé, puxando os três para o proscênio) Quem achar a chave para mim, eu dou a neta do Capitão Bonança!

OS TRÊS

Bandido! É agora que vamos te pegar, ladrão de tesouro! Onde é que você prendeu a Maribel? Anda! Fala!

PERNA-DE-PAU

(Só então percebendo que está em frente aos três) Uiiiiii!... *(Os três marinheiros dão grande surra com as redes no Perna-de-Pau, enquanto se ouve a corneta dos marinheiros fantasmas. Os quatro se perfilam. Entra Pluft.)*

PLUFT

É o tio Gerúndio com os marinheiros fantasmas! *(Os quatro começam a tremer. O Perna-de-Pau desmaia, enquanto caem do teto vários fantasmas-marionetes, fazendo grande barulho e confusão em cena. Os três, cambaleando, vão desmaiando uns por cima dos outros. No meio da confusão, Pluft, Maribel, Dona Fantasma e Gerúndio dão as mãos aos fantasmas do mar e cantam em roda: "Eu fui no Tororó beber água não achei".)*

GERÚNDIO

(Apitando) Fantasmas ao mar!... *(Ouvem-se o tambor e a corneta, e os marinheiros fantasmas do mar sobem.)*

GERÚNDIO

(Dirigindo-se ao Perna-de-Pau, que começa a se levantar) Levanta, seu medroso!

PERNA-DE-PAU

O fantasma do navio do Capitão Bonança!... Eu só queria a chave do cofre... *(Quase chorando)*

PLUFT

A chave está aqui, titio.

GERÚNDIO

Abra o cofre, Pluft.

(Pluft abre o cofre, enquanto Perna-de-Pau se precipita, arreda Pluft e tira do cofre um retrato, um papel e um rosário.)

PERNA-DE-PAU

O retrato da neta Maribel! *(Joga o retrato em cima*

de Maribel, que está ajoelhada perto de Pluft.) Uma receita de peixe assado! *(Joga a receita.)* Um rosário! *(Faz o sinal da cruz com muito medo e levanta o rosário, deixando-o cair nas mãos de Pluft. Depois volta com avidez ao cofre.)* E o dinheiro? E o dinheiro?

GERÚNDIO

O dinheiro está no fundo do mar... Pode ir buscá-lo, Perna-de-Pau. *(Gerúndio apita. Ouve-se o toque da corneta.)* Os fantasmas do mar vão levá-lo ao tesouro, que está enterrado no fundo do mar... *(Os fantasmas tornam a descer.)*

PERNA-DE-PAU

Não! Não! Não! Fantasmas não!... Fantasmas não!... *(Empurrado pelos fantasmas, Perna-de-Pau recua até a janela e desaparece. Os fantasmas se recolhem.)*

MÃE

(Surgindo com uma bandeja) Esperem! Esperem! Pastel de vento para todos! Pastel! *(Também desaparece pela janela, enquanto ainda se ouve sua voz gritando: "Pastel!..." Pluft e Maribel olham pela janela. Gerúndio boceja e volta ao seu baú. No proscênio, começam a despertar os três marinheiros.)*

JOÃO

Maribel!

MARIBEL

João! *(Os dois se abraçam no meio da cena. João torna a recuar e Maribel vê Julião.)* Julião!

JULIÃO

Maribel! *(Julião se afasta, Maribel vê Sebastião.)*

MARIBEL

Sebastião!

SEBASTIÃO

Maribel! *(Mesmo jogo.)*

(Pluft, muito contente, também se aproxima para ser abraçado, mas os três se afastam, com medo.)

PLUFT

Ei!!

OS TRÊS

(Medrosos) Ei!

PLUFT

(Depois de uma pausa) Viva gente!

MARIBEL

Viva fantasma!

PLUFT

Viva gente!

TODOS

(Dando-se as mãos e fazendo uma roda em volta de Pluft) Viva fantasma!

PLUFT

(No meio da roda) Viva gente!

GERÚNDIO

(Saindo do baú) Viva o grande Capitão Bonança!

TODOS

Vivaaaaa!

(Todos, sentados no chão, batem palmas, enquanto Gerúndio descobre o retrato do grande capitão pendurado na parede, logo acima do baú, e coberto por uma rede.)

FIM

DONA XEPA

Pedro Bloch

PERSONAGENS:

Dona Xepa* – mulher do povo, 50 anos
 Édison – filho de Xepa, 26 anos
 Hilda – vizinha e namorada de Édison, 20 anos
 Ângelo Fracalanza – velho italiano, vizinho de Xepa
 Camila – amiga de Xepa. Melhor dizendo: sombra e eco. Idade indefinida
 Rosália – filha de Xepa, 25 anos
 José – filho de Ângelo, 27 anos
 Professor – velhinho especializado em física, 60 anos
 Manfredo – namorado de Rosália, diplomata em início de carreira, 32 anos
 Guiomar – uma menina da vizinhança

*“Xepa,” na gíria carioca, significa “resto”, o que sobra de uma feira e que é distribuído ou recolhido pelos pobres, ou a aquisição, por preço ínfimo, quando a feira está por terminar.

A ação se passa no Rio de Janeiro, em 1952.

ATO I

(Antes de abrir-se o pano ouve-se o pregão do sorveteiro em gravação.)

“Sorvete, Iaiá, é de coco...”

É de coco da Bahia...

Vai querer?”

VOZ DE MENINO

(Gritando) Mamãe! Posso brincar com a Dorinha?

VOZ DE SENHORA

(Gritando) Luizinho! Olha a hora, menino!

VOZ DE LUIZINHO

(Gritando) Já voou!

CORO DE MENINAS

(Enquanto ao longe se ouve o jornalista vendendo “Noite”, “Globo”, “Diário”)

Teresinha de Jesus

de uma queda foi ao chão

“Acudiu” três cavalheiros

todos de chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,

o segundo seu irmão...”

(Até este momento, todos esses ruídos eram reproduzidos nos alto-falantes da sala. AGORA O

PANO SE ABRE. Os alto-falantes da sala emudecem. Só um, lá dos bastidores, continua, discretamente, com o coro das meninas:)

O terceiro foi aquele

a quem Teresa deu a mão.

(O coro das meninas prossegue.)

Atirei o pau no ga-to-to

mas o ga-to-to

não morreu-reu-reu

Dona Chica-ca

“dimirou-se-se”

do pulo, do pulo

que o gato deu... Míaaaaau!...

(Às primeiras falas, o coro cessa. São sete horas da noite. Sala de visitas de dona Xepa. Casa de vila. Há móveis comuns, velhos, pobres, e outros, contrastando, fora do comum, como por exemplo uma mesa diferente, moderníssima, de tampo duplo. Vê-se um curioso mostrador de vidro, com as horas desenhadas. De relógio, só tem vidro e ponteiros. Portas laterais e ao fundo. A do fundo dá para uma varandinha de vila pobre. Sobre a porta de entrada, uma brilhante campainha que, de início, não se percebe que finalidade possa ter. Há uma curiosa fotografia de Esmeraldino na parede do fundo, acima do relógio. À direita está um aparelho curiosíssimo, que de início ninguém identifica. Tem mostradores com luzinhas, válvulas, botões, campainhas, o diabo! O aparelho, entretanto, nada tem de ridículo. Apenas surpreende. Uma mesinha com telefone. Ao abrir-se o pano, estão em cena Édison e Hilda. Édison está em mangas de camisa — mangas arregaçadas. O paletó ficou pendurado numa cadeira. Tem vinte e poucos anos, é simpático e com aquele ar inconfundível de homem de estudos, que se preocupa muito mais com

uma fórmula que com os prazeres da vida. Hilda é uma mocinha que traja com simplicidade. Trabalha num escritório e tem curso de secretária. Mora na casa ao lado. Édison está mexendo no estranho aparelho e provocando uma série de luzes, pequenas explosões e curiosos ruídos. Liga, desliga, troca válvulas. Hilda está de pé e, com interesse e carinho, lhe acompanha os gestos e cada uma de suas reações de impaciência.)

HILDA

E então?

ÉDISON

(Sem olhar para ela) Um momento. (Mexe numa série de “interruptores” do aparelho.)

HILDA

(Acompanhando tudo o que ele faz) Que tal?

ÉDISON

(Continuando a mexer no aparelho) Calma. (Neste momento entra a garota Guiomar. Vem da rua como um furacão.)

GUIOMAR

(Como uma ladainha) Mamãe mandou perguntar se o senhor dá licença de falar no telefone.

ÉDISON

(De mau humor, sem se virar) Pode. (Guiomar se dirige para o telefone para discar.)

HILDA

(Carinhosamente) Você podia descansar um pouco.

ÉDISON

(Explodindo e socando o aparelho) Mas assim não é possível! Essa menina falando no telefone... Você grudada aqui como um carrapato...

HILDA

(Tristonha e mansa) Desculpe. (Senta-se, humildemente, numa cadeira junto à porta) (Guiomar desliga o telefone e fica olhando para Édison, que continua manobrando o aparelho. Édison olha Guiomar interrogativamente.)

GUIOMAR

(Justificando-se) A linha está ocupada.

HILDA

(A Édison, temerosa) Olhe... você...

ÉDISON

(Que começa a se interessar profundamente, por algo que está ocorrendo no aparelho) Espere. (Mexe com cuidado, como se sintonizasse uma estação de rádio.) Agora...

GUIOMAR

(Discar o telefone outra vez) Alô! Alô! (Édison olha-a, furo.) Quer fazer o favor de mandar chamar o seu Teixeira no 101? (Silêncio. Espera. Édison olha-a, raivoso.)

GUIOMAR

(Justificando-se com candura) Foi chamar.

ÉDISON

(Explode e soca o aparelho.) Não adianta!

HILDA

(Docemente) Adianta, sim, Édison.

ÉDISON

(Ergue-se, desanimado.) Não adianta. Devo ser “biruta” como papai.

HILDA

(Tristemente) Oh, Édison!

ÉDISON

(Irritado) E pare de me chamar de Édison!

HILDA

Ué! Não é o seu nome, Édison?

ÉDISON

(Caminhando, impaciente) Claro que é. Mas soa ridículo numa horas dessas.

HILDA

Não sei por quê! Você acha Édison ridículo?

ÉDISON

Você não compreende, Hilda? Édison ficava bem em Édison, compreende? Noutra pessoa é anedota. Você já imaginou o que um homem chamado Édison precisa inventar para ser tomado a sério?

HILDA

(Confiante e doce) Mas você vai realizar grandes coisas, Édison. Um dia as mães darão a seus filhos o nome de Édison por sua causa, Édison. Não por causa do outro.

ÉDISON

Por favor, Hilda! Deboche, não! Dá pra desanimar. Me mandam para os Estados Unidos com uma bolsa de estudos. Eu volto mais burro que antes. E o pior é que eu acreditei nas idéias de papai. A tal “válvula isocrônica” não sai.

HILDA

Sai, Édison.

ÉDISON

(Desesperado) Não finja que acredita, pelo amor de Deus! Você, com certeza, pensa que sou igual a papai. (Aponta o estranho relógio.) Inventor de um relógio que não anda. E com uma desculpa genial: “Não queria arruinar a Suíça!”

HILDA

Grande coração!

ÉDISON

Grande coração uma pinóia! Não quis fazer a demonstração porque o relógio não andaria nunca. E pensar que os relojoeiros suíços passaram uma semana sem dormir por causa daquele telegrama da United Press.

GUIOMAR

(Ao fone, enquanto Édison pega vários livros e revistas, verifica fórmulas e anotações e Hilda se contenta em acompanhar seus movimentos) Alô! Seu Teixeira? Sou eu. Guiomar. Mamãe mandou perguntar pro senhor se o senhor pode dar o nome daquele remédio que receitaram pro figado na sessão da Tenda. Como é? Sei... Obrigada. O senhor melhorou?... Té logo, seu Teixeira! Olhe.

HILDA

Não tiveram mais notícias de seu pai?

ÉDISON

Não.

GUIOMAR

(Enquanto ela diz as palavras seguintes, Édison passa a acompanhá-las com raiva.) Lembranças pra dona Clotilde, pro seu Jorge, seu Maneco e dona Olívia. Não esqueça do dia 22. Obrigada. *(Desliga e diz a Édison:)* Desculpe o incômodo e muito agradecida. Hilda, dona Marta está chamando você.

HILDA

(Hostil) Obrigada.

GUIOMAR

Ela não gosta desses agarramentos de vocês dois.

HILDA

Que agarramentos?

GUIOMAR

(Desaforada) Quem diz não sou eu. É a vila.

ÉDISON

(Amolado) Acabou de telefonar, cai fora.

GUIOMAR

Puxa! Eu não tenho culpa, não! Não precisa descarregar em cima de mim. *(Aponta o aparelho.)* Se essa droga não funciona, a culpa não é minha.

HILDA

Como é que você sabe que não funciona?

GUIOMAR

Toda a vila diz.

ÉDISON

(Irritadíssimo) E o que é que esses idiotas entendem disso? Manda eles discutirem futebol, carnaval e corridas de cavalo. Falou, cai fora.

GUIOMAR

Não precisa se queimar. E esse namoro de vocês dois não vai dar em nada!... Dona Xepa não deixa...

HILDA

Guiomar, que confiança é essa de chamar a dona Carlota de dona Xepa?

GUIOMAR

Ela não se importa! Ela até gosta! *(Pausa)* Ela se chama Carlota?

ÉDISON

Chama. E, por hoje, chega!

GUIOMAR

Está bem. Boa noite. *(Sai. De fora ainda se ouvem seus gritos: "Luiziiiiiiiiinho!" Tua mãe está te chamando!)*

HILDA

Já vê você que eu tinha razão.

ÉDISON

Em quê?

HILDA

Sua mãe não quer mesmo o nosso namoro.

ÉDISON

Ora a mamãe! A mania dela é arranjar um grande partido para mim e outro para a minha irmã. Mas isso passa.

HILDA

Eu acho que ela tem razão. Você, de fato, merece o melhor.

ÉDISON

O melhor é você, meu bem.

HILDA

Às vezes eu tenho inveja do carinho com que você trata essas válvulas. Tem dia que eu tenho vontade de ser qualquer coisa, qualquer parte desse seu aparelho. Assim você me dava mais atenção.

ÉDISON

Então você não percebe que é por você mesma que eu faço tudo, meu bem?

HILDA

Quando você acertar com essa tal de válvula isocrônica você não se lembrará mais de mim... Não olhará mais para mim.

ÉDISON

(Abraçando-a carinhosamente) Oh, Hilda! *(Acaricia seu cabelo, enquanto Ângelo entra. Ângelo é um italiano curiosíssimo. Napolitano. É dono de uma pizzaria, mas já está velho e não agüenta mais o serviço. E, depois, seu coração não lhe permite progredir. É o único sujeito que lida com comida e está às portas da falência. Ângelo vê os dois abraçados. Encanta-se. Fala um misto de italiano e português. Procuramos reproduzir sua maneira de falar e não a grafia correta. Nesse misto de português e italiano, a própria pronúncia das mesmas palavras oscila entre um idioma e outro conforme o estado emocional de Ângelo Fracalanza.)*

ÂNGELO

Com'ê bello l'amore, mamma mia! Ô... scusi.
(*Faz que vai sair.*)

ÉDISON

Fique, seu Ângelo.

ÂNGELO

Buona sera. Sora Sciepa stá?

ÉDISON

Mamãe foi à festinha de dona Clotilde.

ÂNGELO

Ma come??! Ella no stá zangata co' sora Clotilde?

ÉDISON

O senhor não sabe como a mamãe é?

ÂNGELO

(*Desolado*) Log' agora, ch'ío precisava tanto falá co'ella!

HILDA

Aconteceu alguma coisa?

ÂNGELO

(*Acabrunhado*) Mio filho! Giuseppe!

ÉDISON

Que foi que houve?

ÂNGELO

Ma come "che fô che hôve"! Entóo você no sape?

HILDA

Não compreendo, seu Ângelo.

ÂNGELO

Ma come no compreende, porca miséria? Quanto é stupito questo! Uno trabalha aa vita intera pra fare duu figlie um ómo – e que è che você pensa che o Giuseppe face?

HILDA

Que é que ele faz?

ÂNGELO

Ma come, no sai? Giuseppe no fá niente no fá. É un mascalzone!

ÉDISON

É o quê?!

ÂNGELO

(*Explodindo*) Um vagabondo!

HILDA

Ora, seu Ângelo! Isso passa com a idade.

ÂNGELO

Si, ma com che età? Ci há 25 anni, ci há! Come passa com a età?

HILDA

Um pouco de paciência, seu Ângelo.

ÂNGELO

Maisch pazienza! Stó bé arrancháte, stó! Fica o dia tudo giucando aa bolla no meio daa rua. Nó té pena de'sto povero papá! Elle giuoca aa bolla e aa pizzeria vá in fallenza! Io no tenho maisch forza pra dirigi aa casa! E inda tenho che dá da

mangia a tudo mundo. Ningué paga! Sti figli dun canel... E che é che io vó fazê?... Mio figlio fica giuocando bolla e questo fica inventando invento d'invenzione! Ma dove vá a fini aa giuventú di oggi?

ÉDISON

A juventude de hoje é igual a de ontem, seu Ângelo.

ÂNGELO

Ma come iguale? Dove stá Marconi, Garibaldi, Caruso, Vittorio Emanuele, Mus... Michelangelo, Pintacuda, Da Vinci? Io, Ângelo Fracalanza, non capisco piu niente! O sono stupido io o é stupida tutta l'umanità. (*Neste momento, pisa em algo no chão que vai fazer soar com força a sineta sobre a porta. Ângelo leva um susto e explode, pulando.*) Mannaggia aa miseria! Ma perché no desligano sta fesseria de st'invento di tuo papá?!

ÉDISON

Mamãe não deixa.

ÂNGELO

M'bé. No dexa perché? Omenaggio? É contraproducente, é. Perché cada veisch che uno entra e pisa neste affare maledice l'inventore! E poi, qui no té ladroni! Fosse 'na cosa nuova – ma um invenzione che já é stata inventata!

HILDA

Cada um sabe de sua vida.

ÂNGELO

Dice bene, dice. Beníssimo! Ognuno sá la sua vita. É! Povera vita mia! Ângelo Fracalanza ci há un figlio. Un figlio come toda gente? Nó. Un figlio che só pense in futebole. Io me mato pra ganhá oo dinhere e u mascalzone só giuoca u futebole. E aquela infelice de sua mamma? Vive trabalhando pros otro. Trabalha, face tudo a amministrazione du sítio; vá discuti e vendê aas cosa no mercato; ajuda aas mulhé a tê creanza; fá uus dolcine páas festa de battezzato; fá quarto di difunto; assiste a tutte le messe di settimo giorno – e perché! Pra té un figlio che fá invento de invenzione! Un figlio che no sai di casa. Un figlio che foi pros Stati Uniti e voltó mais stupido che antes. E se uno apre la bocca per criticare il marito che fuggi o il figlio Ediso che no té pena di sua mamma – fá' no scandalo che finisce il mondo!

ÉDISON

Que escândalo, seu Ângelo? Mamãe nunca fez escândalo.

ÂNGELO

Ma come no fece scãndalo?

ÉDISON

Onde foi que o senhor ouviu dizer que mamãe

fazia escândalo? Mamãe é a criatura melhor e mais quieta do mundo. Logo a mamãe! Veja você, Hilda! Mamãe fazendo escândalo!

(Neste instante, ouve-se, lá fora, a voz de Xepa aos berros. Enquanto ela berra, as reações de Hilda, Édison e Ângelo se traduzem nas atitudes e nos rostos. Hilda está atemorizada com a vinda de Xepa. Édison está amolado por ter sido desmentido em sua asserção de que Xepa não fazia escândalos. Ângelo está feliz e faz gestos como quem diz: “Eu não disse? Olhe ela aí!”)

VOZ DE XEPA

(Aos berros) É você, sua sem-vergonha! Desaforo! Vá rir da sua avó! Comigo não tem disso, não. O que eu tenho de dizer digo logo na cara. Ou meto a mão.

(Vem entrando com Camila. Xepa é uma criatura sem papas na língua. Vem trajando uma roupa de mau gosto e com uma bolsa que não combina. Está de salto alto. Ao entrar, pra começo de conversa, enquanto fala tira os sapatos apoiando um pé no outro e com o próprio pé atira-os para longe. Camila é uma criatura de idade indefinida. É o “amém” de Xepa. Desamparada, sem família, sem ninguém, aprova sempre o que Xepa faz ou diz. A princípio é à Camila que ela se dirige, como se os outros ali não estivessem. De vez em quando, Xepa se dirige para a porta do fundo e berra para o “pessoal” da vila.)

XEPA

O que é que ela está pensando? Pouca vergonha! O presente que eu dei me custou trezentos mil réis suados e sofridos. Dinheiro do meu trabalho no sítio. Dinheiro suado no mercado. Não como ela ganha, fazendo biscates por dentro e por fora. Foi ou não foi o melhor presente? Está aí a Camila que não me deixa mentir.

CAMILA

(Confirma com a cabeça.) Uma beleza!

XEPA

Fiz vergonha?

CAMILA

Não fez.

XEPA

Não fiz. Até meti uns babados e uns plissês. “Tu viste” a minha conversa com o doutor, não viu? Até falei em penicilina! Pois não é que aquela bexiguenta teve a coragem de “vim” falar de mim e dos meus?! Eu não admito. Crítica só de gente melhor do que eu. Gentina como eu... não interessa. Graças a Deus você assistiu, minha filha. Isso é que me consola. Você assistiu. O que foi que eu fiz?

CAMILA

Você sapecou a compoteira na cara dela.

XEPA

Está certo. Sapequei. Mas quem é que estava com a razão?

CAMILA

Você.

XEPA

Isto é que me consola! Você viu. Você viu o que aquela perebenta teve a coragem de dizer, não viu? Criticar meu filho. Falar mal do meu filho! Ela se meta com a vida da filha dela, que anda sendo rifada por todo mundo e ninguém quer a rifa nem de graça. E eu estava lá de visita. Isto é que me dana! Fui de luva. Até agüentei a molecada gritando: “Xepa de luva é sinal de chuva!” Se eu não soubesse me portar... vá lá. Conta, Camila. Conta, senão ninguém acredita.

CAMILA

Pois é. Foi assim...

XEPA

Deixa que eu mesmo conto. O que me dana, o que está atravessado aqui, é aquele presente de trezentos cruzeiros. Miserável! Pra ganhar trezentos cruzeiros minhas galinhas têm que fazer serão! Pagar pra ouvir desaforo! Aquilo não é ambiente pra mim. Nem pra mim, nem pros meus filhos. Eu sempre disse, não disse? Está aí o “seu” Ângelo que não me deixa mentir. Miserável! Viu os docinhos de tostão que ela teve a coragem de botar na mesa? “Quem não é doceira não solta foguete.” Sem educação, unha-de-fome, pão-dura! Não fui lá pra matar fome, não! Nem por causa dela. Fui lá por causa da comadre. A comadre é fina. É como eu. Porque, graças a Deus, eu tenho educação. “Perda-se” tudo, mas não se “perda” a educação. *(Xepa senta na mesa de tampo duplo, de forma ridícula.)* Eu me mato, mas meus filhos vão sair dessa pocilga. Vão pra outro meio. Meio de gente fina. De gente como eu.

ÉDISON

Mas o que foi que ela fez, mamãe?

XEPA

Ele ainda pergunta! Camila, diz a ele...

CAMILA

Ela...

XEPA

(Cortando logo) Deixa que eu mesma digo. Teve a coragem de falar mal do seu pai. Falar mal do Esmeraldino.

ÉDISON

Mas até a senhora fala!

XEPA

Falo, mas tenho o direito. Para todos os efeitos o Esmeraldino era um santo. Não quis continuar vivendo com um “estrepe” como eu, está no seu direito. Que Deus o abençoe e que o diabo o carregue! A única pessoa que tem o direito de falar mal daquele vagabundo descarado e sem-vergonha sou eu. Pra que é que a gente casa? Pra ter marido pra xingar!! Imaginem que ela teve a coragem de dizer que o homem era doido.

HILDA

Que absurdo!

XEPA

Doido ele era... mas quem diz sou eu.

ÂNGELO

A propósito, perche aa signora no manda desligá sta porcheria d’s’t’alarme?

XEPA

Eu, dar a esses vagabundos o gostinho de confessar que o invento de Esmeraldino é inútil?

ÂNGELO

Ma é incomodo. Toca toda a hora!

XEPA

Nunca! Ninguém me mexe nem no relógio que não anda, nem no alarme, nem nesta mesa secreta de tampo duplo. Vocês já imaginaram a cara do Esmeraldino se um dia ele entra aqui e não vê o resultado de tantos anos de vagabundagem?

ÂNGELO

In fondo aa signora gosta dele...

XEPA

Eu? Eu quero ver aquele bandido de vela na mão.

ÉDISON

Oh, mamãe!

ÂNGELO

Ê, io conheço aa signora. Aa signora té o coraçõ de óro...

XEPA

Eu, hein?

ÂNGELO

Aa signora vive fazendo sacrificizzio, sora Sciepa.

XEPA

Que sacrificio? Mãe nenhuma faz sacrificio pelos seus filhos. Eu sou suja com essas mães que vivem repetindo os sacrificios que fizeram para criar os filhos. Suja com essas mães que deixaram de amamentar os seus filhos para não... (*Faz sinal de “crescer os seios”.*) Pois é. A coisa mais triste para uma mãe é não poder fazer tudo, não poder se matar, se arrebentar pelos seus filhos.

ÂNGELO

E pra ché? Sto ragazzo studiõ, voltõ e continua na mesma...

XEPA

Como é que continua na mesma, seu italiano de uma figa! Você sabe o que ele está fazendo? Não sabe. Entende isso? Não entende. Então recolha-se “na” sua insignificância e vá tratar de suas pizzas napolitanas.

ÂNGELO

E a signora acredita no que egli fá...?

XEPA

Claro que acredito! Não é com isso que ele sonha? Pra mim chega. Eu não entendo nada de aparelho, mas de sonho eu entendo um bocado. Desde criancinha que tudo o que eu sonhei dava contra. Sonhava com borboleta, dava macaco. Sonhava com São Jorge e jogava no jacaré, que é o bicho mais parecido com o dragão. Que é que dava? Cavalos. Tem lógica? Não tem. Eu queria outro ambiente... outra educação... porque eu sou pela educação... Olhe o resultado. Eu queria ser bonita... Olhe o que deu. Graças a Deus a meus filhos nunca faltou nada. Quer inventar aparelho... inventa. Quer viver no mundo da lua? Compre passagem e boa viagem.

ÂNGELO

Tudo stá molto bene. No stá — però völete che stá-stá! Ma ele già sape che aa signora vendeu uu sítio?

XEPA

(*Num grito de reprovação*) Seu Ângelo!

ÉDISON

(*Assombrado*) Mamãe, a senhora vendeu o sítio? A senhora fez isso?

XEPA

Ué, grande coisa! Não tem importância, meu filho.

ÉDISON

Mas como é que não tem importância, se o sítio é tudo o que a senhora possui?!... Se é a coisa que a senhora mais gosta... Se era toda a nossa fortuna e...

XEPA

Que se dane a fortuna! Sua irmã se formou “em” advogada. Você, meu filho, já foi pros Estados Unidos, é um homem preparado e... Isto é que essas perebentas não me perdoam. Um dia vocês vão ver meus filhos pagando com juros tudo isso. Um dia vocês vão ver a Xepa de “rabo-de-peixe”, a Xepa na sociedade, a Xepa no luxo.

GUIOMAR

(*Surgindo na porta*) Dá licença pra telefonar?

XEPA

Telefona, mas telefona depressa. Não fica ocupando o telefone com bobagens.

GUIOMAR

(*Disca e fala.*) Alô. Dona Lizete, mamãe mandou perguntar pra senhora a receita daquele rocambole. (*Anota num papel.*)

XEPA

Rocambo! Vai fazer rabanada, diz que é rocambole. Eles riem, seu Ângelo. Eu sei que toda a vila ri de mim. Riem porque o Esmeraldino fugiu. Riem porque o meu filho tem as mesmas manias do pai. Tem porque é filho dele. Não é como o filho da... Bom, o melhor é não provocar. Eu digo mesmo! Riem porque eu quero dar a meus filhos uma posição. Sim, porque eu sou pela posição... Miséria é coisa triste. Falta de instrução é coisa triste. Quando eu ouço alguém falando de um troço que eu não entendo, chega a me dar um frio na espinha. Eu sou fuleira, mas meus filhos vão entender de tudo, vão compreender a vida direito, vão chegar lá em cima, se Deus quiser... Eu gosto de ver tudo subindo... todo mundo feliz. Viu os doces e as balas que eu distribuí em Cosme e Damião, não viu?

ÂNGELO

Ma questa gente parla, signora!

XEPA

Deixa parlá. Falam, não é? Tem gente que devia passar sabão nas palavras. Tem gente que devia lavar os pensamentos com água sanitária pra desinfetar. E você, meu filho, ainda continua trabalhando nessa maluqueira?

ÉDISON

Ainda, mamãe.

XEPA

Mete os peitos. E você, Hilda? Já não sabe que não adianta ficar aí grudada com o rapaz?

ÉDISON

Oh, mamãe!

XEPA

(*A Hilda*) É pro seu bem. Miséria com miséria “dão” pão com banana. Cuida da tua vida e deixa meu filho cuidar da dele. Meu filho, o que é que está faltando?

ÉDISON

É só resolver o problema da válvula isocrônica.

XEPA

Só isso? (*Pausa*) E que negócio de válvula “crônica” é essa?

ÉDISON

É segredo.

ÂNGELO

Come il padre! Segreto, segreto, tutto segreto! Vá vê, no funziona.

XEPA

Como é que o senhor sabe que não funciona?

ÂNGELO

Ma si vede! Stá chiaro como il giorno!
(*Rosália entra da rua. Traja muito bem. É elegante e sumamente antipática. Trata a todos com ironia e solene desprezo.*)

ROSÁLIA

Boa noite, mamãe.

XEPA E OS OUTROS MENOS ÉDISON

Boa noite.

ROSÁLIA

(*Com ironia, a Edison*) Como é? Já tem a válvula?

ÉDISON

(*Explodindo*) Não precisa perguntar com ironia.

ROSÁLIA

(*Sarcástica*) Puxa! Como está nervosinho hoje!

ÉDISON

Não me venha com esse ar superior. Você, olhando para isso, é um burro olhando pro palácio.

ROSÁLIA

(*Irritante*) Vai dizer a mim que isto é pra entender! Você mistura fios... rolos... lâmpadas... e depois fica querendo descobrir para que serve toda a bobajada que você misturou... e escrevendo relatórios pras universidades.

ÉDISON

Mamãe, ela está me provocando!

XEPA

(*Explode*) Silêncio! Eu quero muita educação nesta pocilga!!

ROSÁLIA

A mamãe trabalha, se mata, não tem obrigação de sustentar as maluqueiras que você herdou do papai.

XEPA

Rosália, pare com isso.

ROSÁLIA

Além disso...

XEPA

Te meto a mão na cara! Te arrebeno esta...

ROSÁLIA

(*Quase com ódio*) Ah, mete, não é? Vá metendo. Vá fazendo escândalo. Depois vá querer respeito da vila e de todos. A senhora não vê que todo mundo ri da gente, que ninguém toma a sério esse berreiro que a senhora vive fazendo! A senhora pensa que é fácil viver aqui dentro? Pensa que é fácil agarrar um diplomata tendo uma mãe como a senhora?

ÉDISON

Rosália!... Agora chega!...

ROSÁLIA

(*Desesperada*) Chega coisa nenhuma! Estou cansada desse ridículo permanente. Todo mundo perdeu o respeito! Até o nome de mamãe já esqueceram. Para todos ela agora é a dona Xepa!

XEPA

Com muita honra.

ROSÁLIA

Honra? Que honra? A honra de papai com seus inventos malucos? Agora é o meu irmão com os mesmos disparates. Estou farta de tudo isso.

ÉDISON

Pare com isso, Rosália.

ROSÁLIA

É só Xepa-Xepa-Xepa-Xepa! Eu sou a filha da Xepa! Como se pode trazer uma pessoa decente para dentro desta casa? (*Vai sair para dentro de casa.*)

XEPA

(*Humilde*) Minha filha. (*Pausa*) Deixei sua comida esquentando no forno... (*Rosália sai.*) É o jeito dela. No fundo...

ÂNGELO

Há visto? Io no dizia? Para che tanto sacrificio? Mio figlio co il futebole – suo figlio e sua figlia...

GUIOMAR

(*Surgindo outra vez*) Dá licença pra falar no telefone?

XEPA

(*Berra*) Fala coisa nenhuma – o dia inteiro essa agonia de telefone! Telefone, telefone, telefone... Se quer saber a centena, deu 008.

GUIOMAR

Era isso mesmo. Obrigada. (*Sai.*)

XEPA

Está vendo? Gente que não tem nada que fazer. Só pensam nisso. Só pensam em bobagem. E você, Hilda, não vê que está empatando o trabalho do Édison?

ÉDISON

Não está, não, mamãe.

XEPA

É claro que você não vai dizer que está porque tem educação. Mas que está, está. Ele fica mexendo aí, você encosta, dá “curto-circuito”... e... Ele, em vez de pensar na válvula “crônica”, fica olhando e...

HILDA

Está bem, dona Carlota. Eu vou. Não precisa arranjar desculpas. Eu sei que a senhora não gosta mesmo de mim!

XEPA

Mas você tem coragem de dizer uma coisa dessas?

Eu, que tenho falado de você as melhores coisas! Aqui está a Camila que não me deixa mentir. Camila, diz a ela. Diz a ela o que eu tenho dito dela.

CAMILA

Você diz que...

XEPA

(*Corta logo*) Deixa que eu mesma digo. Só falo de você as melhores coisas. Cheguei até a sonhar com você, minha filha. O que eu acho é que Édison, agora, não deve pensar em casamento.

HILDA

Nem eu.

XEPA

Pra cima de mim, minha filha! Eu uso saia. Então eu não sei no que vocês ficam pensando a vida inteira, de manhã, de tarde, de noite e de madrugada? Só pensam em gudunhar um infeliz.

ÉDISON

Mamãe!

XEPA

Estou calada. Eu disse alguma coisa?

CAMILA

Não disse.

XEPA

Ainda bem que você está assistindo, Camila. Senão iam me chamar de mentirosa.

HILDA

Com licença... Eu já vou indo. Boa noite, Édison.

ÉDISON

(*Erguendo-se e acompanhando-a até a porta.*) Boa noite. (*Voltando, depois que Hilda sai*) Mamãe, a senhora não deve fazer isso com a moça.

XEPA

Mas eu fiz alguma coisa? Eu disse alguma coisa?

CAMILA

Nada.

XEPA

Então! Não disse, mas há dias que eu já estava com a intenção de dizer umas coisas a essa menina.

ÉDISON

O que é que a senhora tem contra ela?

XEPA

Nada. Tenho é a favor de você. Não quero você enterrado nesta vila e casado com uma qualquer.

ÉDISON

Ela não é uma qualquer, mamãe. É secretária. Conhece estenografia, taquigrafia, datilografia, línguas...

XEPA

Sim, mas a família dela...

ÉDISON

Mas quem somos nós para falar da família dela?

A senhora já esqueceu do papai?

XEPA

Chega. E por falar nisso, vamos rifar tudo duma vez. Seu Ângelo, o senhor vai pedir com jeito ao seu Josepe para deixar de namoricos com a minha filha.

ÂNGELO

E va bene. Perfetto! No quereno uu mio figlio. *(Baixinho)* Mascalzone maledetto! *(Em voz natural)* Aa signora pensa che io fico triste, zangato, arrabiato, vero? Nó... Mille volte nó. Il cuore sente... é... sente... ma aa cabeza compreende, capisce? *(Erguendo a cabeça para o alto e juntando as mãos)* Ah, Bina mia! Beata te che sei morta! Felice Bina! Proprio felice! Al meno no vedi piu 'sto maledetto de 'sto figlio! Ma perché, Dio? Perché? Io sono nato a Roma. Il papa é italiano, vero? Perché castigarmi cosi? No só. Parola d'onore che no lo só. No quereno uu mio figlio. Si. Perfetto! Che futuro si puó sperare di un giuocatore maledetto? Niente futuro. Mio figlio, sora Sciepa, no vale niente.

XEPA

Também não é tanto assim, seu Ângelo.

ÂNGELO

Come nó é tanto assi? É la vergogna della famiglia Fracalanza. E poi é italiano! Poteve sê cantore come Caruso, come Gigli... Anche come Mario Lanza. No té voce. Italiano e no té voce. Stá bene. É 'na bruta vergogna ma stá bene. Poteva sé come Marconi – sá – inventore del raio X.

ÉDISON

Do rádio.

ÂNGELO

É a mesma coisa. Onda corta, vá! Il mundo stá perduto, sora Sciepa! Che potemo fá? Piangere... Piangere, sora Sciepa. Piangere...

XEPA

É um vagabundo mesmo esse José. Veja o desgosto que aquele sem-vergonha dá ao pobre velho. Aquilo não vale nada, seu Ângelo.

ÂNGELO

Come no vale nata? Un padre é un padre! As veces io stó preparando 'na pizza... Filetti di macarrello al'olio... Bocconcini di capone alla crema... un bisticchino di lombata alla minuto... Mbé... Penso in mio figlio... Le lacrime mi vengono agli occhi. Un padre é un padre. Il figlio puó fare tutto, ma il padre sente sempre amore per suo figli. Sá... Ele té qualidade, sabe? Anche lui té qualidade.

XEPA

Josepe? Que qualidades?

ÂNGELO

Non só. Má deve té qualcuna.

XEPA

Sim. Olhando bem... ele não é mau menino.

ÂNGELO

(Furioso) Ma come non é mau menino? É un vagabondo! Io fico servindo pizza aa napolitana, minestrone di riso com zucchini – e ele giuoca futebole. Stó có tutta aa cabeza cheia de capelli bianchi. Aspecto mio figlio per avere un fin di vita felice, tranquillo. E che tenho? Niente. Mascalzone. Canaglia, giuocatore! Maledetto! E anche suo figlio – veda! Vagabondi tutti! *(Toca o telefone. Xepa atende.)*

XEPA

Alô! Não senhora. Não é aqui. *(Desliga.)* Com certeza é pra chamar vizinho. É essa agonia o dia inteiro. Um telefone para trinta casas. *(O telefone torna a tocar.)* Alô! Internacional? Não é aqui. O sr. Losano? É meu marido. Não está. Sumiu. Onde? Nova York? Ah, a senhora quer falar com o meu filho.. Eu sou a Xepa. *(Apontando com o fone.)* Aquela ali é a Camila.

ÉDISON

(Que já se aproximara, impaciente, arranca o telefone. Emocionadíssimo) Alô... Yes... Yes... Yes... Yes...

XEPA

Ele está dizendo yes, ouviram? É inglês, Camila. Yes o quê, meu filho? Yes o quê?

ÉDISON

(Ao fone, delirante) Yes... Yes... Yes... *(Desliga o telefone em êxtase.)* Mamãe! Eles não acharam absurdo! Vão mandar examinar meu invento.

CAMILA

Ai! Ai! Eu vou ter uma coisa.

XEPA

Não. Deixa que eu tenho. A mãe sou eu.

ÂNGELO

(Assombrado com a notícia) Ma non é possibile!

ÉDISON

Acham que a idéia tem base. Pode dar resultado. Agora tudo depende da válvula isocrônica.

ÂNGELO

Ma non puó risultare! Sta valvula é come l'orologio senza motore di suo papà – non camina, non si muove!

XEPA

Meu filho, uma coisa que eu ainda não entendi: pra que serve o seu invento?

ÉDISON

Depois eu explico, mamãe. Preciso chamar, com urgência, o vizinho.

XEPA

Que vizinho?

ÉDISON

O professor.

XEPA

Aquele biruta?

ÉDISON

Que é isso, mamãe! É uma das maiores autoridades em... Até já.

(Édison pega o paletó e sai correndo. Xepa se aproxima do aparelho e começa a contemplá-lo. Ângelo vem atrás. Xepa mexe numa coisa que explode. Susto. Entra José. É um rapagão esportivo, eufórico.)

JOSÉ

Boa noite.

XEPA E CAMILA

Boa noite.

JOSÉ

Vim apanhar a Rosália para o baile.

XEPA

Ela não pode ir.

JOSÉ

Mas ela tinha prometido, dona Xepa!

XEPA

Josepe, você, pra namorar, para levar uma moça a um baile, precisa ter “mediunidade”. Você ainda não tem “mediunidade”...

JOSÉ

Mas como é que eu não tenho idoneidade?!

ÂNGELO

Lei no qué deixá sua filha andare ao ballo col mio Giuseppe?

XEPA

Para minha filha, seu Ângelo, só coisa muito boa.

ÂNGELO

Ah sí giuocatore maledetto! Hai visto la vergogna che mi fai passare? *(Apontando o aparelho)* Guarda che meraviglia! Opera di Ediso. Tiene cabeza! No fica giocando futebole tutto il giorno!

JOSÉ*(Ingenuamente)* Pra que serve?**ÂNGELO**

Ma come pra che serve? Un invento, imbecile. Un invento, capisce? E pra que serve un invento? Serve pra invenzione!

XEPA

A falta de educação é uma coisa triste. Então você ainda não percebeu que tudo agora depende da válvula ortofônica? Já telefonaram de Nova York, de Londres, da Bahia.

ÂNGELO

Anche da Parigi, mascalzone!

XEPA

Até de Roma. Aqui está a Camila que não me deixa mentir.

CAMILA

É sim.

XEPA

Até o papa já pediu demonstração do aparelho.

JOSÉ

Mentira!

ÂNGELO

Ma come mentira, se é vero.

JOSÉ

(Tira do bolso uma folha de jornal e mostra a Ângelo.) Pra que todo esse “farol”? Se o negócio é de “cartaz”, esse jornal também fala de mim.

ÂNGELO

Onde?

XEPA

Vai ver que ele foi atropelado e saiu...

JOSÉ*(Aponta)* Está aqui. No time do Eldorado.**ÂNGELO**

Ma no vedo tuo nome. Dove stá?

JOSÉ

Está aqui. Pode ver.

ÂNGELO

Ma come? Qui stá Zininho?

JOSÉ

O Zininho sou eu, papai.

ÂNGELO

Ma come, stupido?!

JOSÉ

Veja, papai. É apelido, compreende? Giuseppe deu José. José deu Zezinho. Zezinho deu Zininho. Pronto.

ÂNGELO

E com' che aa gente vá sapé che Giuseppe Fracalanza sei tu o che io sono tuo padre?

JOSÉ

Mas todo mundo sabe, papai!

ÂNGELO

Sono un povero infelice! Madonna, che destino il mio! Sora Sciepa té un figlio che fala até co papa di Roma. Io tenho un giuocatore chamato Zininho! Io fico servindo pizza napolitana e sora Sciepa vá viaggiá. Vá a Roma, vá a Londra, vá aa América...

XEPA

Isto mesmo. Meu filho fica milionário e eu vou para a América.

ÂNGELO

Ma come va a América se l'invento non é finito ne approvato?!

XEPA

Não foi, mas vai ser. O diabo é que de inglês eu só sei “yes” e “merci”.

JOSÉ

“Merci” é francês, dona.

XEPA

(Encantadíssima) Não diga! Camila, eu sabia francês e não sabia! Já calculou, Camila? Eu em Nova York e toda a gringada falando inglês e gastando o dólar. Vai tudo para a América. Você, Camila, pode fazer as malas.

ÂNGELO

Io vo all’ América com lei. Giuseppe nó!

XEPA

Agora é que essa cambada toda vai ver quem é a Xepa. Ora, se vai! Quem quiser falar comigo telefone para Nova York.

ÂNGELO

Ma come parla cosi, se no tiene ancora la válvula sinfônica!

XEPA

Válvula crônica, seu ignorante.

(Neste momento Édison irrompe com o Professor. É um tipo idoso, de pincenê, barbicha, magrinho, piscando muito e com um pigarro de fumante crônico. Roupa escura, fora da moda, guarda-chuva e boina. Dá a mão a todos, que ficam em roda, e sua distração e miopia o levam a cumprimentar duas vezes toda a roda.)

XEPA

(Afobada) Desafasta todo mundo. Deixem o professor trabalhar.

PROFESSOR

(Aproxima-se do aparelho, sem dizer palavra, endireita o pincenê e pigarreja.) Hmmmmm! Hmmmmm!

XEPA

Viram? O professor já viu tudo. Que tal, professor?
(Édison acompanha ansioso a expressão do rosto do professor.)

PROFESSOR

(Aperta um botão. Uma luz acende. Ouve-se um ruído) Hmmmmm! Hmmmmm!

ÉDISON

(Justificando-se) É claro, professor, que isto, conforme o senhor vê, é apenas uma parte, um detalhe do aparelho. É um complemento do invento de Pressler, de acordo com as oscilações intermitentes de Struifer.

PROFESSOR

(Pigarreja) Hmmmmm! Com certeza o senhor utilizou o processo Delacroix das intermitências periódicas.

(Édison vai responder, mas...)

XEPA

(Cortando) Exatamente, professor. Foi. Não foi, Camila?

CAMILA

Foi.

ÉDISON

Que acha, professor?

PROFESSOR

O senhor sabe que não é fácil, assim, à queimadura, uma opinião conclusiva, mormente em se tratando de um assunto tão...

XEPA

Delicado.

PROFESSOR

Precisamente.

XEPA

Estou pegando tudo.

PROFESSOR

Mas... apesar de tudo, creio que está resolvida a intermitência periódica.

XEPA

Ouviu, Camila? Está resolvida a intermitência periódica.

CAMILA

Eu já tive isso.

XEPA

Deixa de ser boba. Você teve foi meningite.

PROFESSOR

É claro que tudo depende, agora, da válvula isocrônica.

XEPA

E daí, professor?

PROFESSOR

(Pigarreja.) Hmmmmm! A senhora compreende... Se Einstein está certo, poderíamos deduzir da fórmula de Stuler... as oscilações centrífugas. Mas não vejo com que recursos técnicos pode contar o senhor Édison para a comprovação e...

ÉDISON

É apenas o planejamento, professor. Uma vez que acreditem nas minhas conclusões teóricas, o resto é uma questão de tempo e trabalho.

PROFESSOR

Senhores, eu jamais imaginaria que chegássemos à intermitência periódica tão cedo. Não sei se estou sendo claro.

XEPA

Claríssimo, professor. O senhor fala tão claro que parece história em quadrinhos.

PROFESSOR

Bem. Uma vez conseguida a isocrônica, estará tudo resolvido.

XEPA

(Radiante) Viu, seu Ângelo? Está tudo resolvido.

PROFESSOR

(Da porta) Está não. Eu disse “estará”. Boa noite.

ÉDISON

(Acompanhando o professor. que vai saindo) Muito obrigado, professor. Desculpe o incômodo. (Sai com ele.)

ÂNGELO

(Depois de olhar bem o aparelho) Qué sapê l'impressione mia? St' apparecchio no vá a funcioná.

XEPA

(Imitando-o no “ma come”) Ma come não vai funcionar? Então o senhor acha que Nova York, Paris, o papa, todo mundo ia se interessar por um aparelho que não funciona?

ÂNGELO

Chi há detto no fui io. Fui il signore professore. Qui está sora Camila che no me dexe mentí.

XEPA

E o senhor vai me dizer a mim que pescou alguma coisa do que o professor disse?

ÂNGELO

Il professor há detto che la filarmônica no funziona senza la valvola dell'intermitenza! Chiaro como la luce del giorno!

XEPA

Está vendo? Não entendeu nada. E se mete a discutir. O professor disse que a penitência da crônica depende da oscilação. Compreendeu?

ÂNGELO

Sì, ma a signora no vá discuti col professor. Lui há detto che...

XEPA

Discuto. Como é que eu não discuto? A mãe do inventor é o professor ou sou eu?

ÂNGELO

È la signora.

XEPA

Pois então!? Funciona. Vai funcionar. Deixa a coisa com a gente que a gente descobre isso.

ÂNGELO

Ma il professor há detto che senza le condicione e i recorsi tecnici...

XEPA

Que recursos técnicos? E a “bossa” brasileira não vale nada? Já imaginaram o meu coração de mãe quando o aparelho de meu filho for comprado por todo mundo e colocado em todas as casas?

JOSÉ

Como é que a senhora sabe que o aparelho é para colocar em casa?

XEPA

Mas claro que é! Toda casa vai ter um telefone, um rádio, uma televisão, uma máquina de lavar roupa e o aparelho do meu filho.

ÂNGELO

Questa signora é lôca! E chi é che puó discutere?

XEPA

E eu chego na casa de todo mundo e digo: “Minha senhora, quem é que a senhora está pensando que eu sou?”

ÂNGELO

A Sciepa.

XEPA

Xepa coisa nenhuma! Eu sou é a mãe... a senhora mãe do inventor desse troço aí. Se a senhora pode gozar esse aparelho é porque o meu filho Édison inventou. O Édison... Não esse Édison fuleiro que anda por aí, mas o Édison meu filho. E quando eu voltar da América, hein? Você também vai, Camila.

CAMILA

Vou.

ÂNGELO

Anche io.

XEPA

Você também. Quando voltar, toda essa vila vai estar embandeirada que nem batalha de “confeti”. E eu venho só gastando do inglês, com a língua bem embrulhada... E tome yes... E tome yes... E yes pra aqui... E yes pra lá. Vou voltar americanizada... Falando de canto de boca... assim... E vou me mudar da porqueira dessa vila. E vão botar faixa na vila com uma “indiscrição”: “Édison saiu daqui. Salve Édison!” E o Flamengo vai dar um baile em nossa homenagem, e quem for Fluminense não entra. E o dr. Getúlio vai receber o meu filho, e eu no palácio e com banda de música na porta...

GUIOMAR

(Aparecendo) Não é o telefone, não. Mamãe mandou pedir emprestado o “Jornal do Brasil” de hoje.

XEPA

(Tirando o “Jornal do Brasil” de dentro da mesa de tampo duplo) Toma. Leva o “Jornal do Brasil”.

GUIOMAR

Mamãe disse que, se ela tiver tempo, logo mais ela dá um pulinho aqui.

(Lá fora se começa ouvir um pandeiro e umas vozes risonhas cantarolando um samba.)

XEPA

Pulinho, não é? Viu, movimento aqui em casa e já está morrendo pra saber o que é? Diga à sua mãe que a conversa de hoje não é pra ela.

GUIOMAR

Como a senhora está hoje, hein? Está toda importante, mas a vila toda tá rindo, tá debochando da senhora e do tal aparelho. O Coralino até fez um samba. *(Cantarola.)* “Tenho o aparelho pronto, mas só falta funcionar.” *(Sai. Entre gargalhadas, ouve-se o coro da vila.)*

CORO

O aparelho está pronto, está, mas está de amargar. (bis)
Tenho o aparelho pronto,
Mas só falta funcionar. (bis)
(O coro continua até o fim do ato, com altos e baixos.)

XEPA

(Gritando para fora) Debochando, não é? Debochando. Cambada de vagabundos!! Vão ver só uma coisa! Vão rindo enquanto é tempo. Cambada de vadios.

ÉDISON

(Voltando, acabrunhado) Eles estão rindo, mamãe. Estão achando graça.

XEPA

Deixa rir, meu filho. Deixa rir.

ROSÁLIA

(Entrando do quarto) Estão rindo, sim. E não é pra rir?

XEPA

Oh, minha filha!

JOSÉ

Você não vem comigo Rosália?

ROSÁLIA

Estou com dor de cabeça. Fica pra outro dia...

ÂNGELO

Bene... Bona notte...

JOSÉ

Boa noite, Rosália. Boa noite, pessoal.

XEPA E CAMILA

Até amanhã.

ROSÁLIA

Boa noite.

JOSÉ

(A Rosália) Amanhã?

ROSÁLIA

Amanhã nós falamos.

ÂNGELO

Andiamo, Giuseppe. Hum... Zininho. Giuseppe Fracalanza é Zininho. Via, mascalzone. *(Saem Ângelo e José.)*

ROSÁLIA

Puxa! Até que enfim! Agora eu posso me arrumar para sair.

XEPA

Onde você vai, minha filha?

ROSÁLIA

À recepção em casa do consul.

XEPA

E com quem você vai?

ROSÁLIA

Mamãe, eu sou maior, vacinada e não tenho que dar satisfações a ninguém.

XEPA

Você podia trazer ele um dia aqui e...

ROSÁLIA

(Com desprezo) Para quê?

XEPA

Pra falar, não é?

ROSÁLIA

(Com desprezo imenso) Para falar com quem? Com a senhora ou com esse maluco aí? A senhora já imaginou o ridículo que eu ia passar? “Esta é minha mãe: Dona Xepa!”

XEPA

(Chorando) Minha filha!

ROSÁLIA

A senhora passou o meu vestido?

XEPA

Passei. Está em cima da cômoda.

ROSÁLIA

Ainda bem! *(Sai.)*

(Édison senta-se e começa a mexer no aparelho. Xepa se senta na cadeira junto ao telefone, desalentada. Toca o telefone. Ela vai atender.)

XEPA

Alô!

ÉDISON

(Aflito) Nova York?

XEPA

(Faz que não com a cabeça.) Vila Isabel. *(Com resignação)* Manda chamar a Guiomar na casa 6. *(Vai berrando “Guiomar” e, cada vez que grita, o berro vai gradativamente se transformando em choro.)* Guiomaaaaar! *(Fala baixinho.)* Minha pobre filha! Não pode trazer o namorado... *(Berra.)* Guiomaaaaar! *(Baixinho)* Tem vergonha de mim... A mãe que ela arranhou... *(Grita.)* Guiomaaaaaar! *(Baixinho)* Minha pobre filha... A mãe que arranhou... Xepa... Xepa... *(Socando a mesa, desesperada.)* XEPA!... XEPA!...

GUIOMAR

(Grita de longe.) Que é, dona Xepa?

XEPA

Telefone! *(E se deixa cair na cadeira e a cabeça na mesa, chorando em convulsão.)*

ATO II

(Mesmo cenário, notando-se, porém, mais cuidado na arrumação. O aparelho de Édison está ausente, substituído por uma poltrona. São nove horas da noite. Estão em cena Édison e Rosália. Ele de smoking; ela de vestido de baile.)

ROSÁLIA

(Irritada, como continuando uma discussão) Eu sabia! Já conheço a sua reação. Há coisas que não adianta discutir com você.

ÉDISON

Então não discuta.

ROSÁLIA

Mas é preciso que ao menos um tenha a cabeça no lugar.

ÉDISON

Rosália, será possível que você não compreenda que eu não posso fazer isso com mamãe?!

ROSÁLIA

Pois é para o próprio bem dela.

ÉDISON

Bem?! Você já calculou direito o que ela vai sofrer?

ROSÁLIA

Mania de dramatizar as coisas! Não vai sofrer nada! Sofrer!

ÉDISON

Pois eu não tenho vergonha de minha mãe.

ROSÁLIA

E eu tenho?

ÉDISON

Não sei.

ROSÁLIA

Você bota essa máscara de bonzinho, mas percebe tudo tão bem quanto eu. Então você não vê que aquela gente pode financiar o seu invento!? Você vai ser homenageado, Édison! Você acha que mamãe saberia se portar naquele meio? Mas com franqueza!

ÉDISON

Ela foi convidada, não foi?

ROSÁLIA

E a gafes da mamãe! E a maneira de falar! “Perda-se tudo, mas...” Dê-se ao respeito!

ÉDISON

Mas com que cara você quer que eu obrigue mamãe a ficar em casa se ela já preparou tudo e, há uma semana, não sonha nem fala noutra coisa! Ela vai e não se fala mais nisso!

(Sai para o quarto, enquanto Rosália hesita entre acompanhá-lo e discar o telefone. Neste momento Hilda entra da rua com um vestido de baile.

Procurou arrumar-se o melhor possível. Está um

poema. Linda e radiante.)

HILDA

Vim correndo. Não queria chegar atrasada. Estou tão contente, Rosália! Andei chorando o dia todo como uma boba. De alegria. Sonhando e com medo de acordar. Não é uma maravilha tudo isso?

ROSÁLIA

(Sequíssima) É!

HILDA

(Sempre radiante) Eu queria lhe pedir um favor: Você podia me emprestar, só por hoje, aquela sua trousse argentina?

ROSÁLIA

(Sequíssima sempre) Está com o fecho quebrado.

HILDA

Que pena! E eu que não tenho nada que combine com esse vestido!... Talvez dona Adelaide possa dar um jeito falando com a Clarinha... *(Faz menção de sair, mas volta.)* Já não está na hora de a gente ir andando?

ROSÁLIA

Para onde?

HILDA

Para a festa do Édison, ué!

ROSÁLIA

É quem foi que disse que você ia?

HILDA

Claro que vou!

ROSÁLIA

Édison convidou você?

HILDA

Não. Foi a senhora sua mãe que disse que eu não devia faltar.

ROSÁLIA

Mamãe tem a mania de convidar todo mundo.

HILDA

(Sem ouvir) Ela me olhou com carinho tão grande que até estranhei! Fiquei tão contente, mas tão contente, que cheguei a botar a combinação do avesso!

ROSÁLIA

Quem dá a festa não é mamãe. Ela não tem o direito de convidar pessoas estranhas.

HILDA

(Ferida) Estranhas? Você me considera uma estranha?! Édison disse que, no dia em que o invento dele fosse aprovado, eu seria sua...

ROSÁLIA

Édison não sabe o que diz. E você não vai continuar tomando a sério esse namoro bobo de vila.

HILDA

(Com tristeza amargurada) Namoro bobo de vila? Sim, talvez tenha sido um namoro bobo de vila. Bilhetinhos trocados... Olhares perdidos... Sonhos que pulavam a janela e iam brincar juntos de ciranda... A hora de ele chegar... A hora de ele sair... Os olhares e os comentários de toda a vizinhança... “Quando é que nós vamos comer esses doces?”... E a luta com mamãe, que proibia de falar... E as mãos pegadas às escondidas... Namoro bobo de vila... Esse namoro bobo é tudo para mim. Enquanto todos o ridicularizavam, até você, eu ficava neste canto acompanhando Édison. Fui a única a acreditar no que ele fazia, enquanto a vila inteira zombava do aparelho que só faltava funcionar. Era eu, com o meu namoro bobo de vila, que lhe dava estímulo e calor humano, enquanto a vila inteira dele debochava, enquanto todos o ridicularizavam.

ROSÁLIA

Eu achava bom você deixar essa história de amor e sofrimento para amanhã. Se você se dedicou tanto, mais uma razão para não cobrar, agora, o que você diz que ele lhe deve.

HILDA

Não transforme as minhas palavras. Ele não me deve nada. Era amor...

ROSÁLIA

Pois esse amor surgiu numa ocasião muito oportuna: no momento em que ele vai se tornar rico e famoso.

HILDA

Eu gostaria dele mesmo que o seu invento fosse um fracasso, mesmo que ele fosse um inventor louco... como o pai...

ROSÁLIA

Tudo isso é muito bonito e comovente até, mas você não tem o direito de vir cá para obrigar-nos a levar você a um lugar para o qual você não foi convidada.

HILDA

Édison não deixaria de...

ROSÁLIA

Pois espere sentada, em casa, que ele a convide. Não fique aí, impondo sua companhia a quem não a deseja.

HILDA

Rosália, você diz isso a sério?

ROSÁLIA

Tenho cara de quem está brincando? Conheço muito bem sua técnica de conquista. Eu também a uso.

HILDA

Técnica? Sim, talvez exista uma técnica de ficar noites a fio acordada e chorando por vê-lo desesperado sem conseguir realizar seu invento.

ROSÁLIA

Você espera que eu acredite nessa história? Você devia ter vergonha e...

HILDA

Vergonha? A dona Xepa vendeu o sítio, vendeu tudo o que tinha, para poder vestir você com esta roupa, para poder alimentar você, dar tudo o que você sempre exigiu dela.

ROSÁLIA

(Num grito) Chega!

HILDA

Enquanto você vivia caçando os seus diplomatas, ela estava aqui, passando sua roupa a ferro, preparando as suas dietas para emagrecer, costurando os seus vestidos, depois de arrasada por um dia de trabalho no mercado e procurando ocultar todos os seus defeitos, procurando fazer crer a todos que você é o símbolo da pureza e da perfeição, como se a vila inteira não soubesse de cor e salteado quem você é.

ROSÁLIA

(Explode.) Cale a boca! *(Controla-se.)* Eu, se fosse você, iria para casa e ficaria esperando sentada pelo convite de Édison. Mas sentada, ouviu? Boa noite.

(Hilda sai. Rosália fica só. Fica tamborilando os dedos nervosos, como que planejando algo. Depois se aproxima do telefone. Vai telefonar, mas, vendo Édison entrar, desiste, furtiva.)

ÉDISON

O que mais me apavora nessa festa é que vou ter de falar de improviso. Eu tenho horror a discursos.

ROSÁLIA

Ora, Édison! Que tolice! É só agradecer, mostrar-se comovido e pronto.

ÉDISON

Talvez fosse melhor trazer alguma coisa por escrito.

ROSÁLIA

Tolice! Esses nervos todos pra dizer muito obrigado?!

(José entra trajando um elegante smoking. Está elegantíssimo e de cravo na lapela. Vem com um jornal na mão.)

JOSÉ

Boa noite. Já souberam da novidade?... Seiscentos contos de luvas! Está aqui no jornal pra quem não quiser acreditar. *(Deixa o jornal sobre a mesa.)*

ÉDISON*(Seco)* Meus parabéns.**JOSÉ**

Ué! Que cara de enterro é essa? Pensei que vocês iam pular, que a notícia ia estourar como uma bomba!

ÉDISON

É que eu soube do resto também.

JOSÉ

Que resto?

ÉDISON

Soube que você recebeu o dinheiro todo, mas recusou cem contos a seu velho pai para salvar a pizzeria da falência.

JOSÉMas lógico! Que é que você queria que eu fizesse? Papai vive jogando dinheiro fora, dando de comer àqueles vagabundos que não pagam nunca! Aquilo parece a casa da sogra! Que o velho queira passar por trouxa, vá lá. Mas pra cima de mim! *(A Rosália)* Que tal o seu elegante par? *(Dá uma volta para que ela o veja.)***ROSÁLIA**

Par de quê, José?

JOSÉ

Você não vai me dizer que esqueceu de dançar.

ROSÁLIA

Dançar onde? Com quem?

JOSÉ

Com o "papai" aqui! Dona Xepa não disse? Ela me convidou. Já sei que o negócio é "pra cabeça". Regado a champanha francesa. Vai ser um "chuá"!

ÉDISON

Mamãe convidou você?!

JOSÉ

Convidou. Por quê? Algum embaraço?

ÉDISON

José, você me desculpe... A mamãe não tem prática dessas coisas, compreende? Ela não podia convidar ninguém para uma festa em casa dos outros.

JOSÉ

Quer dizer que eu estou "barrado"?

ÉDISON

Infelizmente está.

JOSÉ

E você, Rosália? Vai a essa festa sem mim?

ROSÁLIA

Mas que coisa! Você precisa perder essa mania de achar que é meu par, que você tem alguma coisa a ver comigo e que deve me acompanhar a toda parte.

JOSÉ

E não devo?

ROSÁLIA

Claro que não!

JOSÉ

Você pensa que aquele diplomata "fuleiro" vai casar com você?! Eu conheço aquela "pinta". Você ainda não conhece direito os costumes da alta sociedade. O negócio é só na conversa. Não é pra valer, não! Um dia eu "agarro ele" e lhe dou uns cascudos por conta.

ROSÁLIA

José!

JOSÉ

Ah, comigo não tem esse negócio de "mas-mas". Vou logo perguntando as intenções. Se a intenção for boa... ele fica com o "couro". Mas se o negócio é só no "bafo-de-boca", na "parola"... Você pode "deixar ele" comigo que eu acerto naquela trave direitinho.

ÉDISON

Você desculpe, José. Tudo isto foi sem querer. A mamãe pensou...

JOSÉ

Não tem nada, não! Aliás, eu não dou para vestir esse troço mesmo. Pobre quando bota smoking pode jurar que é garçom. Você está linda, moça.

ROSÁLIA

Obrigada.

JOSÉDiz àquele fuleiro que quando precisar de uns trocados me procure. Seiscentos contos, ouviu? Tá aí pra quem quiser ver. *(Tirando da carteira um retrato)* Eu roubei esse retrato seu para trazê-lo sempre, comigo. *(Atira-o sobre a mesa.)* Mas o melhor é ele ficar aí mesmo. O "diplomata" pode precisar. Boa noite. *(Sai.)* *(Xepa entra exuberante. Quer ser bonita e fina. Vestido longo, leque, luvas. Sente-se que nela alguma coisa está sobrando. Talvez o modelo. Talvez ela mesma. Está de um comovente ridículo.)***ROSÁLIA***(Percebe-a, examina-a, alarmada.)* Oh, mamãe!**XEPA***(Feliz)* Não estou bem, minha filha?**ROSÁLIA**

Que perfume é esse, mamãe?

XEPA

Francês. "Chifre" legítimo.

ROSÁLIA*(Num grito)* "Chifre", mamãe!**XEPA**Ou isso. *(Dá uma volta.)* Não é para me gabar,

mas nenhuma daquelas gringas vai vestir um modelo mais bonito do que este. E olhe só a classe. Quando é preciso, sua mãe também sabe ter classe. Eu sou pela classe. Olhe só.

ÉDISON

(Trocando olhares com Rosália e engolindo em seco) A senhora está ótima.

XEPA

Eu sei. Não precisa ninguém me dizer. Pro meu filho eu estou sempre bem. Meu filho, antes da gente ir para a festa, eu queria que você me explicasse umas coisas do seu invento. Eles, naturalmente, vão falar nisso... Vão me “encher” com esse tal de aparelho... e eu... não posso ficar com cara de tacho, posso? Não posso. É preciso que você me explique para eu poder me espalhar.

ÉDISON

Mas logo agora, mamãe! Não dá tempo. É difícil de explicar.

XEPA

Não é, não, meu filho. Sou burra, não. Já sei que o negócio é de ortofônica.

ÉDISON

Que ortofônica?

XEPA

Ué! Está no jornal. Or-to-fô-ni-ca.

ROSÁLIA

E-le-trônica, mamãe.

XEPA

E não foi isso que eu disse? Está aqui o Édison que não me deixa mentir. Me explica, meu filho. Sim, porque eu preciso estar prevenida, não é? Se alguém na tal “percepção...”

ROSÁLIA

(Com voz seca, sem cor, distante, silabada)

Recepção, mamãe! *(Com cada corrigenda, ela quer fazer ver a Édison que estava com a razão.)*

XEPA

Foi o que eu disse. Se alguém me abre a boca para dizer “isso” do meu filho, eu fecho o tempo logo. Me explica, meu filho.

ÉDISON

Agora, mamãe?! O negócio é muito comprido. Vamos chegar atrasados.

XEPA

Prefiro chegar atrasada a fazer vergonha.

ÉDISON

(Paciente e resignado, enquanto Rosália explode de impaciência) Mamãe, o meu invento é baseado na eletrônica.

XEPA

Já vi. Já compreendi. Está na cara. Agora só falta

você me explicar que diabo de droga é essa tal de eletrônica.

ÉDISON

(Aproximando-se da mesa de tampo duplo)

Mamãe, a senhora está vendo essa mesa?

XEPA

Estou. Está empoeirada, mas é por causa da obra da dona Clotilde. Essa miserável foi escolher logo este mês para... *(Limpa a mesa com o vestido.)*

ÉDISON

Esta mesa parece feita de madeira, não é?

XEPA

Parece, uma brisa! Peroba da boa. O Esmeraldino até ficou muito aborrecido no dia em que comprou a madeira, porque eu...

ÉDISON

Pois é. Se a senhora tirar uma lasquinha desta mesa...

XEPA

Pára! Ninguém me lasca a mesa. A mesa de tampo duplo e secreto do seu pai! O tampo duplo era pra ser secreto, mas é a primeira coisa que se vê. Eu até cheguei a dizer ao excomungado do Esmeraldino, um dia, quando...

ÉDISON

Mamãe, assim eu não posso explicar.

ROSÁLIA

Édison, olha a hora.

ÉDISON

Mamãe, se eu tirasse um pedacinho desta mesa você teria o quê?

XEPA

Eu teria que mandar consertar, porque, se o miserável do seu pai aparece um dia e percebe que a mesa de tampo duplo e secreto... que aliás não tem segredo nenhum... fecha o tempo e...

ÉDISON

Lascando a mesa, a senhora teria um pedacinho de peroba, certo?

XEPA

Batata! Mas você não pode explicar isso sem estragar a mesa?

ÉDISON

Oh, mamãe! Agora a senhora imagina que diminui esse pedacinho de peroba até não enxergar mais. Chega um ponto em que a peroba é feita de pedacinhos miudinhos chamados mo-lé-cu-las. Desse ponto em diante, se a gente for diminuindo mais... a madeira já não é mais madeira.

XEPA

Está vendo? Depois diz que a burra sou eu. Você diminui a madeira. Quando a madeira está bem

diminuidazinha, já não é mais madeira. É “moleca”. Eu hein, Rosa? Tá certo? Não pode estar.

ROSÁLIA

Não adianta, Édison.

XEPA

Adianta, sim, como é que não adianta?! Mas explique direito, sem lascar e sem tapear.

ÉDISON

Mamãe, quando a senhora faz um bolo, a senhora junta farinha, nozes, ovos, açúcar, etc.

XEPA

Fermento. Fermento que é pro bolo inchar.

ÉDISON

Muito bem. O resultado é um bolo. O bolo, quando está pronto, é feito de tudo aquilo, mas já não é ovo, nem açúcar, nem nozes, nem nada. É um bolo. A senhora só vê o bolo, não vê o ovo.

XEPA

Mas as nozes eu vejo, porque só boto em cima, no fim, pra enfeitar.

ÉDISON

Está bem. Pois a madeira é feita de uma porção de moléculas. Bolo não é ovo, mas o ovo entra na composição do bolo, compreendeu?

XEPA

Tudo. Agora sim! Só não entendi uma coisa: onde é que estão os ovos da madeira?

ROSÁLIA

Parem com isso antes que eu tenha um ataque.

ÉDISON

(Já acelerando e impaciente) Mamãe, a madeira é feita de uma porção de coisinhas chamadas átomos. Cada átomo é feito de uma porção de coisinhas chamadas núcleos e elétrons. Elétrons são umas coisinhas que ficam girando em torno do núcleo. Com esses elétrons é que eu realizei o meu invento. De elétron é que vem a palavra eletrônica. Está claro? *(Respira.)*

XEPA

Está. Claríssimo. Só não compreendo é como você foi descobrir o diabo de um troço miúdo desses e como é que você sabe o nome de uma porção dessas coisas que ninguém vê e que é capaz até de nem “izestir”.

ÉDISON

Estudando, mamãe! Deduzindo! Matemática... física...

XEPA

(Ri baixinho consigo mesma.) Engraçado! Quer dizer que tudo é feito de “molequinhas”!... Até eu?

ÉDISON

Até a senhora.

XEPA

Até o dr. Getúlio?

ÉDISON

Até o dr. Getúlio.

XEPA

Tudo-tudo-tudo?

ÉDISON

Tudo.

XEPA

E o dr. Getúlio já sabe disso?

ÉDISON

Deve saber.

XEPA

E foi você quem descobriu?

ÉDISON

(Impacientíssimo) Não, mamãe. Isso já estava descoberto.

XEPA

Era isso que eu desconfiava. Mas, se já estava descoberto, pra que inventar?

ROSÁLIA

Mamãe! Tem dó!

XEPA

Você está indo pelo mesmo caminho do Esmeraldino.

ÉDISON

Mamãe, eu não inventei o átomo nem a eletrônica. Eu inventei um aparelho baseado na eletrônica. Você, pra fazer uma casa, não precisa inventar a madeira. Pra fazer um bolo, não precisa inventar nem a farinha nem o ovo, compreendeu?

XEPA

Agora sim!

ÉDISON

Bem. Vocês me encontram na esquina daqui a pouco. Vou providenciar um táxi.

XEPA

Eu, hoje, quero ver você brilhar.

ÉDISON

Até já. *(Sai para a vila.)*

XEPA

(Depois de observar Rosália) Você está linda, minha filha!

ROSÁLIA

(Seca) Obrigada. *(Pausa)* Quem foi que lhe fez esse vestido?

XEPA

(Felicíssima) A dona Adelaide. Não está um sonho? *(Roda.)*

ROSÁLIA

(Implacável) Está simplesmente ridículo.

XEPA

Mas se é um modelo francês!

ROSÁLIA

Quem foi que lhe disse?

XEPA

A Adelaide garantiu. Até me mostrou o figurino.

ROSÁLIA

De que ano, mamãe?

XEPA

E eu sei? *(Pausa)* Quando é que nós vamos?

ROSÁLIA

Olhe, mamãe. O Édison não quer lhe dizer, mas eu acho que a senhora não deveria ir a essa festa. Não é o seu ambiente.

XEPA

Mas, se não é o meu ambiente, também não é ambiente para meus filhos.

ROSÁLIA

Começa que ali a senhora não estará à vontade.

XEPA

Uai! Por quê?

ROSÁLIA

A senhora vai ficar sem jeito, desnorteada. Ali só se fala francês e inglês. Vão fazer à senhora uma série de perguntas e...

XEPA

Podem fazer. Eu respondo. Não tenho segredos. Aliás, tenho um, mas eu digo. Aquela história de seu pai. Mas eu não digo que ele fugiu. Digo que está na Europa. É moda. Marido fugiu... está na Europa.

ROSÁLIA

A senhora não deve ir porque vai prejudicar o Édison.

XEPA

Prejudicar o Édison? Oh, minha filha! Então você acha que eu seria capaz de uma coisa dessas? Mas prejudicar como? Por quê?

ROSÁLIA

É um ambiente complicado. A senhora vai fazer uma porção de coisas erradas, o Édison fica envergonhado e vai ser um caso sério.

XEPA

Você acha? Bem... Se é assim... Mas eu vou ficar com o coração pequenino que nem ovo de garnisé. Mas é claro... Se eu vou prejudicar, não se fala mais nisso. Veja você, minha filha, o que é a ignorância! Eu estou crente que vou fazer um bonito com esse modelo francês e agora que já sei falar da eletrônica. Tá vendo? Me deu um pigarro outra vez. Já estou com o diabo desse nó na garganta... Passei tantos dias sonhando com a droga dessa festa... Não se pode dar um jeito?

ROSÁLIA

Não.

XEPA

Bem... se não se pode... não se fala mais nisso, não é? Eu podia ficar num canto, murcha que nem galinha choca, sem abrir a boca, bebendo uma groselha... sem incomodar ninguém...

ROSÁLIA

Não pode, porque a senhora vai me deixar numa situação difícil perante o meu futuro noivo. Parece que o homem vai pedir a minha mão.

XEPA

O democrata?

ROSÁLIA

(Num berro) O diplomata, mamãe!

XEPA

É ele vai pedir sua mão sem que eu conheça... sem que eu veja se serve e...

ROSÁLIA

Eu já vi. Serve. E quando chegar a hora do pedido, a senhora fala o menos possível, por favor. Nesse dia, vamos tirar esse relógio ridículo, esse alarma imbecil e esse retrato daí.

XEPA

E por tudo isso eu não posso ir à festa. E se eu não vou, minha filha, como essa vila vai me gozar! "Então, dona Xepa, a senhora foi barrada na homenagem do seu filho?" Essas invejosas duma figa estão loucas pra me gozar. Quando o Esmeraldino sumiu, foi uma festa para todas elas, principalmente para a Clotilde, aquela unha-de-fome, aquela miserável, aquela piolhenta! Minha filha, deixa eu ir. Eu não faço vergonha.

ROSÁLIA

Oh, mamãe! Naquele ambiente a senhora não saberá comer.

XEPA

Eu não como.

ROSÁLIA

A senhora nem vai saber falar.

XEPA

Eu não falo. Eu não abro a boca. Só digo "yes" e "merci". Você já avaliou, minha filha, com que cara eu vou ficar? Vão sair todos aqueles retratos nos jornais e todo mundo vai me perguntar: "E a senhora, dona Xepa? Não saiu? Não foi?" Que é que eu vou responder? E depois, ainda tem uma coisa: eu já convidei a vila toda, Rosália.

ROSÁLIA

A senhora convidou quem?

XEPA

A vila inteira.

ROSÁLIA

Para quê?

XEPA

Para a festa do Édison.

ROSÁLIA

Mas a senhora não podia ter feito uma coisa dessas!

XEPA

Como é que eu não podia?

ROSÁLIA

Porque a casa não é sua, mamãe!

XEPA

A casa não é, mas a ortofônica...

ROSÁLIA

(Num berro) A eletrônica, mamãe.

XEPA

Pois foi o que eu disse. Aqui está a... Não está ninguém.

ROSÁLIA

A senhora vai ficar em casa e dizer a todo mundo que a recepção foi adiada. Quando a gente é mãe de verdade, não deve atrapalhar a vida dos filhos.

GUIOMAR

(Grita de fora) Dona Xepa!

ROSÁLIA

Dona Xepa! Essa menina ainda não aprendeu o seu nome.

XEPA

Deixa, minha filha. É Xepa mesmo. Eu gosto de ouvir esse nome. Primeiro me chamavam de Xepa, no mercado, quando eu distribuía todos os restos, tudo o que sobrava, aos pobrezinhos, coitados! Não sabiam meu nome. “Dona, me dá uma xepa?” “Dona Xepa, me dá uma xepa?” O nome ficou e eu gosto dele. Eu gosto muito mais de Xepa que de Carlota. Carlota não quer dizer nada. “Xepa” quer dizer mata-fome. Xepa quer dizer resto, resto de feira, resto de vida, resto de... Eu sei que não sou nada, minha filha. Sei que não sou ninguém. Mas pergunta no mercado pela Xepa, minha filha. Eles dizem “Xepa” com um carinho tão grande que parece que eu sou alguém. Ninguém ali se envergonha com minhas roupas nem com o meu palavreado. E no fim da feira, quando eu vou atirando pelos cantos, com quem não quer nada, todas aquelas verduras e legumes, para não deixar sentir que aquilo é esmola, minha filha, eles me compreendem e não dizem obrigado, mas nos olhos a gente lê tudo e se compreende como ninguém.

GUIOMAR

(Gritando de longe) Dona Xeeeeepa!

XEPA

Vá, minha filha. *(Ela cobre a filha com a mantilha que está sobre uma cadeira.)* Diz ao Édison que eu não me sinto bem... Cuidado... com o sereno e os gelados. Muito cuidado com as misturas. E diz ao Édison, quando pegar depois da festa o avião pra São Paulo, pra pedir pro aviador não correr muito. Muito cuidado com tudo e que Deus te abençoe.

ROSÁLIA

Boa noite.

(Sai. Xepa fica só. Olha em torno. Contempla o retrato de Esmeraldino. Analisa o ambiente e a própria roupa com tristeza. Entra Ângelo. Este está num rigor “gauche”, um soberbo ridículo no cuidado com que se arrumou. Sapato marrom. Ângelo avança e, de repente, pisa no botão do alarme. Pula, assustado.)

ÂNGELO

Porca miséria! Io vi a rigore come a signora mandó. *(Dá uma voltinha para que ela veja.)* Maraviglioso, eh? Onde é ché stá us otre?

XEPA

Como vai, seu Ângelo?

ÂNGELO

Bene. Ma u resto do pessoale?

XEPA

Que pessoal?

ÂNGELO

U pessoale ché vá co’a gente aa festa di Ediso.

XEPA

Que festa é essa?

ÂNGELO

Ma che ciochezza é questa? Entó nó té festa?

XEPA

Festa tem, mas o que é que o senhor...

ÂNGELO

E allora no se lembra maisch. S’è scordata? Aa signora me convidó, sora Sciepa.

XEPA

Eeeeeeu? Que coraaaagem, meu São Benedito!

ÂNGELO

Ma evidente. E che io ia adivinhá che tinha festa? Aa signora chegó a falá: “Mi recommando, sor Ângelo”. Ângelo sono io, no? Mi recommando – no dexa de ire aa festa di mio figlio Ediso, oggi. Oggi é oggi, no?

XEPA

Me acode, meu são Benedito! Eu disse isto?

ÂNGELO

Non si ricorda? Entó aa signora sofre daa cabeça! Botê aa roba migliore. Rigore, eh? Meraviglioso! E stó qui.

XEPA

Mas o senhor não entendeu nada do que eu disse! Eu chamei o senhor para vir aqui em casa, enquanto meus filhos iam à festa.

ÂNGELO

Ah, mbé! Era eso?

XEPA

Mas claro! Então o senhor acha que aquilo é lugar de gente como o senhor e eu? A festa vai ser toda em inglês, que nem fita de cinema. E não tem letreiro pra explicar.

ÂNGELO

Ma perché?

XEPA

Aquilo é lugar de gente fina, seu Ângelo! Ali só entra corpo “democrático”. Só se diz besteira em francês. O senhor sabe francês?

ÂNGELO

E perché no italiano o portoghese?

XEPA

Nesses lugares não fica bem falar o português.

ÂNGELO

E perché no fica bene? E dove stano i brasiliani?

XEPA

O senhor não entende disso. Ali todo mundo tem que fingir que chegou de Paris naquele instante e que foi educado num colégio inglês com a rainha “Elizete”. E brasileiro que não falar com sotaque de gringo tá perdido.

ÂNGELO

Mamma mia! E aa signora? Tombé no vá?

XEPA

Não, seu Ângelo. Prefiro ficar. Os meninos insistiram muito. “Mamãe, vem. Mamãe, a festa não vai ter graça sem a senhora. A gente nunca levou a senhora. Mamãe, isso. Mamãe aquilo!” “E por que a senhora tem que vir.” “A senhora fica conversando com os outros, enquanto a gente dança.” Foi um custo convencer os meninos. O senhor sabe... Eu não gosto dessas coisas. Quero é ficar quieta no meu canto.

ÂNGELO

E questo vestido é para recebê a me? Ma deve ire. Il figlio é sacrato, comprende? Il figlio... Oggi é un giorno completo para elli. E l'allegria non é perfetta senza la mamma accanto. Andiamo! Io pago o lotaçó.

XEPA

E o senhor pensa que vão deixar o senhor entrar com essa roupa?

ÂNGELO

Ma ché tene sta roba? Sta roba servi pro Scala di Milano! Per il “Barbieri” com Galeffi – galleria del

Municipale! Servi per il mio casamento. E perché nó vá servi oggi?

XEPA

O senhor não vê que é um absurdo, seu Ângelo? De que é que o senhor vai falar lá?

ÂNGELO

De tutto. Perché?

XEPA

E se chegarem perto do senhor e falarem do invento do meu filho, que é que o senhor vai dizer?

ÂNGELO

Perfeitissimo, io parlo della sinfônica.

XEPA

Eletrônica, seu Ângelo.

ÂNGELO

Si. Perfetto. Eletrônica. De elettricitá.

XEPA

Pois vai fazer um papelão. O senhor quer dizer, a mim, que sabe o que é eletrônica?

ÂNGELO

Ma evidente ché sé!

XEPA

Então diga!

ÂNGELO

Mbé... si... ma... cosi... al improvviso... Si capisce ché... Ci vuole... Un pó di tempo...

XEPA

Não precisa tempo, não. O que é eletrônica?

ÂNGELO

Ma si é una cosa di elettricitá. Piccola cosi... 'na porcheria...

XEPA

Não pegou. Já vi. Não pegou.

ÂNGELO

Ma come no pegué?!

XEPA

(Apontando e batendo na mesa de tampo duplo) Olhe, seu Ângelo! O senhor está vendo esta mesa aqui?

ÂNGELO

Si... si...

XEPA

(Batendo na mesa) Mesa eletrônica, compreendeu?

ÂNGELO

Ma nó. No dica fesserie, signora... E che io non conosco questa mesa? É a mesa de tampo doppio e secretissimo de Esmeraldino!

XEPA

Pois é eletrônica.

ÂNGELO

E come é possibile se Esmeraldino nó conhecia nada de eletrônica?

XEPA

Ele não sabia, mas a mesa era, compreendeu? Para fazer um mesa não é preciso inventar as cadeiras, compreendeu? Olhe bem.

ÂNGELO

Stó olhando.

XEPA

Parece madeira, não parece?

ÂNGELO

Parece 'na storia. É peroba.

XEPA

Pois está muito enganado. O senhor quando faz bolo...

ÂNGELO

Ma io no faccio bolo! Faccio pizza, polenta, canelloni, spaghetti, tagliarini. Ma bolo, no.

XEPA

Imagine.

ÂNGELO

No posso maginare. Ângelo Fracalanza fazendo bolo. Ridicolo.

XEPA

Para eu fazer um bolo preciso de ovos, manteiga, farinha, açúcar. Sai bolo.

ÂNGELO

Si.

XEPA

Pois esta mesa é feita de uma porção de lasquinhas chamadas “molecas”. E cada “molequinha” é feita de atominhos. E cada atominho é eletrônico. Compreendeu?

ÂNGELO

Ma no.

XEPA

Está vendo? Não compreende. Se o senhor tivesse um filho instruído, um filho eletrônico, e não um jogador de futebol...

ÂNGELO

Ma che dice lei! Zininho é il migliore giuocatore del Brasile.

XEPA

E que tem isso?

ÂNGELO

(Tirando um pedaço de jornal do bolso) Il ritratto di Giuseppe! Quattro collune. Aqui stó io. Cavaglieri Ângelo Fracalanza, il papá di Zininho. Sono io, no? Non sono cavaglieri... però... Tutti i giornali parlano di Zininho. E suo figlio... Solo um piccolo ritratto eletrônico così... e qualche ligne parlando della sinfônica. Quando il mio Zininho face um gole... migliaia de personi gridano: Zininho! Zininho! Anche io. Ma io grido: Giuseppe Fracalanza! Giuseppe Fracalanza!

Todo mundo me olha como se io fossi stupido... Ma nessuno applaude il suo bambino della sinfônica.

XEPA

Mas não adianta discutir, seu Ângelo. O senhor quer comparar o seu filho com o meu?

ÂNGELO

Comparare io? Ma se il mio é meglio!!

XEPA

O senhor quer comparar o seu filho fuleiro com o meu filho eletrônico? Francamente, seu Ângelo!

ÂNGELO

In fin dei conti, nessuno sape pra ché serve l'invento de suo figlio.

XEPA

“Come” não sabe?

ÂNGELO

Entó dica: pra que serve?

XEPA

Mas o senhor tem a coragem de me perguntar uma coisa dessas? Eu sou a mãe, seu Ângelo! Compreende? Eu não admito que se pergunte uma coisa dessas! Leia os jornais. Leia os livros. Estude. Aprenda. “Seje” pela instrução... Imagino a vergonha que o senhor ia fazer na festa do meu filho.

ÂNGELO

Ma che vergogna?

XEPA

E ainda tem coragem de falar. Comparar seu filho com o meu. Não me obrigue a dizer certas coisas. Seu filho recebeu seiscentos contos de luvas do time e recusou cem contos para salvar a sua pizzeria da falência. É verdade ou é mentira?

ÂNGELO

Mio figlio recusó?! Mio figlio?! Che infamia, sora Sciepa. Ma ché gli lo há detto? Giuseppe me há detto persino: “Papá, si tu precisa di tutto il mio danaro te lo dó”. Giuseppe é dedicadíssimo, sora Sciepa. Pensa solo a suo papá. Ah, Bina, Bina! La poveraccia é morta! Che pena! Precisava vê suo figlio.

XEPA

Eu sei. Ele, agora, está importante e já esqueceu tudo o que o senhor fez por ele.

ÂNGELO

Ma se é un ragazzo magnífico! E a signora?... No fui all omenage a Ediso, eh? Perché? Elle teve vergogna di sua mamma, eh?

XEPA

Vergonha de mim? Que calúnia! Se a Rosália até me obrigou a botar esta roupa e chorou...

Pergunta a Camila que não me deixa mentir.

Rosália quase ficou doida: “Mamãe! Sem a senhora, não! Se a senhora não for eu também fico”. Meu filho vai me levar à América. O seu...

ÂNGELO

Ma il mio figlio brigó comigo pra aceitá o dinhero.

XEPA

Eu conheço essa história.

ÂNGELO

Ma come conhece aa história? Mio figlio – capisce? – non mangia se no me vede. No dorme – capisce? – senza parlare con suo papà. No fá niente – capisce? – niente, senza consultarmi. Mio figlio non si vergogna di me. Nó. Uma vece, sente só – elle quebró aa cara de un sugete che me chamó de carcamano... Mio figlio... é...

XEPA

...E para salvar o senhor da falência recusou ajudar, não é?

ÂNGELO

Ma lei ci crede a ste storie? Tutto mentira... Non é vero...

XEPA

Que horas são, seu Ângelo?

ÂNGELO

Deve sê nove e meia... Maisch o meno...

XEPA

A festa já deve ter começado, não é?

ÂNGELO

Deve stá nel brindise: “Beviamo”!

XEPA

Pra se gozar uma noite dessas, tudo que se fizer por um filho é pouco.

ÂNGELO

Ecco io dico a mesma cosa di mio figlio. Bravo ragazzo. Ma dica: lei stá triste?

XEPA

Ora...

ÂNGELO

(*Carinhosamente*) Stá. Si vede. Sora Sciepa: já che stamo vestiti a rigore, andiamo alla pizzeria per comemorare.

XEPA

Obrigada, seu Ângelo. Não tenho fome.

ÂNGELO

(*Parte do pianíssimo para chegar ao fortíssimo nas falas referentes aos pratos italianos.*) Ma come no té fome! Lazzagna al burro. Salza pomodoro. (*Xepa faz que não com a cabeça.*) Vermicelli alla matriciana... Bistecchini di filette alla minuta! (*Xepa faz que não.*) Ma come nó! Lazzagne! Spaghetti! Minestrone di riso com zuchine. (*Xepa faz que não.*) Ma come nó! Un Chianti... Uma

pizza napolitana mezzo a mezzo... allici e muzzarella... Andiamo, sora Sciepa... Lei stá triste. Anche io sono triste. Mascalzone! No té pena di suo vechio padre... E suo figlio lascia la mamma sola, eh?

XEPA

Eu não quis ir. Então o senhor acha que eu ia lá “empatar” a homenagem? Eles brigaram comigo... “Vem mamãe! Vem”... Eu quero é sossego... Deve estar linda aquela festa!

(*Entra José, assobiando. Já não está mais de smoking. Traja calça e um blusão esportivo. Aproxima-se do pai, sacode-lhe, carinhosamente, os ombros e diz:*)

JOSÉ

Agüenta a mão, velhinho! (*E deixa no bolso de Ângelo um papel.*)

ÂNGELO

(*Abre vagarosamente o papel, enquanto José se retira. Suas mãos estão tremendo. Ele não crê em seus olhos. Está no auge da emoção.*) Vê mio filho, eh! Cem contos... Cem mil cruzeiros. Um cheque para mi!!! Giuseppe Fracalanza... Stá qui... Bravo ragazzo, eh! Mio figlio... No mangia se no me vere... Mio figlio... Mio filho... (*De repente, percebe a tristeza de Xepa, dobra o cheque e guarda.*)

XEPA

Meu filho também é assim... Quando chegar na festa... vai sentir falta e vem me buscar correndo, seu Ângelo...

ÂNGELO

Si... Si...

XEPA

Ele vem... Eu sei que ele vem... Mas eu não quero que ele passe vergonha... Eu não quero... Olhe, seu Ângelo... Em vez de ir à pizzeria... eu preferia... andar um pouco... dar umas voltas por aí... A gente até podia passar pela rua onde meu filho está... ver o movimento... os automóveis...

ÂNGELO

Si, sor Sciepa. Andiamo. Andiamo.

XEPA

Quando ele vier, não vai me encontrar em casa... É melhor assim. Nós vamos andar pela rua... seu Ângelo... ver as luzes... e ouvir a música... da festa de meu filho.

(*Voz de Édison gritando ao longe.*)

ÉDISON

Mamãe! Mamãe! Mamãe!

(*Xepa tem uma crise de lágrimas e agarra-se às mãos de Ângelo para não cair, para não fraquejar. Bota uma velha pele sobre os ombros. Édison entra*

com Rosália às pressas. Parece não ver Ângelo e Xepa. Xepa está trêmula de emoção. Ameaça abrir os braços para Édison, mas ele cruza e corre para dentro da casa como se ela não existisse.)

XEPA

Eu não disse? Meu filho veio me buscar!

ÉDISON

(Para Rosália, enquanto traz papéis que examina às pressas) Mas como é que eu fui esquecer estes papéis?

ROSÁLIA

Está tudo aí?

ÉDISON

(Verificando) Tudo. Vamos.

(Saem correndo, enquanto Xepa deixa pender a cabeça e sacode seus ombros numa crise de pranto incontido, diante da desolação do velho Ângelo. Ela se apóia na mesinha, suas mãos tremem cada vez mais e cai sobre ela, enquanto o pranto cresce.)

ATO III

(Cenário: um living luxuoso. Quadros e móveis moderníssimos. Já não estão mais ali os inventos de Esmeraldino nem o seu retrato. É noite. Cena vazia. Toca a campainha do telefone. Camila cruza a cena com um livrinho de “Primeiras lições de francês”, enquanto da sala ao lado se ouve a voz de Xepa repetindo algo que não se distingue a princípio. Quando Camila vai atender ao telefone já causa uma certa “inquietação” à platéia, porque, no vestido que usa, se nota uma grande “evolução”.)

CAMILA

(Ao fone) Alô! Casa de Madame Losano... Madame no momento não pode atender. Perfeitamente. Transmito o recado... Sim... Daqui a dez minutos. Não há de quê... Boa noite.

XEPA

(Surge com uma roupa exuberante. Transpira uma elegância “gauche”. Vem repetindo lá de dentro algo que se começa a distinguir melhor.) Zéro, un, deux, trois, quatre, cinq, six, huit, neuf, dix. Quem era?...

CAMILA

Madame Varela.

XEPA

Qu’est que c’est? C’est le livre. Un, deux, trois, quatre... Essa mulher “enche”. Ela sempre telefona na hora em que... Je vous donne un crayon. Donnez moi votre livre. Merci. Merci beaucoup. Il n’y a pas de quoi. Au revoir, monsieur. (A Camila, que acompanha extasiada o francês de pronúncia erradíssima de Xepa, que sublinha com gestos as palavras que pronuncia) Vai conferindo aí

que eu não quero dizer besteira. (Camila abre o livro depressa.) Confere?

CAMILA

Confere.

XEPA

Bem. Por hoje chega. Eu meto isto na cabeça nem que me dê uma meningite. Filho meu não vai passar vergonha. Você já calculou a surpresa do Édison vendo a Xepa gastar seu bom francês? O diabo é este nervoso!...

CAMILA

Na hora isso passa.

XEPA

Passa nada! Ele já deve estar estourando por aí.

CAMILA

Tem muito tempo. O relógio da sala está adiantado.

(Campainha.)

XEPA

(Aflitíssima) É ele, está vendo? Vá abrir, criatura! Oh, meu Deus! Vá abrir “la porte”.

CAMILA

Mas não é “la porte”. É o telefone. (Atende.) Alô! Casa de Madame Losano. Vou ver se já pode atender. (Estende o telefone para Xepa, mas esta conta até dez baixinho, em francês, e só depois pega o fone.)

XEPA

(Procurando imitar as grã-finas) Alô!... Madame Varela!... Eu ia, agora mesmo, ligar para a senhora. Não. Não incomodou. Eu estava recostada na “chaise” ouvindo uns discos de Chopin. (Pronuncia Chopin errado.) Eu também. Falou em Chopin tocou no meu ponto fraco. Chopin!... Fui sim. Aliás o Municipal não estava grande coisa. A peça é de um tal de Molière. Já ouviu falar? Deve ser novo. Eu não podia ir porque... mas, enfim... o embaixador insistiu tanto... Se não fosse em benefício dos órfãosinhos, eles não me pegavam lá. Gastou-se cento e vinte contos com a festa, mas, depois de tudo pago, ainda sobraram uns trezentos mil réis pros meninos. Tocou no meu fraco. A caridade!... Pois é. Eu não sei onde isso vai parar. Que feijão, minha filha! E o preço da champanha! Não foi possível. Ontem foi um dia infernal. Que dia, “cherie”! Que dia! Só ontem – vê se te agrada – só ontem... tive massagista às onze... cabeleireiro às doze e meia... manicure às duas... professor de etiqueta e francês às três. Mas claro que tenho professor!... Não. Meus filhos não sabem. É surpresa. Aliás, eu não devia falar nisso, mas comigo não tem bandeira, sabe como é?... Ele

ensina tudo, minha filha!... Ensina esse negócio de arte, a falar de livro que a gente não leu, educação, comportamento... Olhe, se você precisar me fala, minha filha, que eu lhe apresento. Ah, é um amor! É muito bonzinho. Ele é especialista nesse negócio que o seu marido é. Como é mesmo, meu São Benedito? “Nouveau riche.” Especialista em gente que ficou “riche” de repente, importando Cadillac. Por falar nela: a senhora viu, não viu? Coragem daquela mulherzinha servir aquela champanha vagabunda! Lembra-se da minha recepção? Pomeri, minha filha. Pomeri francesa! Mas é o que eu digo, minha filha. Quem não tem champanha não solta foguete. E a mesa? E os doces? (*Toca a campainha. Camila sai.*) Você viu, não viu? Mal a gente ia se servindo e o garçom sumia que nem mágico. Parecia o Mandrake. Deus que me perdoe! E aquele vestido? Francês onde? De que ano, minha filha? De que ano?

(*Camila volta com Ângelo, que entra aflito, brandindo um jornal. Camila se retira.*)

ÂNGELO
(*Enquanto Xepa continua ao telefone*) Sono aflitíssimo, sora Sciepa. Aflitíssimo. Uma desgraça.

XEPA
(*A Ângelo*) Não vê que eu estou falando? (*Ao fone*) Sim... Sei... Pois é.

ÂNGELO
Me larga o telefone! Veja o giornale!

XEPA
Por favor, seu Ângelo! Oh, senhor! (*Ao fone*) Está certo. Não... O amante dela é outro. O marido sabe que ela tem um amante, mas não estrilou porque pensa que o amante é o capitalista. Se ele descobre que é o outro!...

ÂNGELO
Me larga o telefone, porca miséria!

XEPA
Bem, a conversa está muito “jolie”, mas eu tenho que me aprontar, porque, daqui a pouco, espero a visita do cônsul Manfredo... Obrigada... Ah, sim! Ele é de muito boa família. Também, se não fosse, não pisava aqui... Até amanhã... Obrigada. (*Desliga e diz a Ângelo:*) Mas não se pode nem falar sossegada no telefone? Olhe, seu Ângelo, vá para a outra sala que eu agora não tenho tempo.

ÂNGELO
Ma come pra sala?! A signora precisa vê.

XEPA
Então você não está farto de saber que o cônsul vem pedir a mão de minha filha?

ÂNGELO
E ché! Lei se vergogna di me!

XEPA
Mas quem falou em vergonha? Que complexo!! Puxa! Você não vê que o negócio vai ser todo em francês? Você não tem conversa pra cônsul. E – depois – você acha que ele vai ter cara pra pedir a mão de Rosália com você “empatando”? Por favor!...

ÂNGELO
Ma il giornale...

XEPA
(*Arrancando-lhe o jornal*) Você acha que eu tenho tempo para futebol?!... Mande o jornal para o inferno! (*Atira-o sobre a mesa.*)

ÂNGELO
Ma é meglio vedere prima... É terribile... Sono un disgraziato.
(*Camila vai abrir a porta.*)

XEPA
Olha o homem aí! Ângelo, pelo amor de Deus!

ÂNGELO
È molto sério, sora Sciepa. Isso io no sperava. Parola d'onore.

XEPA
(*Vai empurrando Ângelo para a sala ao lado.*)
Depois eu vejo...

ÂNGELO
Lega il giornale...

XEPA
Eu leio... Depois eu leio... mas, pelo amor de Deus!
(*Ângelo foi para a outra sala, ao mesmo tempo que entram Camila e o cônsul Manfredo. Manfredo é jovem, simpático, grisalho, mas de um grisalho que só lhe acentua a juventude, correto, diplomata em toda a linha. Sua educação lhe permite permanecer impassível diante das maiores gafes de Xepa.*)

MANFREDO
(*Beijando a mão de Xepa, enquanto Camila se retira*) Madame! Encantado!

XEPA
Prazer. Enchantée. (*Convida-o a sentar-se.*) Tenha a bondade. Une chaise. (*Xepa pega de uma imensa piteira de sobre a mesinha, coloca um cigarro. Manfredo ergue-se e apressa-se a acendê-lo com o seu isqueiro.*) Merci.

MANFREDO
(*Depois de ligeira hesitação*) Desculpe... a hora... Creio ter-me adiantado um pouco...

XEPA
Não, doutor. “Abisolutamente”. (*Pausa incômoda. Indecisão...*) O senhor... aceita um uísque?

MANFREDO

(Num gesto vago) Bem... (*Xepa faz menção de providenciar, mas volta quando ele diz:*) A senhora, naturalmente, já sabe o que me traz.

XEPA

Mais ou menos, doutor.

MANFREDO

A senhora, com certeza, já me conhece através de referências ocasionais da senhorita Rosália.

XEPA

De fato, a Rosália fala muito no senhor. Mas um cálice de licor “Beneditino” o senhor tomaria, não? Um “Chartreuse”, um licor de tangerina.

MANFREDO

Bem... (*Xepa ameaça ir providenciar, mas volta quando ele diz:*) Rosália é uma moça rara nos dias de hoje. Mulheres como Rosália nos confortam... nos fazem renascer a certeza de que nem tudo está perdido.

XEPA

De fato, ela é muito prendada.

MANFREDO

E não é só a inteligência. Cativou-me, sobretudo, o carinho que ela demonstra pela senhora.

XEPA

(Num susto) Por mim?! (*Caindo em si imediatamente*) Ah, sim! É verdade. Claro. Mas um cafezinho o senhor aceitava, não é mesmo?

MANFREDO

Já que insiste... (*Mesmo jogo anterior*) Era minha intenção esperar pela chegada do senhor seu marido, mas parece que ele vai viajar muito, segundo soube. Quando é que ele pensa voltar?

XEPA

Oh! Un, deux, trois, quatre ans. Je ne sais pas. Ele está realizando uma viagem de estudos pela Europa, n'est ce pas? A estas horas ele deve estar na Suécia, o país dos relógios.

MANFREDO

(*Corrigindo discretamente*) A Suíça...

XEPA

Não foi o que eu disse? Esta minha cabeça! Ainda ontem na recepção da Gávea... estávamos um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade... falando sobre música, pintura, literatura, vida alheia... Porque não é para me gabar, nem por estar na sua presença... Não desfazendo, eu gosto muito dessas coisas... Pois não é que, distraída, eu troco Vilas-Lobo por Vilas-Diogo?

MANFREDO

Um lapso.

XEPA

Que lapso? Esquecimento mesmo. E eu que “aperceio” tanto o Vilas...

MANFREDO

Temos isso em comum. O Vila! “As bachianas”!

XEPA

Tocou no meu fraco. As “bacanas”! Oh, meu Deus! As “bacanas”.

MANFREDO

Madame deve ter uma grande sensibilidade artística.

XEPA

Sensibilidade só? Nevralgia artística... Chega a doer. Mas uma laranjada bem geladinha tomava, não?

MANFREDO

Bem...

XEPA

(*Ameaça providenciar, mas...*) E pintura? O senhor gosta?

MANFREDO

Picassô...

XEPA

Tocou no meu fraco. Eu sou tarada pelo Picassô. Já que o senhor não quer nada, podia, ao menos, aceitar um bombonzinho...

MANFREDO

Merci...

XEPA

Il n'y a pas de quoi. O senhor, com certeza, gosta muito de música. Vi logo, pela sua pinta, que o senhor deve gostar da “Quinta”.

MANFREDO

Mais ou menos.

XEPA

Pois, pra mim, não há nada como a “Protética”.

MANFREDO

(*Corrige-a discretamente.*) A... “Patética”...

XEPA

Ou isso. Mas, falando cá pra nós, o maior mesmo é o Chico Alves. É o maior!

MANFREDO

(*Imperturbável, educadíssimo*) Há músicas populares interessantíssimas... Mas... indo ao que me traz... a senhora sabe que eu e sua filha nos queremos, não é? Creio conhecê-la bem e poder fazê-la feliz. Madame Losano, tenho a honra de pedir-lhe a mão da senhorita Rosália.

XEPA

(*Emocionada*) A mão de?... Eu sabia... Enfim... Mas não calculava que já estivesse... Como direi?... Creia que este pedido, para mim, é totalmente inesperado. O senhor... eu... isto é... A minha filha, não é verdade? Mãe... é mãe... Compreende? “Je ne sais pas” nada de sua vida. Sei que o senhor deve ter cultura... Não é?... Deve ter

lido un livre, deux livres, trois livres... dix livres...
O seu emprego é efetivo?

MANFREDO

Ah, mas claro! Aliás... a nossa família... eu...
disponho, evidentemente, de certos recursos...
próprios e...

XEPA

E o senhor já falou com Rosália?

MANFREDO

Ela me honrou com a sua aquiescência.

XEPA

Aquí... o quê... hein! Sei... Mas ela disse sim ou
não?

MANFREDO

Sim, minha senhora.

XEPA

Bem... nesse caso... de minha parte também darei
o meu “oui”. Eu não sou dessas mães re... re...
ainda hoje de manhã eu sabia a droga dessa
palavra... dessas mães... oh, diabo!... que é mesmo
que eu não sou?... Dessas mães retrógradas...
Isso... Dessas mães retrógradas, que “empatam” a
felicidade dos filhos. Casem e “sejem” felizes.

MANFREDO

Oh, minha senhora! Aliás... se a senhora, algum
dia, tiver a curiosidade de me conhecer melhor...
de estudar a minha ascendência... a minha árvore
genealógica...

XEPA

O senhor também tem?!

MANFREDO

O quê, minha senhora?

XEPA

Árvore.

MANFREDO

Mas evidente!

XEPA

Ótimo! Olhe... Eu ainda estou escolhendo as
armas da minha família... Calcule o senhor que
até ontem a gente não tinha árvore. E eu com
uma bruta inveja... com uma inveja doente... de
todas as minhas amigas... senhoras da melhor
sociedade... Todas elas só falavam na tal árvore:
e porque a minha árvore isso... e porque a
minha árvore aquilo... e porque a minhas árvore
é maior que a sua... E porque meu avô, o
barão... e o conde... e o visconde... E eu danada
para descobrir a minha. Pois imagine que, por
dois mil cruzeiros, o professor Raymond
descobriu que a gente é unha e carne com o
imperador! O homem descobriu uma árvore
com cada galho desta idade.

MANFREDO

Não é que isto tenha a menor importância... mas
o meu falecido avô, o barão... cheio de
preconceitos... jamais teria consentido...

XEPA

Ah, ele era barão?

MANFREDO

Era...

XEPA

E como foi que ele arranjou esse “galho”?

MANFREDO

A senhora não sabe? O meu bisavô e o meu avô...
eram fornecedores de vinhos do Paço Imperial.

XEPA

Armazém de secos e molhados.

MANFREDO

Por quem é, minha senhora! Vinhos finos,
madame! Vinhos franceses!

XEPA

Aaaah!

MANFREDO

Poderia ver sua filha para transmitir-lhe a grata
notícia do seu consentimento?

XEPA

“Mais oui”! Evidente! Claro que pode! (*Num
berro*) Rosaaaaaaaalia! (*Cai em si quando Rosália
aparece e diz docemente:*) Rosália, meu bem, o dr.
Manfredo acaba de pedir sua mão. Felicidades,
minha filha.

ROSÁLIA

(*Num arroubo de alegria*) Oh, mamãe! A senhora
consente! (*Abraça-a.*)

XEPA

Consinto, minha filha. (*Baixinho*) Que surpresa
idiota é essa?

MANFREDO

Peço licença, Madame Losano, para ir comunicar
à senhora minha mãe a grata notícia do seu
consentimento.

XEPA

Não faça cerimônia.

MANFREDO

Então, com a sua licença.

XEPA

Au revoir!

ROSÁLIA

(*Hipócrita*) Com sua licença, mamãe. Boa noite.
(*Beija-a e sai acompanhando Manfredo. Xepa fica
só. Só e feliz. Esfrega as mãos. De repente, pega no
jornal e o olha displicentemente. Súbito, ao virar
uma página, encontra algo que a assombra, deixa-a
aflita e quase rompe num grito.*)

XEPA

Ângelo! Ângelo! (*Ângelo surge.*) Que é isso, Ângelo?

ÂNGELO

A signora já leu?

XEPA

Lí, mas não compreendi... Que é isso?

ÂNGELO

Ma si a signora já leu...

XEPA

Lí, mas não compreendi. Que quer dizer isso?

ÂNGELO

Io ché vô sapê?

XEPA

Mas você não está vendo que isso não pode ser verdade? Oh, meu Deus!

ÂNGELO

Mbé... questo lo dice il giornale.

XEPA

Mas deve ser engano.. Pergunte... Telefone... Depressa. Coitado do meu filho!

ÂNGELO

Calma, aa signora sape como sô il giornale. Pote sê verdade, pote no sê.

XEPA

E por que você não me disse logo? Por que esperou esse tempo todo?

ÂNGELO

Io esperê? Ma aa signora no me dexô falá. (*Ela começa a agitar-se, aflita, de um lado para outro.*) Sora Sciepa... Non c'è motivo pra signora ficá nervosa, capisce?

XEPA

Minha nossa senhora! Minha mãe do céu!

ÂNGELO

Sô cosa... Acontece... Claro...

XEPA

"Sô cosa... Acontece... Claro"... Mas o senhor compreendeu? O senhor sabe o que está dizendo?

ÂNGELO

Ma si stá claro come la luce del giorno!

XEPA

Então é verdade... O invento do meu filho... vai ser usado para matar. Para destruir!

ÂNGELO

Próprio cosi.

XEPA

É o Édison que não sabe disso! Ele precisa saber... Ele deve...

ÂNGELO

Come no sabe? Lo deve sapere.

XEPA

É mentira! Não sabe. E se sabe não consente... Ele

devia ter falado comigo. E o senhor?... Por que fica aí, parado feito um poste? Por que não me explica direito? Não vê que eu preciso compreender, seu Ângelo?

ÂNGELO

(*Pegando o jornal e lendo*) Bene. Il giornale dice: "O invento de Édison Losano terá ampla aplicação nos campo de bataglia... dato il suo straordinario potere destruttore. A válvula isocrônica..."

XEPA

Val... (*Arrancando-lhe furiosamente o jornal das mãos*) Ah então era isso? A válvula isocrônica era o poder destruidor, não era?

ÂNGELO

Era. Ma no precisa ficá nervosa.

XEPA

(*Desesperadíssima*) Mas quem é que está nervosa? O invento do meu filho vai fazer explodir uma cidade... Dá pra não ficar nervosa?

ÂNGELO

Ma calma, porca miséria! Ediso no tê culpa. No é egli che usa l'invenzione.

XEPA

Ninguém me explicou que esse negócio de moléculas dava nisso. Todo mundo só me falava no tal de "porguesso da ciência"... Mas que tudo isso era para destruir ninguém me explicou. Eu pensei que o invento do Édison era uma coisa como o rádio, o telefone, a máquina de lavar roupa, a televisão...

ÂNGELO

Ma l'invento di Ediso tombé serve pra muita cosa buona, utile.

XEPA

Não, não me engane. Eu não vou poder dormir, seu Ângelo. E depois... com que cara eu vou olhar as outras mães? E as mães que tiverem filho morto por causa do invento do meu filho? Já imaginou as pragas que elas vão me rogar? Já calculou os despachos que vão aparecer na minha porta?

ÂNGELO

Ma compreenda, signora. Chi resolve questa cosa non é Ediso, capisce? No adianta evitare.

XEPA

Como é que não adianta? Tem que adiantar!

ÂNGELO

Ma compreenda! Su figlio non inventó gli microbi. Se algué usa isso pra destruire che cupa té suo figlio? É la marscia de la scienza.

XEPA

Pois então mande a ciência marchar pro raio que

a parta! A marcha da ciência!...
(*Édison entra da rua.*)

ÉDISON

Boa noite, seu Ângelo. Boa noite, mamãe. (*Beija-a.*) Está tudo resolvido. Hoje “bolei” a última coisa que faltava. O ovo de Colombo! Agora a válvula isocrônica vai ser uma realidade e o aparelho vai funcionar cem por cento. Mas que caras são essas? Que houve?

XEPA

Meu filho... (*Longa pausa. Expectativa*) O seu aparelho serve... para quê?

ÉDISON

(*Hesitante e querendo desconversar*) Como... para que? A senhora não sabe?

XEPA

Não, Édison. Isso você nunca me explicou. O aparelho serve para quê?

ÉDISON

Ora, mamãe!... Serve... para uma porção... de coisas...

XEPA

(*Implacável*) Que coisas?

ÉDISON

Tem... uma porção de aplicações.

XEPA

Que aplicações?

ÉDISON

Por exemplo... por exemplo, orientar aviões... permanentemente... A senhora sabe... Se um avião... O rendimento de certas máquinas... Uma máquina que produz xis... depois de aplicado o meu invento... ela passa... automaticamente... não é? Mas...

XEPA

Que mais?

ÉDISON

Ora, mamãe!

XEPA

Pra matar, não é?
(*Entra Rosália.*)

ÉDISON

A senhora não compreende, mamãe! É o progresso... Os maiores cientistas do mundo estão trabalhando nisso. A física...

ROSÁLIA

É lógico! E se o Édison não entregar o aparelho... os outros inventam logo.

ÉDISON

Pois é. Além disso, tudo depende do uso que se faça, mamãe. Uma faca... por exemplo... pode servir para cortar pão... para operar uma apendicite ou para matar. Depende da mão que a usa.

ROSÁLIA

Claro! Ele não é dono do progresso, mamãe. Se ele não entrega o invento, no fim de um mês todos os cientistas do mundo resolvem a mesma coisa.

XEPA

Que resolvam!... Imagine... Édison... imagine que o seu aparelho seja usado contra a vila em que nós morávamos... Contra a nossa vila! Imagine que o aparelho mata a Guiomar, o seu Ângelo, o José, a nossa casa, o sorveteiro, a Hilda, as meninas da ciranda, o vendedor de modinhas e até aquela unha-de-fome que...

ÂNGELO

Magine ché! Questo no vá a sucedê aqui.

ROSÁLIA

Mamãe! A senhora sabe o que este invento custou ao Édison?

XEPA

O que ele custou ao Édison! Sei o que esse invento custou a mim.

ROSÁLIA

Mas a senhora só está pensando em si. Não está olhando a felicidade dos seus filhos. Como é que a senhora pode dizer um coisa dessas? Se Édison desistisse... adeus posição... adeus casamento... adeus tudo.

XEPA

Ah, quer dizer que o homem só casa com você por causa do invento de seu irmão?!

ROSÁLIA

Não é isso, mamãe! Eles são de outro nível, percebe? Com o invento de Édison nossa família também ficou importante. É preciso que a senhora compreenda, mamãe. Nós não somos ninguém. Não temos brasões. Afinal de contas... quais são as armas da nossa família?

XEPA

(*Com revolta e amarga ironia*) As armas da nossa família! As armas da nossa família são os seus primos Neca e Toninho plantando milho e mandioca. As armas de nossa família é o compadre Benedito plantando café. As armas da nossa família é o seu pai, que me deixou na miséria e pegando no pesado, dia e noite, no sítio e no mercado, para fazer meus filhos crescerem e lhes dar educação para que um dia eles levantem e perguntem pelas armas da família. (*Com desprezo*) As armas de nossa família!

ROSÁLIA

Mas a senhora não vai querer o absurdo de Édison desistir de tudo!

XEPA

Pois é isso mesmo que eu quero!

ROSÁLIA

Mas seria a nossa ruína! A senhora já pensou? Os financiadores do invento vão querer tudo de volta. Teremos que voltar ao começo. Teremos que voltar para a vila. E todos eles vão dizer que o Édison fracassou e que é doido como o pai. Seremos motivo de riso e zombaria de toda a cidade.

XEPA

Deixa rir, minha filha. Deixa rir.

ROSÁLIA

E você, Édison? Por que não diz nada?

ÉDISON

Confesso que há dois meses não consigo dormir. Ando num tremendo conflito... de consciência. Não sei... Às vezes penso que mamãe é capaz de ter razão... Penso, às vezes... Quem sabe se não foi por isso que papai nos deixou... abandonou seus inventos sérios e se dedicou a coisas extravagantes e absurdas... para fugir deste beco em que eu vim parar?

ROSÁLIA

Você não está querendo...

ÉDISON

(Sem ouvi-la) Hoje, mamãe... passei pela vila e ouvi um garoto dizendo o seu nome. Ele disse "Dona Xepa"... Mamãe!... Aquilo me soou como se fosse música de igreja... como se Xepa fosse o nome mais lindo do mundo!... Ele disse "Dona Xepa" como se Xepa fosse nome de santa... Foi na boca daquele menino que eu descobri quem é minha mãe...

ROSÁLIA

Você não pretende deixar-se levar por esse sentimentalismo idiota, Édison. Dentro de duas semanas outros cientistas resolvem o mesmo problema e...

XEPA

Deixe que resolvam! Os outros cientistas não são meus filhos.

ROSÁLIA

Mas nada do que a senhora teme vai acontecer aqui!

XEPA

Não é só o lugar que tem importância. Pode acontecer em qualquer vila deste mundo de Deus. Existe uma porção de vilas como a nossa... Eu sei... Com crianças brincando de roda, vizinhos brigando e gente lutando para ganhar o pão. Em todo mundo há vilas de gente pequenina, gente que nem sabe por que está no mundo, xepa de

gente que vive pagando sem saber por quê. Gente que só quer sossego, apagar vela em bolo de aniversário, comer castanha no Natal, um domingo na Quinta, um milho na cobra e uma novela. Só isso. Gente que só quer dinheiro pros sapatos dos meninos e pro ajantorado de domingo com pastel de camarão. A minha gente, meu filho. A nossa gente. E é essa gente que você quer matar?!

ROSÁLIA

A senhora ainda não percebeu. Os outros resolvem e...

XEPA

(Num berro) Deixa que resolvam! *(Com tristeza amarga)* Os filhos crescem, ficam cheios de diploma, ficam com jeito e cara de doutor e não ouvem mais a mãe de ninguém. Quando Édison era menino... perguntava sempre: "Mãe, posso fazer isso? Mãe, posso brincar de gude? Mãe, posso pular carniça?" Você não me perguntou, Édison... Você não me perguntou: "Mãe, posso inventar máquina de matar?"

ROSÁLIA

Mamãe não sabe o que diz.

XEPA

(Sem lhe dar atenção, dirigindo-se a Édison) Mas como é que você pode inventar uma coisa que pode acabar com a vida dos outros? Como é que você vai poder dormir, Édison?! Falar, Édison?! Comer, Édison?!... Se num instante qualquer... pode explodir uma cidade e a culpa ser toda sua?

ROSÁLIA

A senhora não compreende.

XEPA

Sim, eu sou ignorante, meus filhos. Não sei nada dessas coisas complicadas que vocês estudaram... Mas, aqui dentro, tenho uma coisa que não explica as palavras, mas explica os sentimentos. Eu não poderia mais comer, nem vestir, nem olhar para tudo isso. Cada coisa desta casa, cada pedaço de pão, cada vestido, vai custar tanta vida! Não, Édison. Eu sei o que é isto para você. Juro que sei. Mas não foi para isto que eu me matei. Não foi para isto que eu vivi essa vida cachorra para poder dar tudo a meus filhos. Não foi para isto que eu suporrei a vergonha de ver meus filhos com vergonha de mim. Não foi para isto que eu fui matando todos os meus sonhos... um por um... *(porque até gente como eu também sonha, meu filho)*... como se fosse erva ruim. Não foi para isso que eu engoli... todo esse ridículo... todos os deboches e os risinhos dos que viviam rindo dessa Xepa que queria se educar, que queria

se acostumar com o novo ambiente dos filhos. Meus filhos! Tudo pelos meus filhos. Tudo para os meus filhos. Adeus!

ÉDISON

Mamãe!

XEPA

Este não é o meu lugar... O meu lugar é na vila... Você quer ficar... fique... Você quer inventar máquina... Você pode inventar máquina, sim... Mas máquina de consolar mãe aflita... Máquina de fazer rir criança de hospital... Máquina de curar... Máquina de fazer parar as máquinas de matar... Máquina de espalhar brinquedo em dia de Natal... e bala em dia de Cosme e Damião... Máquina de matar a dor... Máquina de conservar a vida e de conservar a flor... Foi você mesmo quem me explicou, meu filho... Quero que você seja como o outro Édison... Quero que você invente máquina que não me envergonhe... Máquina com que eu possa dizer às outras mães, de cabeça levantada: “Minha senhora, eu sou a Xepa... e se a senhora pode usar essa máquina, aí, foi porque o meu filho Édison inventou. O meu filho... minha senhora...” E as mães de todas as vilas, de todo o mundo, vão repetir baixinho: “Obrigada, dona Xepa. Aquela é a Xepa, conhece? A mãe do Édison... O grande inventor...” E quando eu passar pelo mercado, toda aquela

gente vai juntar em torno de mim, vai me olhar com inveja, e eu poderei contar como quem conta uma história de fadas: “Era uma vez o meu filho Édison ...” E quando eu morrer, meu filho, poderei olhar Nosso Senhor frente a frente. E quando me perguntar: “E você?... Quem é?... eu lhe direi... “Eu sou Xepa”... E Ele não vai se envergonhar de mim... porque Ele era carpinteiro e eu sou do mercado!... Adeus.

APOTEOSE MUSICAL

(Há uma mudança rápida de cenário e aparece a Xepa voltando para a vila acompanhada do filho. Essa mutação é feita escurecendo rapidamente a cena. As paredes do cenário giram e surge a vila. Os móveis desaparecem de cena. O próprio vestido de Xepa é o antigo, o velho, pois debaixo do que vestia no terceiro ato a atriz já traz o anterior. Enquanto a música cresce e mãe e filho caminham em direção à vila, ouvem-se frases gravadas:)

“Como vai, dona Xepa?”

“Até logo, dona Xepa!”

“Boa noite, dona Xepa!”

“Adeus, dona Xepa!”

(Mãe e filho caminham abraçados até o fundo, de regresso à vila pobre. A música cresce.)

FIM

**O nome “válvula isocrônica” e vários dos que surgirão do invento são fictícios.*

ATENÇÃO - AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas pela revista *Teatro da Juventude* poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, em todo o território nacional, bem como por amadores filiados a bibliotecas, clubes e outras entidades culturais e sociais, livres de pagamento de direitos autorais, **desde que autorizadas pelo autor ou pela SBAT**

– Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc., estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela SBAT (Avenida Ipiranga, 1.123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011).

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los, sem compromisso, à Comissão de Teatro. Estes devem ser digitados ou datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista. As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel. : _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de _____ a _____ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907

PEÇAS PUBLICADAS NA TEATRO DA JUVENTUDE

Edição 01 (Agosto de 1995)

História do Barquinho _____ Ilo Krugli
 A Pílula Falante _____ Monteiro Lobato – Adap. Júlio Gouveia
 A Sopa de Pedra _____ Tatiana Belinky
 Trávelindepraglutifitotinelux _____ Roberto Freire
 Lambe-Beijos e seu Criado Cata-Farelos _____ Fábio Gaia
 A Moreninha _____ Miroel Silveira

Edição 02 (Outubro de 1995)

Pinóquio – Collodi _____ Texto de Alceu Nunes
 O Gigante _____ Walter Quaglia
 Os Dois Tímidos– Eugéne Labiche _____ Trad. Osmar Cruz
 Uma Consulta _____ Arthur Azevedo*
 Cena de Natal _____ Renata Pallottini
 Boa Noite, Felipe _____ Jair Therezinha Aguiinsky Dânia
 O Segredo de Natal _____ Hagar Aguiar Caruso

Edição 03 (Dezembro de 1995)

Tremembé Jones contra Kong-Kong _____ Chico de Assis
 Tronodocrono _____ Gabriela Rabelo e José Rubens Siqueira
 Fofó, meu amor _____ Ricardo Gouveia
 Aves exóticas voam para Vazabarris _____ Décio Gentil e Adir de Lima

Edição 04 (Fevereiro de 1996)

Cegonha boa de bico _____ Marilu Alvarez
 Soltando o verbo _____ Zecarlo de Andrade
 Buchicho _____ Gilda Vanderbrande
 Este ovo é um galo _____ Lauro Cesar Muniz

Edição 05 (Abril de 1996)

O Castelo de Mulumi _____ Jurandyr Pereira
 Feitiço da Vila _____ Zeca Capelini e Claudia Dalla Verde
 Capital Federal _____ Arthur de Azevedo*

Edição 06 (Junho de 1996)

A flautinha de Uirá _____ Stella Leonardos
 Cupido e Stanislavsky _____ Ricardo Gouveia
 Arena conta Tiradentes _____ Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal

Edição 07 (Agosto de 1996)

E as bruxas foram à Lua _____ Roberto Rocha Coelho
 O palhaço do Planeta Verde _____ Hilton Have
 Parlapatões, Patifes e Paspalhões _____ Hugo Possolo
 Maldita Parentela _____ França Júnior*
 Quem casa, quer casa _____ Martins Pena*

Edição 08 (Outubro de 1996)

Quem casa quer casa – ou não? _____ Tatiana Belinky
 A ver Estrelas _____ João Falcão
 Farsa da boa preguiça _____ Ariano Suassuna*

Edição 09 (Dezembro de 1996)

O palhacinho triste e a rosa _____ Maria Cecília Oliveira Marques
 Canção de Assis _____ Júlio Fisher
 Canção de Natal _____ Ricardo Leite
 As aventuras de Ripió Lacraia _____ Chico de Assis

Edição 10 (Fevereiro de 1997)

Libel e o Palhacinho _____ Jurandyr Pereira
 Somos todos do jardim da infância _____ Domingos de Oliveira
 Uma vendedora de recursos _____ Gastão Tojeiro*
 Uma lição longe demais _____ Zeno Wilde

Edição 11 (Abril de 1997)

O ovo de Páscoa trincado _____ Sylvia Lee
 Colombo – O novo mundo _____ Walter Quaglia
 Em moeda corrente do país _____ Abílio Pereira de Almeida

Edição 12 (Junho de 1997)

Um certo patinho feio _____ Gilda Vanderbrande
 Enquanto se vai morrer _____ Renata Pallottini
 Mumu, uma vaca metafísica _____ Marcílio Moraes

Edição 13 (Agosto de 1997)

Crocódilo do Nilo _____ Zeca Capellini, Cláudia Dalla e Lica Neaime
 O Violino Mágico _____ Júlio Fischer
 Feitiço dos Deuses _____ Marilu Alvarez
 Nó de quatro pernas _____ Nazareno Tourinho

Edição 14 (Outubro de 1997)

Praça de Retalhos _____ Carlos Meceni
 Festa de Natal _____ Maria Vera Siqueira
 A magia dos brinquedos _____ Rita Marta Mozetti
 A história de Tião Bolero _____ Hugo Possolo
 O evangelho segundo Zebedeu _____ César Vieira

Edição 15 (Dezembro de 1997)

Mestre Esopo e seus bichos muito loucos _____ Analy A. Pinto e Maria Eugênia Di Domenico
 O Testamento do Cangaceiro _____ Chico de Assis
 Eles não usam black-tie _____ Gianfrancesco Guarnieri

Edição 16 (Fevereiro de 1998)

Miss Canil, um Besteiro Infantil _____ Ewa Procter
 Aleijadinho aqui e agora _____ Lafayette Galvão
 O macaco da vizinha _____ J. Manuel Macedo*

Edição 17 (Abril de 1998)

Viagem ao faz de conta _____ Walter Quaglia
 Namoro _____ Índer Miranda Costa
 Uma Rosa para Hitler _____ Roberto Vignati e Greggi Filho
 Pedro e Domitila _____ Ênio Gonçalves

Edição 18 (Junho de 1998)

Chapéu, Chapélo & Cia _____ Ivan José Cardoso Henrique da Cunha e Fausto Brunini Júnior
 Cala a boca já morreu _____ Luís Alberto de Abreu
 Como se faz um deputado _____ França Júnior*

Edição 19 (Agosto de 1998)

Lampião e Maria Bonita no reino divino _____ Annamaria Dias, Letra/Música Gilda Vanderbrande
 De manhã é mais gostoso _____ Izaias Almada
 Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela _____ Leilah Assunção

Edição 20 (Outubro de 1998)

Os Magos de Belém _____ Gilda Vanderbrande
 Apolo & As super-gatinhas _____ Hermes Altemani & Nery Gomide
 Pedro Mico _____ Antonio Callado
 Você tem medo do ridículo, Clark Gable? Ou Somos o que somos _____ Analy A. Pinto
 Novo Othelo _____ J. Manoel de Macedo*

Edição 21 (Dezembro de 1998)

A lira dos vinte anos _____ Paulo César Coutinho
 O crime da cabra _____ Renata Pallottini
 A receita _____ Jorge Andrade

Edição 22 (Fevereiro de 1999)

Donança faz Quitutes _____ Fábio Gaia
 O Namorador ou A Noite de São João _____ Martins Pena*
 O Líder _____ Lauro César Muniz
 Barbosinha Futebol Crubi _____ César Vieira

Edição 23 (Abril de 1999)

Na Festa de São Lourenço _____ José de Anchieta*
 Guerras do Alecrim e da Manjerona _____ Antônio José, O Judeu*
 Leonor de Mendonça _____ Gonçalves Dias*

Edição 24 (Junho de 1999)

O Noviço _____ Martins Pena*
 A Torre em Concurso _____ Joaquim Manoel de Macedo*
 O Demônio Familiar _____ José de Alencar*

Edição 25 (Agosto de 1999)

Lição de Botânica _____ Machado de Assis*
 Caiu o Ministério _____ França Júnior*
 O Mambembe _____ Arthur Azevedo e José Piza*

Edição 26 (Outubro de 1999)

A Casa Fechada _____ Roberto Gomes*
 Onde Canta o Sabiá... _____ Gastão Tojeiro
 Flores de Sombra _____ Cláudio de Souza*

Edição 27 (Dezembro de 1999)

Manhãs de sol _____ Oduvaldo Vianna
 As Noivas _____ Paulo Gonçalves
 Cala a Boca, Etevlina!... _____ Armando Gonzaga

Edição 28 (Fevereiro de 2000)

Deus lhe Pague _____ Joracy Camargo*
 A morta _____ Oswald de Andrade
 Santa Marta Fabril S.A. _____ Abílio Pereira de Almeida

*Peças de domínio público.

FOTOLITO E IMPRESSÃO



IMPrensa Oficial
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Tel.: (011) 6099-9457/6099-9529
CNPJ 48.066.047/0001-84
<http://www.imesp.com.br>

TINSI
 ÉDEALENCARMACHAL
 EVEDOFRANÇAJUNIOR
 AOTOJEIROJORACYCAMARGO
 JRADESILVEIRASAMPAIONELSONE
 ILIODEALMEIDAJORGEANDRADE
 DNIERFODUVALDOVIANNAFILHOCHICODE
 SARMUNIZARIANOSUASSUNASÉ
 GOMESJOÃOBITENCOURT
 APALOTINICONSUELODE
 OISABELC/MARAJÓ
 EBIANTONIOBIVARM
 TAÍDEMARIOPRATA
 JOSÉDEANCHI
 SMARTINSPE
 SÉDEA
 AZEVED
 TÁOT
 AD

500 Anos de Dramaturgia Brasileira

